



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



TAINÁ MATOS LIMA ALVES BOAVENTURA

**HIPEREDIÇÃO DO LIVRO INÉDITO *FLÔRES E ESPINHOS* DE EULÁLIO
MOTTA**

TAINÁ MATOS LIMA ALVES BOAVENTURA

HIPEREDIÇÃO DO LIVRO INÉDITO *FLÔRES E ESPINHOS* DE EULÁLIO MOTTA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual de Feira de Santana, para obtenção do título de doutora em Estudos Linguísticos.

Orientador: Professor Dr. Patrício Nunes Barreiros

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó - UEFS

B636h

Boaventura, Tainá Matos Lima Alves
Hiperedição do livro inédito Flôres e espinhos de Eulálio Motta / Tainá
Matos Lima Alves Boaventura – 2024.
126 f.: il.

Orientador: Patrício Nunes Barreiros
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana, 2024.

1.Filologia. 2. Humanidades digitais. 3. Hiperedição. 4. Eulálio Motta.
I. Barreiros, Patrício Nunes, orient. II. Universidade Estadual de Feira de
Santana. III. Título.

CDU 869.0(81).09

TERMO DE APROVAÇÃO

TAINÁ MATOS LIMA ALVES BOAVENTURA

HIPEREDIÇÃO DO LIVRO INÉDITO *FLÔRES E ESPINHOS* DE EULÁLIO MOTTA

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 18 de junho de 2024.

Banca examinadora:



Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

Orientador



Profa. Dra . Alícia Duhá Lose

Universidade Federal da Bahia – UFBA



Prof. Dr. Arivaldo Sacramento de Souza

Universidade Federal da Bahia – UFBA



Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS



Prof. Dr. Miguel Rettenmaier da Silva

Universidade de Passo Fundo-UPF-RS

Para Liz, minha amada sobrinha,
tua existência ressignificou a
minha.

AGRADECIMENTO

A Deus, que não desistiu de mim- meu sustento e minha cura.

À agência de fomento Fapesb pelos subsídios que viabilizaram a realização deste trabalho.

À família de Eulálio Motta, pela sensibilidade na doação do acervo do autor que oportunizou a realização desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Patrício Barreiros, pelos ensinamentos, paciência, e incentivo e, principalmente, pela confiança que depositou em mim, apostando neste trabalho que tanto contribui para meu crescimento intelectual.

Ao Prof. Dr. Arivaldo Sacramento, pelas valiosas contribuições, pelo olhar crítico e atento e pela generosidade de partilhar seus conhecimentos.

À Profa. Dra. Alícia Lose, pela generosidade, gentileza e por todo conhecimento compartilhado desde o mestrado.

À Profa. Dra. Liliane Barreiros, pelas contribuições e partilhas no decorrer desses onze anos de pesquisa.

Ao Prof. Dr. Miguel Rettenmaier, por ter aceitado participar desse processo de pesquisa desde o exame de qualificação, pelas importantes contribuições dadas a este trabalho.

A todos os professores, funcionários, amigos e colegas que fiz no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL

A todos aqueles, que direta e indiretamente, contribuíram para a realização desse estudo.

Muito Obrigada!

Mas, quase sempre a dor é passageira:
Enquanto o sol, tristonho, ia sumindo,
A lua vinha pálida surgindo (Motta,
1926, f. 2r°).

O texto eletrônico, tal qual o conhecemos,
é um texto móvel, maleável, aberto. O
leitor pode intervir em seu próprio
conteúdo e não somente nos espaços
deixados em branco pela composição
tipográfica. Pode deslocar, recortar,
estender, recompor as unidades textuais
das quais se apodera (Chartier, 2002, p.
25).

RESUMO

A presente tese, intitulada *Hiperedição do livro inédito Flores e espinhos, de Eulálio Motta* trata da edição e estudo do inédito *Flôres e espinhos*, que faz parte do acervo do escritor baiano Eulálio de Miranda Motta, disponibilizada na internet através do domínio <https://floreseespinhos.com.br/>. Entende-se que as práticas editoriais, que estão sendo realizadas na contemporaneidade, compreendem os arquivos de escritores como espaços em que textos e paratextos dialogam, podendo ser estudados em suas relações, já que cada obra carrega consigo uma infinidade de contextos relacionados a ela. Eulálio de Miranda Motta escreveu por mais de seis décadas e guardou em seu acervo vários projetos de publicação, textos manuscritos, datiloscritos e impressos, obras passadas a limpo, excertos em processo de construção, que dão um tom de laboratório ao seu acervo pessoal. Entre os projetos de publicação destaca-se *Flôres e espinhos*, esboçado pelo autor em outro caderno manuscrito intitulado *Caderno Lágrimas*. No projeto, o escritor indica, de forma categórica, a sua intenção editorial. Este trabalho buscou refletir epistemologicamente os rumos da Filologia na contemporaneidade bem como compreender a sua práxis no campo das Humanidades Digitais na edição do *corpus* supracitado. Isto é, a Filologia não mais como campo de estudo que se preocupa exclusivamente com a restituição dos textos; com a recuperação dos originais perdidos ou com os textos de última vontade do autor. Nesse sentido, editar textos que integram um conjunto documental de natureza diversa, como neste caso, reclama do filólogo, uma abordagem interdisciplinar, que versa sobre possíveis e necessárias aproximações entre campos disciplinares diversos, atualizando e revendo sua prática editorial, e também, um redimensionamento para a noção de obra e de texto, tendo em vista que os documentos arquivados estão interligados por uma rede de sentidos. A metodologia aliou os estudos e métodos da filologia às pesquisas no âmbito das Humanidades Digitais. Como referencial teórico e metodológico, a pesquisa se baseou nas próprias fontes documentais preservadas no acervo e os estudos até então desenvolvidos pelos próprios pesquisadores dos projetos de pesquisa; nos estudos da Sociologia do Texto, Filologia e Humanidades Digitais. Discute-se, aqui, o projeto editorial esboçado pelo autor e o estudo é subsidiado por reflexões interdisciplinares que perpassam os campos da Crítica Textual e Crítica Genética; pelos estudos sobre Memória e Acervos de Escritores e pela Crítica Filológica.

Palavras-chave: Filologia; Humanidades Digitais; Hiperedição; Eulálio Motta; *Flôres e espinhos*.

ABSTRACT

This thesis, entitled *Hyperedition of the unpublished book “Flôres e Espinhos” by Eulálio Motta*, addresses the editing and study of the unpublished *Flôres e Espinhos*, which is part of the collection of the Bahia-based writer Eulálio de Miranda Motta, made available on the internet through the domain <https://floreseespinhos.com.br/>. It is understood that contemporary editorial practices encompass writers' archives as spaces where texts and paratexts interact and can be studied in their relationships, as each work carries with it a multitude of related contexts. Eulálio de Miranda Motta wrote for over six decades and kept various publishing projects, handwritten texts, typewritten documents, and printed works in his collection, including cleaned manuscripts and excerpts in the process of development, which give a laboratory-like quality to his personal archive. Among the publishing projects, *Flôres e Espinhos* stands out, outlined by the author in another manuscript notebook titled *Caderno Lágrimas*. In the project, the writer categorically indicates his editorial intention. This work aimed to epistemologically reflect on the directions of Philology in contemporary times as well as understand its praxis in the field of Digital Humanities in the editing of the aforementioned *corpus*. That is, Philology is no longer a field of study concerned solely with the restitution of texts; with the recovery of lost originals or the author's final texts. In this sense, editing texts that are part of a diverse documentary collection, as in this case, requires the philologist to adopt an interdisciplinary approach, which involves possible and necessary connections between various disciplinary fields, updating and revising their editorial practice, and also a redefinition of the notions of work and text, given that archived documents are interconnected by a network of meanings. The methodology combined philological studies and methods with research in the field of Digital Humanities. As a theoretical and methodological framework, the research was based on the preserved documentary sources in the collection and the studies developed by the researchers themselves; in the studies of Text Sociology, Philology, and Digital Humanities. The editorial project outlined by the author is discussed here, and the study is supported by interdisciplinary reflections that span the fields of Textual Criticism and Genetic Criticism; studies on Memory and Writers' Archives; and Philological Criticism.

Keywords: Philology; Digital Humanities; Hyperedition; Eulálio Motta; *Flôres e espinhos*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Fotografias de Eulálio Motta.....	19
Figura 2	–	Livros publicados por Eulálio Motta.....	19
Figura 3	–	Cadernos do acervo.....	21
Figura 4	–	Panfleto <i>Opiniões</i>	23
Figura 5	–	<i>Fac-símile</i> da f. 45r. do <i>Caderno Luzes do Crepúsculo</i>	30
Figura 6	–	<i>Fac-símile</i> da f. 20r do <i>Caderno Luzes do Crepúsculo</i>	31
Figura 7	–	<i>Fac-símile</i> da f.6r.de <i>Canções de meu caminho</i> , 3ª edição.....	36
Figura 8	–	<i>Fac-símile</i> da f. 4v. de <i>Canções de meu caminho</i> , 3ª edição.....	37
Figura 9	–	Capa do caderno <i>Lágrimas</i>	39
Figura 10	–	<i>Fac-símiles</i> da f. 96 v do <i>Caderno Lagrimas</i>	40
Figura 11	–	Recorte do <i>Fac-símile</i> da f.111v do <i>Caderno Lágrimas</i>	41
Figura 12	–	<i>Fac-símiles</i> das f.111v e f.112r. do <i>Caderno Lágrimas</i>	41
Figura 13	–	<i>Fac-símile</i> da f.24r. do <i>Caderno Lágrimas</i>	43
Figura 14	–	<i>Fac-símile</i> da f.4r. do <i>Caderno Lágrimas</i>	44
Figura 15	–	<i>Fac-símile</i> do <i>Caderno Lágrimas</i> (f.8r).....	45
Figura 16	-	<i>Print</i> do site- transcrição linearizada.....	69
Figura 17	-	Página inicial do site.....	83
Figura 18	-	Modelo de ficha descritiva para dossiê.....	88
Figura 19	-	HTTPS.....	95
Figura 20	-	Certificado SSL.....	95
Figura 21	-	Paleta de cores do website <i>Flôres e espinhos</i>	97
Figura 22	-	Exemplo do processo de composição do cabeçalho.....	97
Figura 23	-	Recorte comparativo entre mão do autor e fonte Great Vibes.....	98
Figura 24	-	Página inicial da hiperedição.....	100
Figura 25	-	Exemplo de <i>links</i> para acesso externo.....	101
Figura 26	-	Copyright.....	102
Figura 27	-	Cláusula de reserva.....	102
Figura 28	-	Menu-sobre.....	103
Figura 29	-	Menu-sobre-outras edições relacionadas.....	104
Figura 30	-	Menu- o escritor.....	106
Figura 31	-	Menu- o projeto <i>Flôres e espinhos</i>	107

Figura 32 -	<i>Flip book do Caderno Lágrimas</i>	108
Figura 33 -	Menu- a edição.....	109
Figura 34 -	Edição- ordem alfabética.....	109
Figura 35 -	Edição- ordem cronológica.....	110
Figura 36 -	Edição- por forma poética.....	110
Figura 37 -	Edição- monotestemunhais.....	111
Figura 38 -	Edição- politestemunhais.....	111
Figura 39 -	Exemplo de edição linear.....	112
Figura 40 -	Exemplo de edição fac-similar.....	113
Figura 41 -	Exemplo de edição com <i>links</i>	114
Figura 42 -	Exemplo de confronto sinóptico.....	115
Figura 43 -	Exemplo de edição em PDF.....	116
Figura 44 -	Sanfona- versões.....	116
Figura 45 -	Sanfona- descrição.....	117
Figura 46 -	Sanfona- notas do editor.....	117
Figura 47 -	Menu- Contato.....	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Inventário.....	46
Quadro 2 – Sonetos do livro <i>Flôres e espinhos</i>	48
Quadro 3 – Poesias do livro <i>Flôres e espinhos</i>	49
Quadro 4 – Sonetos compõem a 3ª edição do livro <i>Canções do meu caminho</i>	49
Quadro 5 – Fontes testemunhais.....	50
Quadro 6 – Abreviaturas relativas aos textos de base para a edição (sonetos).....	89
Quadro 7 – Abreviaturas relativas aos textos de base para a edição (poesias).....	89
Quadro 8 – <i>Tags</i> HTML mais utilizadas na transcrição linearizada.....	114

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
1.1	ESTUTURA DA TESE	16
2	AS FLÔRES E OS ESPINHOS NOS ARQUIVOS DE EULÁLIO MOTTA	19
2.1	EULÁLIO MOTTA: FACES E FASES NOS PERCURSOS POÉTICOS	27
2.2	O INÉDITO <i>FLÔRES E ESPINHOS</i>	36
2.2.1	O corpus	46
2.2.2	Fontes testemunhais	50
3	A PRÁXIS FILOLÓGICA: PERCURSOS	53
3.1	FILOLOGIA EDITORIAL NA ERA DIGITAL	62
3.1.1	Edição digital: uma teia de textos	68
4	AS FLÔRES E OS ESPINHOS NA ELABORAÇÃO DE UMA HIPEREDIÇÃO	78
4.1	POR UMA FILOLOGIA DIGITAL DE <i>FLÔRES E ESPINHOS</i>	79
4.2	CONSTRUINDO A PROPOSTA EDITORIAL DE HIPEREDIÇÃO: CAMINHOS METODOLÓGICOS	85
4.2.1	As ferramentas e os programas utilizados na hiperedição de <i>Flôres e espinhos</i>	92
4.3	O WEBSITE: <i>FLÔRES E ESPINHOS</i>	96
4.3.1	A página inicial	98
4.3.2	A barra de menus	102
4.3.3	Menu: Sobre	103
4.3.4	Menu: O escritor	105
4.3.5	Menu: O projeto <i>Flôres e espinhos</i>	106
4.3.6	Menu: A edição	108
4.3.7	Menu: Contato	117
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
	REFERÊNCIAS	122

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa forma parte dos trabalhos ligados ao projeto de pesquisa *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta*, coordenado pelo Professor Dr. Patrício Nunes Barreiros, na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, cujo objetivo principal é editar as obras literárias inéditas de Eulálio Motta em formato impresso e digital, a partir das fontes disponíveis no acervo de Eulálio Motta, que foi doado pela família do escritor em 1999.

Eulálio de Miranda Motta faleceu em 1988, dedicou sua vida à atividade literária e deixou inédita grande parte de suas produções literárias que ele preservou em seu acervo. Entre as obras inéditas destacam-se aquelas registradas nos cadernos manuscritos que fazem parte do laboratório de escritor e revelam o processo de escrita literária.

Os primeiros cadernos foram escritos na década de vinte e os últimos na década de oitenta, possibilitando acompanhar a atividade intelectual e artística do escritor durante seis décadas (BARREIROS, 2009). Esses documentos também ganham relevância por conter grande parte da produção literária inédita de Eulálio Motta, constituindo-se em fontes para trazer à tona a obra do escritor. A primeira edição de textos inéditos de Eulálio Motta foi feita por Patrício Barreiros (2007), que publicou os sonetos do escritor. No total de 48 sonetos editados, 16 foram textos inéditos, conservados nos cadernos que também contêm 47 importantes testemunhos, favorecendo, dessa forma, a composição de um aparato de variantes autorais.

Além da publicação dos sonetos, os cadernos permitiram elaborar outras edições de projetos de livros esboçados por Eulálio Motta, ao longo de sua vida. Nos cadernos constam nove projetos de livros inéditos. *Flôres e espinhos* é um dos projetos que permanecia inédito. Esse livro foi planejado pelo escritor e registrado no final de um de seus cadernos manuscritos, intitulado *Caderno Lágrimas*, no qual há textos que abrangem o período de 1927 a 1949. O *Caderno Lágrimas* contém 57 folhas escritas no reto e no verso, foi escrito com instrumentos distintos, em tinta preta, azul e vermelha, e também a lápis. Além disso, também constam recortes de poemas publicados em jornais e revistas, colados nas folhas do caderno.

O *Caderno Lágrimas* contém textos diversas como crônicas, sumários, prefácio de livro e rascunho de cartas direcionadas a amigos do escritor. Trata-se, portanto, de um espaço de trabalho criativo e que revelam o cotidiano do escritor.

Os poemas que fazem parte do projeto esboçado por Eulálio Motta estavam dispersos em diversas fontes de seu acervo, mas a maioria encontra-se no *Caderno Lágrimas*. Esse caderno foi editado semidiplomaticamente pela então bolsista Manoela Peixinho, durante a

Iniciação Científica, em 2014. Outra fonte testemunhal é o *Caderno sem capa I*, editado por mim durante a Iniciação Científica (PEVIC-UEFS), em 2013, e resultou na monografia intitulada *Edição dos poemas do Caderno sem capa I, de Eulálio Motta* (Alves, 2015), defendida em 2015, no curso de Licenciatura em Letras com Língua Espanhola da UEFS.

Os textos de *Flôres e espinhos* possuem marcas que demonstram o processo de criação literária. As rasuras, alterações, acréscimos e supressões decorrentes desse processo de escrita e reescrita gerou uma grande quantidade de variantes autorais que me permitiram empreender um estudo do processo criativo do *corpus*, durante a pesquisa realizada no mestrado. No contexto, foi desenvolvido um estudo que objetivou a edição crítica em perspectiva genética das variantes dos poemas do livro *Flôres e espinhos*. Durante este trabalho e até o presente momento, a partir da pesquisa documental, foram identificados e editados vinte e quatro sonetos e doze poemas, totalizando trinta e seis textos, dos quarenta e oito listados pelo autor. Alguns já tinham sido publicados por Eulálio Motta em outros projetos editoriais, ou foram preservados em manuscritos, datiloscritos ou impressos e, os demais, lamentavelmente, até o momento, não foram localizados no acervo, nem em outras fontes de pesquisa.

O interesse em aprofundar a investigação sobre a obra do escritor baiano Eulálio de Miranda Motta surgiu após a edição já aludida dos textos do referido livro, que resultou na dissertação de mestrado intitulada *Edição do livro inédito Flôres e espinhos, de Eulálio Motta*, (Boaventura, 2018), defendida no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UEFS.

Percebi, portanto, a necessidade de continuar a pesquisa com o objetivo de realizar uma edição digital, explorando os novos suportes e estruturas para o texto por meio de uma hipermídia digital, de modo que contemple as múltiplas dimensões do *corpus*, devido a pluralidade dos textos e paratextos existentes no acervo do escritor e que possuem uma rede mútua de ligações entre si. Nesse sentido, busquei realizar uma edição digital de forma a explorar a dinamicidade que esse formato proporciona, gerando uma hipermídia digital, visto que a pluralidade textual do acervo estabelece uma rede de conexões com os textos do livro *Flôres e espinhos*, sendo imperativo que essas conexões fossem exploradas para ampliar os horizontes de leituras, interpretações e significados.

Portanto, editar os textos do livro *Flôres e espinhos* e apresentá-los, sem explorar suas relações com o conjunto documental ao qual eles pertencem, seria privar os leitores dos contextos de produção, circulação, recepção e apropriação, ou seja, dos reais significados desses textos. Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho é oferecer os poemas do livro inédito *Flôres e espinhos* reunidos num espaço digital online, de caráter híbrido, unindo certos

caracteres das edições fac-similar, semidiplomática, crítica e crítico-genética mediada pelos estudos filológicos na era das humanidades digitais.

Ao propor o estudo dos textos manuscritos pertencentes ao livro *Flôres e espinhos*, algumas hipóteses sobre a relevância desta pesquisa são levantadas. Sua importância evidencia-se na contribuição que este estudo pode trazer para o universo literário baiano e brasileiro, para que se estabeleça um real panorama da literatura nacional, incluindo vozes fora do cânone literário. Conforme aponta Queiroz (2008):

O levantamento, a seleção e a edição crítica de textos de autores baianos representam um ato de preservação do patrimônio literário, escritural e linguístico da Bahia e do Brasil [...] A importância desse tipo de trabalho está centrada na recuperação do texto como documento de uma ideologia, enquanto produto social e cultural (Queiroz, 2008, p. 93).

Nesse sentido, a atividade filológica, ao mesmo tempo em que foca seus interesses na edição do texto, contribui para a preservação das fontes documentais e conseqüentemente na reescrita da história da literatura brasileira.

No caso do escritor Eulálio Motta, seu acervo possibilita tanto a edição de textos inéditos, como permite-se também ampliar e fazer um estudo aprofundado das suas obras. A realização deste estudo permite explorar e revitalizar o texto literário a partir das memórias guardadas no acervo do autor; amplia as perspectivas de leitura dos textos literários, além de possibilitar ainda mais a exploração do texto em outras várias possibilidades de estudos e pesquisas, ao torná-lo público a leitores comuns e especializados

A publicação desses textos no meio digital e em sua materialidade: móvel, maleável e aberta, próprias da textualidade eletrônica, revelará aspectos literários, contextuais, bibliográficos e sócio-históricos que os constituem a fim de disponibilizá-lo para um público leitor. Sendo assim, os pesquisadores de acervos pessoais exercem a função de porta-voz, neste caso, do poeta Eulálio Motta e da literatura baiana, incluindo vozes das micro-histórias, ao passo que contribui na inserção e ampliação das mesmas no contexto da história da literatura baiana e nacional.

1.1 ESTRUTURA DA TESE

A tese aqui apresentada é composta por cinco seções, sendo a primeira uma breve *Introdução* que trata, de modo sucinto, da pesquisa e apresenta as seções posteriores. Dessa forma, a *Introdução* consta das considerações iniciais sobre a investigação, contextualizando-a

e também situando o universo da pesquisa. É explanada a minha motivação para desenvolvê-la, além disso, também é apresentado o tema, os problemas, as hipóteses, os objetivos e a justificativa do trabalho desenvolvido, bem como as abordagens teóricas utilizadas em cada seção.

A segunda seção, intitulada *As Flôres e os espinhos nos arquivos de Eulálio Motta*, apresenta o autor e a obra bem como trata de discutir e apresentar reflexões sobre o papel dos acervos, percebendo-os enquanto uma rede complexa de elementos que se comunicam entre si e estão interligados como um rizoma. Dessa maneira, os documentos do acervo são fontes significativas de informações históricas, políticas e socioculturais. Explicando, portanto, a necessidade de uma hiperedição do *corpus*. Apresenta um estudo a partir da problemática do inédito *Flôres e espinhos* de Eulálio Motta; das reflexões propostas pela história cultural das práticas de escrita; da sociologia dos textos e dos estudos de documentos de acervo de escritor.

Na terceira seção, de título *A práxis filológica: percursos*, discute-se o novo paradigma para a cultura escrita engendrada pelo advento da informática e seu desdobramento na atualidade que possibilitou, pela primeira vez, a existência do texto fora de uma superfície física; o surgimento de novas materialidades do texto no meio digital e uma nova condição dos textos, redimensionando as suas práticas culturais de produção, circulação e apropriação por meio das ferramentas computacionais. É apresentada algumas reflexões acerca da atuação filológica diante da proliferação crescente das redes de comunicação, especialmente, a internet, e de como tem sido possível ligar rizomaticamente os documentos de arquivos de escritores: cartas, fotografias, cartões, manuscritos, datiloscritos, cadernos, listas, livros e uma infinidade de documentos que integram o acervo e se relacionam intrinsecamente. Nesse sentido, discute-se como o modelo de hiperedição pode inserir os documentos paratextuais no fluxo da leitura e explorar o acervo do escritor de forma mais dinâmica. Expõe-se os pressupostos teóricos dentro da nova filologia e a assunção de um modelo de edição de caráter crítico para noções historicamente enraizadas sobre obra, autoria, originalidade, textualidade e materialidade etc., rompendo com a ideia de unicidade do texto, leitor passivo e neutralidade editor, que conduzi às abordagens nos mais diversos campos do saber, pelas mais variadas teorias que abarcam a pós-filologia. A edição de *Flôres e espinhos*, nesse sentido, foi pensada com ênfase no compartilhamento de métodos entre disciplinas.

Na quarta seção, *As Flôres e os Espinhos na Elaboração de uma Hiperedição*, discute-se a necessidade de se realizar uma edição que dê conta das particularidades do *corpus* que lida com uma diversidade de documentos que foram marcados por modificações e intervenções textuais em seus processos de produção e circulação, por isso, entendemos o potencial do meio

digital como suporte para a apresentação da edição dos textos poéticos, produzidos por Eulálio Motta, durante quase seis décadas, através de uma hiperedição. Apresenta a metodologia aplicada na elaboração da edição digital, a descrição do *corpus* editado, a composição dos dossiês arquivísticos, os critérios e princípios adotados, a estrutura e o funcionamento da edição, a descrição das páginas do site e a tecnologia utilizada no desenvolvimento da edição.

Por fim, a sexta e última seção tratará das *Considerações finais* em que são apresentadas as considerações da pesquisa empreendida, sintetizando os principais resultados dos elementos propostos, as limitações, as contribuições científicas, acadêmicas e sociais engendradas pela pesquisa realizada e o fechamento das ideias e questões que foram apresentadas na introdução e as sugestões para pesquisas futuras.

2 AS FLÔRES E OS ESPINHOS NOS ARQUIVOS DE EULÁLIO MOTTA

Eulálio de Miranda Motta foi um escritor baiano, nascido em 1907, na cidade de Mundo Novo. Ainda muito jovem inseriu-se no universo literário e também jornalístico. Iniciou sua atividade literária no começo da década de 1920 e produziu textos de diferentes gêneros como causos, crônicas, cordéis, sonetos, trovas etc. Dentre esses gêneros literários (preservados nos cadernos manuscritos, avulsos, datiloscritos e impressos - livros e jornais), destaca-se a dedicação do escritor para a composição de poemas, escrevendo-os desde o início de suas atividades literárias até o ano de seu falecimento, em 1988. Apesar de ter dedicado mais de sessenta anos de sua vida à atividade literária, Eulálio Motta publicou apenas três livros de poesias.

Figura 1 – Fotografias de Eulálio Motta.



Fonte: Acervo do escritor.

Em 1931, ele publicou seu primeiro livro *Illusões que passaram...* Em 1933, veio a lume o segundo, *Alma enferma*. O terceiro livro, *Canções do meu caminho*, teve duas edições. A primeira em 1948, editado pela tipografia do jornal *O Serrinhense* e a segunda em 1983, sem identificação da editora.

Figura 2 – Livros publicados por Eulálio Motta.



Fonte: Acervo do escritor.

Em relação ao gênero literário, além dessas produções também foram publicados alguns poemas dispersos em jornais, revistas e panfletos. Entre os anos de 1927 e 1929, Eulálio Motta publicou sonetos nas revistas *A Luva*, *Renascença*, *Vanguarda*; nos jornais *O Imparcial*, *Caderno da Bahia*, *Diário de Notícias* e *A Tarde*. Apesar de significantes, essas publicações representam menos de um terço de sua produção poética que se encontra inédita, conservada em manuscritos autógrafos no acervo do escritor. Nos seus arquivos constam alguns títulos e índices de livros que não chegaram a ser publicados.

Nesse sentido, documentação do seu acervo revela narrativas que contam histórias. Segundo Patrício Barreiros (2016, p. 237), “é assim que as experiências concretas podem ser transmitidas e apreendidas pelo outro. São as narrativas, enquanto discursos construídos, que permitem ao sujeito comunicar suas impressões do passado”.

No âmbito das Ciências Humanas, tem crescido cada vez mais o interesse pelos estudos de fontes primárias. Os documentos escritos, de modo geral, estão relacionados com a vida dos sujeitos, transformando-se em acervos pessoais que esboçam a memória pessoal e coletiva, pois é possível, por meio dos textos neles encontrados, conhecer as histórias, os costumes, os ambientes em que viveu o escritor e até mesmo a sua forma peculiar de representar a realidade que o circunda. Nesse sentido, os acervos de escritores são lugares estratégicos para a construção das identidades; espaços vistos como importantes fontes responsáveis por guardar e transmitir a história e a memória de um povo que ao longo da cronografia da sociedade tem recorrido às práticas culturais de produção e conservação de arquivos como fontes de evocação do passado.

No século XX cresceu o interesse pelos arquivos literários, atribuindo uma importância ímpar a manuscritos, papéis e documentos pessoais. As abordagens para com os textos literários passam a ser realizadas de forma mais ampla e aprofundada da obra literária. O objeto de estudo da literatura amplia-se a partir da variedade de textos relacionadas à produção intelectual do autor e de seus vestígios documentais.

Barreiros (2012) afirma que a pesquisa em acervos de escritores lembra o surgimento da ciência filológica, que nasceu do amor à poesia e se volta para a restauração, entendimento e explicação dos textos do rico acervo da cultura escrita do mundo Helênico.

Partindo do pressuposto de que a obra literária somente se concretiza no ato de ler, pode-se dizer que é o fluxo contínuo entre o texto e os leitores que revela a obra e o escritor, ou seja, sem leitores não há obra, não há escritor. Nesse sentido, a atividade de pesquisa em acervos de escritores, ao lidar com fontes primárias (textos inéditos, campanhas de escritura, anotações, esboços, rascunhos, etc.), tendo em vista a edição científica de textos literários, traz à

tona o escritor e sua obra, bem como contribui para a revitalização da memória literária que é patrimônio cultural de um povo (Barreiros, 2012, p. 21).

Segundo Candido (2000, p. 23), sistema literário define-se como “sistema de obras ligadas por denominadores comuns”. É esse sistema que permite que uma série de textos seja entendido como literatura. Ainda em relação aos acervos Rettenmaier (2009) sustenta que:

[...] as investigações literárias investem no estudo dos espólios pessoais dos autores. Tais espólios são confiados aos pesquisadores pelos herdeiros e, por esses pesquisadores, são reestruturados e classificados metodologicamente sob a denominação de “acervos literários” (Rettenmaier, 2009, p. 137).

Os acervos pessoais, geralmente, contêm objetos e documentos que remetem à vida de seus titulares. Esses acervos têm se tornado relevantes no campo da pesquisa literária, contribuindo para redimensionar a noção de obra e seu alcance, especialmente quando esse tipo de pesquisa se alia à edição dos textos.

Eulálio de Miranda Motta dedicou sua vida à atividade literária e deixou inédita grande parte de suas produções que foram preservadas em seu acervo. Dentre as obras inéditas, destacam-se 15 cadernos manuscritos (dois deles são exclusivamente de poesias e nos outros 13 contêm diversos tipos de textos, além de anotações pessoais) que fazem parte do laboratório do escritor e revelam o processo de sua escrita como o arquivamento de si e de seu contexto social. Os primeiros cadernos de Eulálio Motta foram escritos na década de 1920, e os últimos, na década de 1980, nesta perspectiva, os documentos do acervo nos possibilita acompanhar a atividade intelectual e artística do escritor durante seis décadas.

Figura 3 – Cadernos do acervo.



Fonte: Acervo do escritor.

Os 15 cadernos encontrados no acervo são manuscritos autógrafos, sendo eles: *Caderno sem capa 1*, *Caderno sem capa 2*, *Caderno Lágrimas*, *Diário de um João ninguém*, *Caderno luzes do crepúsculo*, *Caderno farmácia São José*, *Caderno canções do meu caminho* 3ª edição, *Caderno N° 3*, *Caderno monitor*, *Caderno loja vitória*, *Caderno Bahia humorística*, *Caderno meu caderno de trovas*, *Caderno de anotações*, *Caderno fotocopiado 1*, *Caderno fotocopiado 2*.

O escritor utilizou os seus cadernos para planejar projetos de livros. Os cadernos ganham também relevância por haver neles grande parte da produção literária inédita de Eulálio Motta, constituindo-se fonte de importantes textos e materiais indispensáveis para a realização de várias pesquisas, devido ao seu potencial poético/literário, mas também, histórico, social e cultural. Os materiais preservados em seu arquivo revelam os bastidores da produção e circulação dos textos, bem como as interações do poeta com outros escritores e também com leitores de seus versos. Assim, cada documento, fotografia, objeto ou texto do arquivo está carregado de elementos que trazem informações importantes para a compreensão das práticas de produção e recepção dos textos de Eulálio Motta.

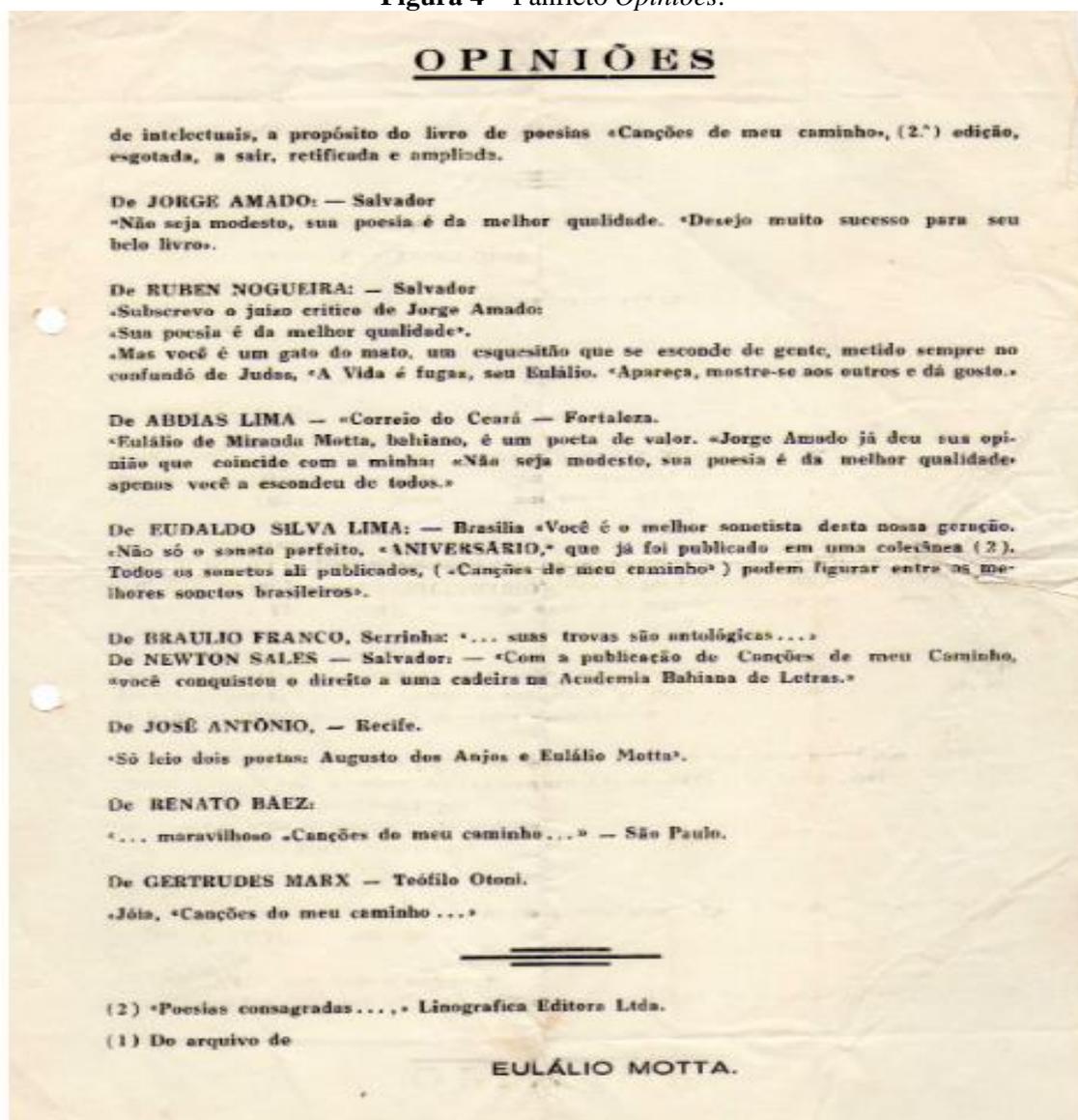
O acervo do escritor preserva cartas que testemunham sua amizade com Jorge Amado e com outros escritores, como Adonias Filho. As correspondências revelam diversos aspectos da poesia de Eulálio Motta, pois é comum encontrar opiniões acerca da publicação de seus poemas. Liberato Miranda Barreto publicou sua opinião em carta aberta, no jornal Mundo Novo, a respeito do primeiro livro de Eulálio Motta, intitulado *Ilusões que passaram...*

[...] ès poeta que escreve poesia; porque, meu caro, ha por ahi fora muito prosador que escreve poesia sem verso e muito poeta que escreve verso sem poesia. Os teus versos, a meu ver, encerram tudo que ha de agradavel no poeta-a espontaneidade. A forma nem sempre synthetisa a beleza. É mais bello um soneto simples e expontaneo do que um poema, onde o poeta, a custo de dar-lhe rimas ricas, forma apropriada, enclausura o pensamento, tirando-lhe às vezes, a originalidade [...] (Barreto, 1931, p. 8).

Jorge Amado, por exemplo, além de trocar correspondências com Eulálio Motta, emitiu elogios aos seus poemas. O escritor transcreveu a opinião de Jorge Amado na composição da segunda edição de *Canções de meu caminho* logo após a dedicatória: “OPINIÃO Do melhor da literatura nacional: ‘NÃO SEJA MODESTO, SUA POESIA É DA MELHOR QUALIDADE, APENAS VOCÊ A ESCONDEU DE TODOS’ Jorge Amado” (Motta, 1983, p. 7).

Eulálio Motta atuou também como pasquineiro, utilizou-se de panfletos para diversos fins, inclusive se promover enquanto poeta. Em um de seus panfletos, ele transcreveu, além da opinião de Jorge Amado, outras de escritores como Ruben Nogueira, Abdias Lima e Braulio Franco, a respeito da sua poesia. A publicação das críticas desses intelectuais (conforme nomeia Eulálio Motta) sobre sua obra demonstra a sua preocupação em evidenciar a qualidade de seus versos, e, conseqüentemente, intensificar a circulação de seus textos no contexto literário da época.

Figura 4 – Panfleto *Opiniões*.



Fonte: Acervo do escritor.

Nesse sentido, esses documentos nos ajuda a compreender a história do texto: as relações entre leituras feitas pelo escritor e a produção textual; os efeitos de uma troca de cartas

entre o autor e um amigo, por exemplo, na escrita de um poema; o tempo em que o poeta viveu e, conseqüentemente, seu estilo e escrita- pois as escolhas no tecer do texto não se fazem aleatoriamente, elas são motivadas por questões ideológicas e estão intrinsecamente ligadas à fatores sociais de uma determinada comunidade.

Eulálio Motta atribuiu sentido e valor para a posterioridade ao seu acervo pessoal e quando decidiu preservá-lo hospedou nele lembranças, reflexões e redescobertas dos pequenos acontecimentos humanos que vocalizam as imagens de si nas diferentes versões dos textos. Utilizou a escrita para construir uma imagem de si, seja por meio de poemas pretensiosamente autobiográficos, ou por meio da escrita de diários e anotações dispersas sobre o seu cotidiano.

Seu arquivo pode ser considerado como a extensão de sua memória cujo poder evocativo se dá por meio da reminiscência: traz à tona o passado, sendo capaz de representá-lo (Barreiros, 2016). Conforme podemos perceber no soneto abaixo:

UM OLHAR AO PASSADO...

Para o horror do presente amenizar,
O horror destes momentos mal vividos,
Fico a sós, em silêncio, a recordar
Os longínquos caminhos percorridos...

Vejo-me criança, trêfego, a brincar
Em meio às crianças dos meus dias idos...
Depois, crescido, escuto-a a me jurar
Juramentos de amor, hoje esquecidos!

E os caminhos trilhados, de repente
Vou percorrendo pelo pensamento,
Até que chego ao tétrico presente

E me vejo desfeito, desgraçado,
Pagando em longos dias de tormento
Os minutos de gozos do passado!
(Motta. *Caderno Lagrimas*. f.43r^o).

A vivência no ambiente rural deixou fortes marcas no imaginário do poeta. De modo geral, as poesias de Eulálio Motta são marcadas por temas que perpassam o amor, a mulher amada, o amor não correspondido, a morte, temas religiosos, existencialistas, a memória da infância e de um tempo no qual a felicidade foi possível. Esses temas são atravessados por um certo tom melancólico e saudosista, denotando um eu-lírico de alma nostálgica e conflituosa.

Em 1926, Eulálio Motta mudou-se para Salvador, instalando-se no Ginásio Ipiranga, e depois ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, concluindo o curso de Farmácia, em

1933. No período que viveu em Salvador, Eulálio Motta participou da vida literária local, publicando seus sonetos em revistas e jornais. Ao concluir os estudos ele retornou a Mundo Novo.

Além da atividade literária, Eulálio Motta dedicou-se também ao jornalismo, colaborando com diversos jornais do interior como responsável por colunas nas quais, além de reportagens sobre os problemas sociais e políticos, publicava também poesias e crônicas. De acordo com Barreiros 2012:

Em Mundo Novo, Eulálio Motta participou ativamente do jornal *Mundo Novo*, sendo responsável, entre 1930 e 1932, por uma coluna intitulada *Rabiscos*. Essa primeira experiência no jornal contribuiu para que ele construísse sua identidade como escritor, principalmente como panfletário. No jornal *O Serrinhense*, de Serrinha, Eulálio Motta foi responsável, durante as décadas de 1940 e 1950, por uma coluna intitulada *Atualidades*. Nesse jornal, além de reportagens sobre os problemas sociais, políticos, econômicos e culturais do sertão baiano, Eulálio Motta também publicou poesias e crônicas. Nos jornais *Vanguarda* e *O Lidador* de Jacobina, Eulálio Motta publicou poesias e textos identificados com o espírito integralista. Ele também colaborou nos jornais *Folha do Norte* e *Gazeta do Povo*, de Feira de Santana, *Correio do Sertão*, de Morro do Chapéu e nos jornais *O Imparcial* e *Diário de Notícias* de Salvador (Barreiros, 2012, p. 55).

Eulálio Motta empenhou-se na atividade de escrita e isso se revela pelo volume de textos que produziu. Esse convívio intenso com tal atividade fez com que o escritor criasse um arquivo textual de suas experiências. Seu acervo é reflexo de sua imagem e esboça as identidades do escritor que forjou um sujeito em devir, em processo, nunca findo, que se constrói a partir das infinitas camadas narrativas: aglutinando existências.

Nesse sentido, os textos conservados no arquivo de Eulálio Motta são peças do mosaico que pode contar a sua vida, por conta dos traços autobiográficos evidentes. Seus textos literários permitem observar suas identidades e revisitar parte da sua história; suas personalidades enquanto escritor, suas memórias da infância e suas inquietações diante do mistério da vida, por exemplo.

De acordo com Patrício Barreiros (2016), a partir de um estudo sistemático do acervo de Eulálio Motta, foi possível revelar as múltiplas identidades do escritor, que, às vezes, adotava pseudônimos. Se automeuou como “Escriba da Roça”, “Pasquineiro”, “João Ninguém”, “Brás Cubas” e “Liota”. “Ironicamente, somente depois de sua morte e através dos documentos de seu acervo foi possível ter uma dimensão de sua atuação enquanto escritor, jornalista, político e intelectual” (Barreiros, Patrício, 2016, p. 235-6).

Diante disso, a prática de arquivamento de Eulálio Motta concedeu à sua memória a possibilidade de ser revisitada. Em seu arquivo pessoal, Eulálio Motta conservou, entre os anos de 1923 e 1988, documentos de diferentes naturezas incluindo projetos editoriais, esboços de obras; textos éditos e inéditos- manuscritos, datiloscritos e impressos-; rascunhos, versões e fragmentos de textos; borradores de cartas, cadernos, diários, correspondências, anotações, fotografias, coleções de jornais; documentos pessoais e instrumentos de trabalho, como sua máquina de escrever. O cuidado com determinados documentos revela o nível de afetividade que une o escritor aos objetos. Toda essa documentação do acervo são narrativas e contam histórias. Porém, para que se tenha acesso a essa história, é necessário contar a história de seu acervo, construir discursos que unam os pontos na elaboração de uma teia de significados.

Em suma, essas singularidades marcam o seu processo de arquivamento e de escrita e configuram-se em um grande desafio que impulsionou esta pesquisa a estender-se para o ambiente digital. Pois, as interconexões entre textos e documentos, o caráter protagonista de cada uma das versões as insere numa cadeia de significados não hierárquica e não linear.

Nesse sentido, a edição dos textos que permeiam este aparente caos é uma tarefa complexa, se não impossível, de ser abrangida nos modelos de edições impressas. Pois, de acordo com McKenzie (2018, p. 12), “cada versão apresenta algum argumento para ser editada de sua maneira, respeitando sua historicidade como artefato”. Percebe-se que sua vasta obra e os objetos de seu acervo possuem ligações simbólicas que materializam a memória e evidenciam a sócio-história de seus textos por meio das temáticas abordadas por Eulálio Motta em sua poesia. Segundo Patrício Barreiros (2015, p. 30):

O acervo do escritor Eulálio de Miranda Motta pode ser entendido como uma modalidade de produção do eu, capaz de esboçar os itinerários daquele que se arquivou, configurando-se como lugar privilegiado de suas memórias. Esse acervo revela as identidades do escritor e esboça também o quadro sócio-histórico das práticas culturais de leitura e de escrita de um sujeito que atuou num tempo e lugar específico (século XX, no interior da Bahia).

Apesar de seu caráter fragmentário, um arquivo nos revela de maneira direta e indireta aspectos da personalidade de seu titular que continuam sendo complementados por documentos não produzidos ou acumulados pelo autor. Dessa forma, a incompletude da história de um escritor pode ser complementada por meio de depoimentos que emergem de seus arquivos pessoais, bem como por documentos de terceiros. Com potencial polifônico, informativo e inesgotável os documentos textuais (além de outros objetos do acervo de Eulálio Motta)

permitem reconstruir sua trajetória ou conjecturar o significado de suas ações, pois é capaz de responder de diferentes maneiras as perguntas que lhes são dirigidas.

Marques (2003, p. 149) afirma que “arquivando, o escritor deseja escrever o livro da própria vida, da sua formação intelectual; quer testemunhar, insurgir-se contra a ordem das coisas, afirmando o valor cultural dos arquivos”. O processo de formação de Eulálio Motta é representado no arquivo por documentos comuns e por manuscritos em processo (rasuras, borrões, acréscimos, supressões, que revelam a preocupação com seu aprimoramento intelectual e demonstra que o escritor percebia esses movimentos como indispensável para o exercício da escrita literária. As fontes documentais que compõem o acervo funcionam como peças de um mosaico; deixam pistas que auxiliam na compreensão do processo de criação. P. Peterle (2016) assinala que:

Adentrar no imbricado laboratório de um poeta não é tarefa fácil. Os textos publicados, os livros lidos e anotados, os bilhetinhos deixados dentro de alguns deles, as anotações nas margens, os textos críticos são diferentes tesselas que fazem parte de um universo que vai sendo construído e tramado ao mesmo tempo em que deixa rastros e sinais. É, de fato, esse material e outros mais que podem vir a formar um acervo vivo. Espaço privilegiado no qual são reunidos e mantidos vestígios da escritura, seus intertextos, dúvidas, planejamentos, a prática com o tinteiro, o lápis, a máquina de escrever, o computador. Uma vez que se tem acesso a esse mundo (ordenado e desordenado, ao mesmo tempo), novas questões são colocadas para o pesquisador, que, com efeito, fazem parte do próprio material contido no acervo que “fala”, “se dirige” àquele que o observa [...] (Peterle, 2016, p. 83).

O acervo de Eulálio Motta é, no entanto, a fonte, decerto única, que permite conhecer a história de vida do escritor e os diferentes contextos em que os textos foram escritos, desvelando o modo de produção, circulação e apropriação desses textos. Como os arquivos incorporam a passagem do tempo, seus documentos nos permitem fazer os mais diversos recuos: o arquivo de Eulálio Motta permite recompor a sua trajetória profissional, familiar, social, política e intelectual do autor.

2.1 EULÁLIO MOTTA: FACES E FASES NOS PERCURSOS POÉTICOS

No acervo do escritor Eulálio Motta há uma grande quantidade de textos literários que foram escritos em vários momentos de sua vida. Por meio da escrita ele criou uma representação de si mesmo. Tornar-se um escritor foi seu ambicioso empreendimento de vida, e para alcançar esse objetivo, ele se entregou de corpo e alma à literatura, utilizando a palavra escrita em

variadas situações, revelando uma verdadeira paixão. Entre as temáticas mais recorrentes em suas produções destacam-se a desilusão amorosa, a saudade da terra natal e da infância e o cotidiano popular. Até a década de 1930, o que predominou em sua obra foram as produções de cunho parnasiano-simbolista. Após esse período, percebem-se mudanças significativas, principalmente pela influência modernista.

Os documentos preservados trazem importantes informações acerca da trajetória pessoal e intelectual do autor. A partir de um estudo contextualizado do material guardado no acervo de Eulálio Motta, é possível discutir sobre a sua produção literária, traçar seus itinerários enquanto poeta, suas diversas faces e fases, as tendências literárias que acatou ou rejeitou, bem como perceber as posições político-ideológicas expressas em seus versos.

Na década de 1920, o escritor mundonovense já produzia seus primeiros versos com marcas da oralidade próprias das cantigas populares. Seus primeiros poemas são carregados de rimas, e as quadras e sonetos são suas composições poéticas preferidas, como podemos perceber no texto abaixo:

QUADRAS À MINHA DÔR

Minha dor, tens tantos anos
 Já estás tão velha! e não cansas
 De me semear desenganos,
 De me ceifar insperanças...

Tudo ao chegar da velhice,
 A'Natura obedecendo,
 Perde o vigor, enfraquece
 Vai diminuindo... morrendo...

Ao contrário é a minha Dor
 Má teimosa, impertinente,
 Quanto mais velha se torna,
 Tanto mais forte sente...
 (Motta, EA2.1.CV1.01.001)

O tom pessimista, o desencanto perante a vida são temas recorrentes na poesia eulaliana em sua primeira fase. O eu-lírico demonstra-se melancólico com uma dor que parece não ter fim. Ele sofre, e sua angústia é crescente.

A DOR MAIOR

Ao jovem poeta Júlio Vieira de Sá

Tenho sofrido muita dor pungente

Nestes bem poucos anos que hei vivido,
A dor de ser tão triste e tão descrente!
E ser, tão cedo, tão desiludido!

A dor de recordar constantemente
O meu amor há tanto perecido...
E est'outra dor comum a toda gente:
A dor que a gente tem de ter nascido!

Mas entre as dores todas que sofri,
A dor maior, a dor que mais senti,
A à que mais me feriu, que mais me doeu,

Foi a profunda a desmedida, dor
De eu ter perdido um dia aquela flor –
A sempre-viva que Didi me deu!
(Motta, 1931, p. 24).

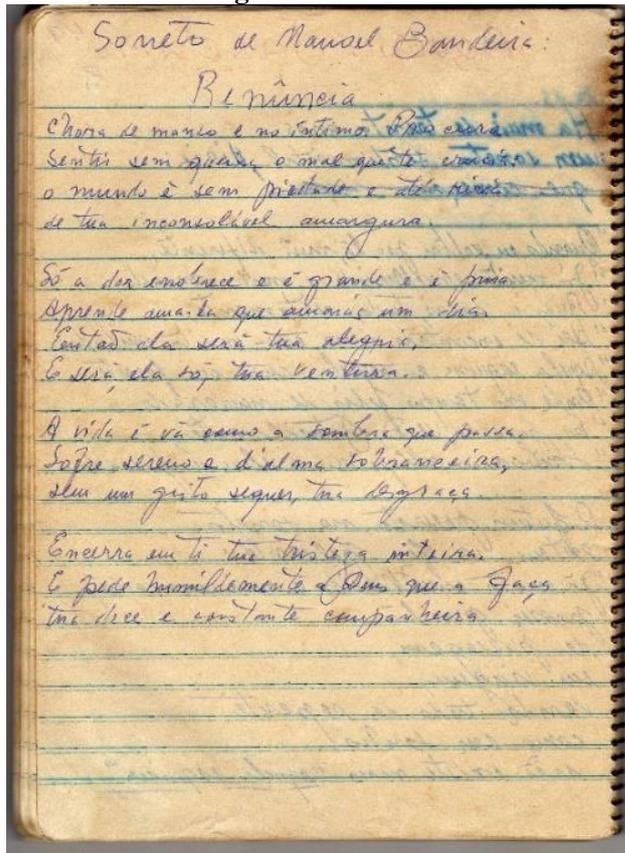
Houve uma mudança na escrita de Eulálio Motta após sua mudança para Salvador: passou a dedicar-se ao soneto parnasiano-simbolista. O soneto “(...) era o melhor caminho para alcançar o prestígio no cenário da poesia baiana daquela época” (BARREIROS, P., 2012, p. 62-3). Iniciando, assim, uma nova fase em sua poesia, mudança ocorrida devido às novas leituras que lhe foram apresentadas.

Segundo o próprio Eulálio Motta, foi no Ginásio Ipiranga que ele se iniciou no mundo da leitura dos clássicos e, através dos seus professores, descobriu poetas como Olavo Bilac, Castro Alves, Raimundo Correia, Arthur de Salles, Pethion de Villar, e os franceses Vitor Hugo, Leconte de Lisle, Verlaine, os quais influenciaram de forma considerável sua poesia.

O rigor formal, a descrição plástica, somados aos sentidos e sentimentos íntimos do eulírico, ora célebre diante da vida, ora pessimista ao referir-se ao amor, vão caracterizar a grande quantidade de sonetos que Eulálio Motta produziu entre os anos de 1926 e 1933, período em que viveu em Salvador e em que se concentra a maior parte da produção do gênero (Barreiros, P., 2012).

Em seu acervo pessoal podemos encontrar alguns registros de suas leituras:

Figura 5 – Fac-símile da f. 45r. do *Caderno Luzes do Crepúsculo*.



Fonte: Acervo do escritor.

“Soneto de Manoel Bandeira:”

RENÚNCIA

Chora de manso e no íntimo... Procura
Curtir sem queixa o mal que te crucia:
O mundo é sem piedade e até riria
Da tua inconsolável amargura.

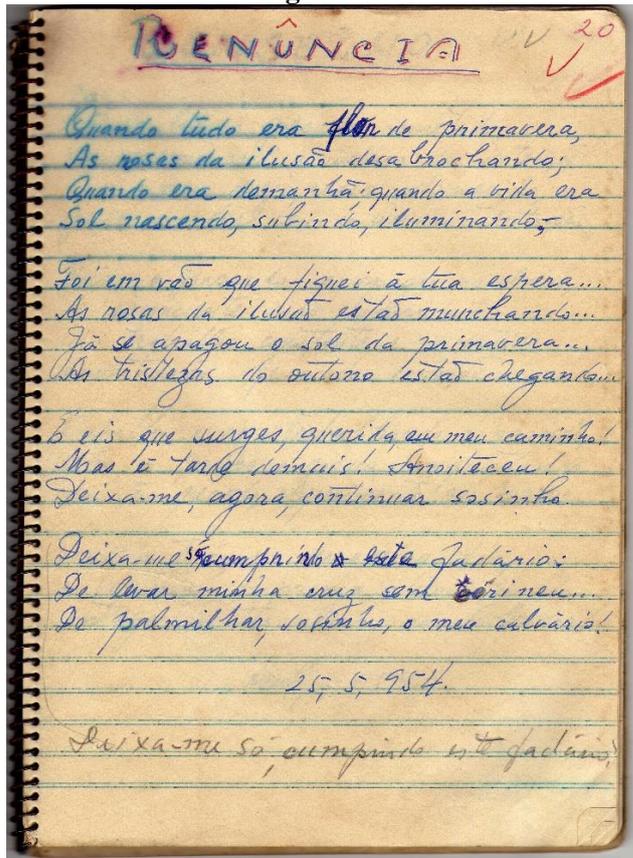
Só a dor enobrece e é grande e é pura.
Aprende a amá-la que a amarás um dia.
Então ela será tua alegria,
E será, ela só, tua ventura...

A vida é vã como a sombra que passa...
Sofre sereno e d'alma sobranceira,
Sem um grito sequer, tua desgraça.

Encerra em ti tua tristeza inteira.
E pede humildemente a Deus que a faça
Tua doce e constante companheira

Trata-se da transcrição do soneto *Renúncia*, de Manoel Bandeira, feita por Eulálio Motta em um de seus cadernos *Luzes do crepúsculo*- que também foi esboçado pelo autor para publicação, mas não veio ao lume- neste mesmo caderno Eulálio Motta escreveu um soneto autoral cujo título é idêntico ao de Manoel Bandeira, conforme se verifica abaixo:

Figura 6 – Fac-símile da f. 20r do *Caderno Luzes do Crepúsculo*.



Fonte: Acervo do escritor.

RENÚNCIA

Quando tudo era flor de primavera,
As rosas da ilusão desabrochando;
Quando era de manhã; quando a vida era
Sol nascendo, subindo, iluminando, -

Foi em vão que fiquei à tua espera...
As rosas da ilusão estão murchando...
Já se apagou o sol da primavera...
As tristezas do outono estão chegando...

Eis que surges, querida, em meu caminho!
Mas é tarde demais! Anoi-teceu!
Deixa-me, agora, continuar sozinho.

Deixa-me só, cumprindo este fadário:
De levar minha cruz sem cirineu...
De palmilhar, sozinho, o meu calvário!

25-5-954

Diante disso, é possível perceber como as leituras de outros escritores inspirou na produção escrita de Eulálio Motta. Seu acervo nos ajuda a compreender a história do texto e seu contexto de produção.

Como o poeta passou seis décadas escrevendo, é possível perceber características de diversos contextos literários em sua obra, que passa das rimas ricas aos versos brancos.

O soneto *Crepúsculo* exemplifica o rigor formal e a admiração da natureza característicos da poesia parnasiana que estavam presentes nessa nova fase da poesia eulaliana:

CREPÚSCULO

Vinha descendo a noite, vagarosa,
Das montanhas azuis do firmamento...
Fazendo com o silêncio, mais penosa
A lágrima de dor do meu lamento...

Lá na mata obscura e pesarosa,
A araponga da angústia e do tormento
Soltava em voz amena e dolorosa,
Cantigas de saudades ao relento...

Na folhagem da densa capoeira,

O vendaval tremendo parecia
Passar rezando triste Ave-Maria...

Mas quase sempre a dor é passageira:
Enquanto o sol, tristonho, ia sumindo,
A lua vinha pálida surgindo.
(Motta, 1926, f.2r).

O soneto segue as orientações formais e temáticas do parnasianismo em que se faz presente a imparcialidade do eu-lírico, o rigor métrico e as rimas aliam-se em nome da beleza plástica.

O rigor formal, a descrição plástica, somados aos sentidos e sentimentos íntimos do eu-lírico, ora célebre diante da vida, ora pessimista ao referir-se ao amor, vão caracterizar a grande quantidade de sonetos que Eulálio Motta produziu entre os anos de 1926 e 1933, período em que viveu em Salvador e em que se concentra a maior parte da produção do gênero (Barreiros, P. p. 62, 2012).

Além da forma parnasiana, os sonetos de Eulálio Motta incorporam também elementos simbólicos, passando a explorar a sinestesia (a sonoridade, as cores, os cheiros); elementos neorromânticos, que demonstram os sentimentos íntimos do eu-lírico, entre outros. Quando o movimento modernista começa ser incorporado nas produções de escritores da capital baiana e se inicia uma forte crítica por parte de seus adeptos aos escritores que se encontravam ainda simpatizantes aos padrões tradicionais, Eulálio Motta se demonstrou incomodado com a pressão exercida por esses críticos. Inclusive, ao escrever o prefácio de seu livro *Ilusões que passaram*, publicado em 1931, o escritor deu sua opinião sobre as circunstâncias literárias daquela época e tentou encontrar um lugar para sua obra.

[...] Vejamos porque. Antonio Torres, “o fenômeno Torres”, no dizer de Gilberto Amado, escreve: “Fazer versos de amor, hoje em dia, é o mais alarmante sintoma de imbecilidade que se pode observar na idade contemporânea”. Mais perto de nós, aqui, na Bahia, outro grande crítico, Dr. Carlos Chiacchio, escreve: “Hoje, escrever do amor e da amizade, a propósito das feias e belas, não deixa de ser um motivo lírico, mas inadequado ao movimento trepidante do século evidentemente realista, prático, e, sobretudo, assassino das tristes Julietas e dos pálidos Romeus... [...] Nós outros que escrevemos versos de amor, somos, está claro, ridículos, imbecis... para os ridículos, imbecis, não se fizeram flores; só se fizeram espinhos. Somente espinhos, portanto, hão de atirar sobre o autor deste livreto... Que há de ele fazer? Receber em silêncio os espinhos que se lhe atirarem. Vós outros tendes a felicidade de viver, pensar e sentir com o século. O autor destes versos nasceu com a infelicidade de viver, pensar e sentir consigo mesmo... É um imbecil... Para o autor das “Ilusões que passaram” que, enquanto houver, no mundo, o sofrimento, hão de existir românticos no mundo. Não é este, porém, o pensamento da época atual. Logo tal pensamento não passa de uma

imbecilidade... Definitivamente o autor deste livreto é um imbecil! É
(*Caderno sem capa 1*, [s.d.], f. 50r.)

Alguns documentos do acervo evidenciam que Eulálio Motta tinha consciência dos princípios do modernismo e da força exercida por este movimento no âmbito literário brasileiro e soteropolitano, ele percebeu a chegada de um novo tempo para a lírica que se evidenciava pela ação da crítica e apesar da resistência inicial aos ideais modernos, na década de 30,

[...] o escritor aderiu ao modernismo baiano, abandonando o estilo que denominava “romântico” e incorporando em seus textos os temas do cotidiano urbano, a partir de suas experiências na capital baiana, e o cotidiano rural, retratando o dia a dia das vilas e povoados do interior da Bahia. Eulálio Motta esboçou um novo projeto literário, seguindo tendências modernistas (Santiago, I; Santiago, S; Barreiros, L. p. 227, 2020).

A fase moderna da poesia de Eulálio Motta, por exemplo, está conectada ao contexto histórico da época e da vida do escritor. Para entendê-la, faz-se necessário compreender o ambiente literário e social soteropolitano: “O jovem do interior deslumbrou-se com a capital que o impressionou com seus bondes, eletricidade, automóveis e todo o progresso, bastante diferente do universo dos arraiais do sertão de mundo novo” (Barreiros, Patrício, 2012, p. 36). Alguns textos encontrados no acervo do escritor permitem compreender o exercício do escritor em sua nova tendência estética literária.

No poema *Velho trem de ferro*, relacionado, pelo viés intertextual, ao poema *Trem de ferro*, de Manuel Bandeira, percebe-se o deslumbramento do poeta com a chegada do trem, na década de 1920, à região de Mundo Novo, facilitando o acesso à capital. O contato com a eletricidade, com o cinema e com outras novidades da época inspirou a escrita desta e de outras poesias, ligadas a temas caros aos poetas modernistas, o que demonstra que Eulálio Motta percebia a nova tendência literária em voga no país.

VELHO TREM DE FERRO...

[...]
Trem de ferro movido a lenha,
a palavra saudade
me faz lembrar de você.
Velho trem contemporâneo dos bondes...
Velho trem do passado
de apito longo e apaixonado
[...]
Lembro de você, velho trem!
Lembro de você partindo:
“café com pão”... “café com pão...” “café com pão...”

vomitando fumaça... engolindo distâncias...
 lembro de você sumindo...
 Poeira, fumaça, bancos duros
 fazendo impaciências e xingamentos...
 Paradas nas estações.
 Garotos mercando:
 doces da Jacobina,
 umbus de Santa Luzia,
 laranjas de Alagoinhas...
 (Motta, 1983, p. 52).

Além de leitor, Eulálio Motta foi também um admirador de Manuel Bandeira. No poema *Sem título*, percebe-se certo tom modernista, principalmente advindo das leituras da obra desse poeta. Ao escritor de sua devoção, dedicou o poema *Sem título*, o penúltimo do seu livro *Alma enferma*, publicado em 1933: “Ao poeta do Pneumo-thorax”, Manuel Bandeira.

SEM TÍTULO

Sinto que em minha vida;
 Todas as cores se desbotam;
 Todas as luzes se apagam;
 Morrem todos os sons;
 Eu, me parece
 Que enormes paredões sombrios
 Me rodeiam;
 Me isolam;
 Tenho vontade de gritar,
 Necessidade de gritar;
 De gritar muito;
 De botar a boca no mundo
 Pedindo socorro;
 Mas não vale a pena gritar;
 Enormes paredões sombrios
 Me rodeiam;
 Me isolam.
 (Motta, 1933, p. 47-8).

Esse poema foi lido e comentado por Manuel Bandeira no jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, numa crônica publicada em 19 de novembro de 1933:

Nestes últimos dias tem me vindo às mãos muitos livros de versos [...] A lista é longa e a maioria, exercício ou desabafo de alegrias ou mágoas sem nenhum interesse senão para o próprio autor, dispensa mesmo qualquer notícia, que a ser justa só poderia magoar o pobre poeta. Todos deveriam ser como o sr. Eulálio Motta, que diz num prefácio de nove linhas mais ou menos isto: “Este livro é publicado em benefício do hospital de Mundo Novo (Bahia); compra um exemplar; pode deixar de lê-lo; não foi feito para ser lido, mas para ser comprado”. A vantagem de ser crítico está em não comprar; a desvantagem, as vezes em ler. O sr. Eulálio Motta tem um jeito desprezioso que convida

à leitura e li-o até o poema sem título que é o penúltimo e dedicado a mim. Obrigado (Bandeira, 2009, p. 112).

Como o poeta foi muito participativo também na política, seus textos também revelam suas inclinações ideológicas e testemunham os principais conflitos que marcaram a política no Estado. Os conflitos religiosos, a denúncia do atraso tecnológico em Mundo Novo e seu olhar de espanto diante do progresso da cidade grande demonstram que a obra de Eulálio Motta pode contribuir significativamente para se compreender a história de uma época, a partir da ótica de um sujeito.

[...]
 E o telefone não vem...
 Mundo Novo assim não vai!
 Sai prefeito entra prefeito,
 E o telefone não sai
 "Dentro de noventa dias"
 diz Miquinha, "a coisa vai!"
 e vão-se os noventa dias
 e o telefone não sai...
 [...]
 O Mundo Novo está órfão!
 Órfão de mãe e de pai!
 É por isso certamente,
 Que o telefone não sai...
 (Motta, 1977).

De acordo com Bordini (2009, P.37), os acervos de escritores articulam a obra literária e seus elementos internos com o sistema literário e sócio-histórico-cultural a que pertencem. Esses documentos devem ser apresentados ao leitor para que ele tenha conhecimento dessas relações e possa conhecer aspectos relevantes para o entendimento do texto. Dessa forma, o objeto de estudo passa a ser um *corpus*, composto pela variedade de textualidades relacionadas à produção intelectual do autor; e a seus vestígios documentais, por meio de edições que valorizam os elementos contextuais.

Os textos autógrafos preservados no acervo de Eulálio Motta são detentores de significados. Eles evocam a memória pessoal do poeta e também a coletiva que caracteriza a sociedade de meados do século XX na Bahia, pois seus textos revelam as tendências literárias que estavam em voga tanto na capital quanto no interior.

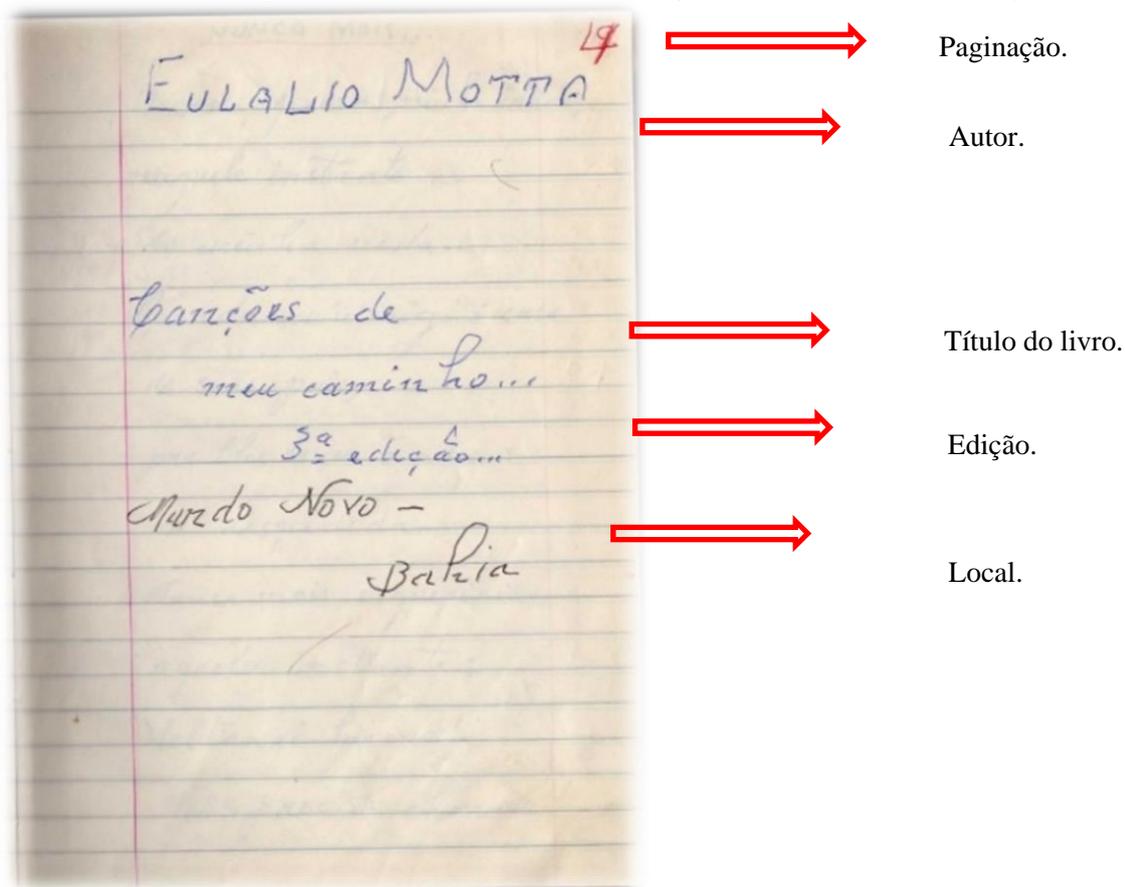
Portanto, as edições das obras de Eulálio Motta trarão contribuições para diversos âmbitos: literário, histórico e cultural ao possibilitar que a memória arquivada pelo autor seja

compartilhada com a sociedade do tempo presente, pois editar textos que estavam condenados ao esquecimento é permitir que esse material encontre leitores e produza novos conhecimentos.

2.2 O INÉDITO *FLÔRES E ESPINHOS*

Dos quinze cadernos encontrados no acervo de Eulálio Motta, nove foram esboçados pelo escritor para publicação. Em seus diários, o escritor manifestou o desejo de publicar algumas obras, esboçando inclusive sumários e prefácios. Ele chegava ao ponto de detalhar-inserindo ricos detalhes da cultura impressa- como idealizava que o livro impresso se materializaria: esboçava a capa, enumerava as páginas, criava sumários, organizava a sequência e distribuição dos textos – tudo isso de forma manuscrita autografa. Conforme verificamos um exemplo abaixo, com o projeto de livro *Canções de meu caminho*:

Figura 7 – Fac-símile da f.6r.de *Canções de meu caminho*, 3ª edição.



Fonte: Acervo do escritor.

Figura 8 – Fac-símile da f. 4v. de *Canções de meu caminho*, 3ª edição.

Índice.	
Nunca mais -	Pag. 6
Sentimentalismo	" 9
Conjecturas	" 10
Aniversario d' Ela	" 11
Conversa	" 12
Impossível	" 13
Quadrilhas	" 14
Sorzinho -	" 15
TROVAS antológicas	" 17
Emoção	" 18
Ultimo Sonho	" 22
Sorzinho (repetido)	" 23
Canção de ninar...	" 25
NUNCA MAIS <small>repetido: 9</small>	" 27
ANIVERSARIO	" 30
" d' ELA	" 31
MUSENCIA	" 32
FAZ CONTA	" 33
TROVAS	" 24
SONHOS IDOS	" 35
VOCÊ	" 37
SENTIMENTALISMO	" 39

Títulos dos poemas.

Paginação.

Fonte: Acervo do escritor.

Com o livro *Flôres e espinhos* não foi diferente, apesar de esse projeto não ter sido organizado integralmente num caderno- como ocorreu, por exemplo, com *Meu caderno de trovas*, *Canções do meu caminho*- 3ª Edição, *Luzes do crepúsculo* e o caderno *Lágrimas*-; o autor o idealizou (conforme será mostrado mais adiante) organizando um sumário com o título dos poemas selecionados que deveriam fazer parte do livro. De acordo com Barreiros (2009):

Dos quinze cadernos que compõem o espólio de Eulálio Motta, apenas seis constituem-se em projetos de publicação e/ou contém referências a estes, a saber: *Caderno Sem Capa 1*, *Caderno Lágrimas*, *Caderno Bahia Humorística*, *Caderno Luzes do Crepúsculo*, *Caderno Canções do Meu Caminho 3ª edição* e *Caderno Meu Caderno de Trovas*. Ao analisar estes cadernos com vista à edição das obras inéditas de Eulálio Motta, percebeu-se que há quatro diferentes casos a serem analisados individualmente: 1º) Cadernos que, em sua estrutura orgânica, são projetos de obras, com textos passados a limpo, servindo somente a este propósito; 2º) Cadernos que, em princípio, indicam que foram concebidos como projetos de obras, sendo reutilizados posteriormente para outras finalidades; 3º) **Projeto mencionado pelo autor nos cadernos, contendo índices dos textos que fariam parte da publicação;** 4º) Projeto mencionado pelo autor no caderno sem indicar os textos que fariam parte da publicação. De acordo com os casos expostos acima, foram

identificados oito projetos de publicações esboçados por Eulálio Motta, a saber: 1º Caso: *Luzes do crepúsculo, Canções do meu caminho 3ª edição e Meu caderno de trovas*. 2º Caso: *Caderno sem capa 1, Lágrimas e Bahia humorística*. 3º Caso: ***Flôres e espinhos***. 4º Caso: *Terceiro livro*. Listas de poemas anotados aleatoriamente não foram consideradas como projetos de publicação, somente consideraram-se as listas de poemas seguidas de títulos e que o próprio autor mencionou que se tratava de um projeto de livro (Barreiros, Patrício, 2009, p. 1468-9, grifo meu).

Nesse sentido, *Flôres e espinhos* é um dos projetos de livro idealizado por Eulálio Motta, que permanecia inédito em seu acervo pessoal. Esse projeto editorial foi planejado pelo escritor ao final de um de seus cadernos manuscritos, intitulado *Caderno Lágrimas*, no qual há textos que abrangem o período de 1927 a 1949.

Como Eulálio Motta registrou sua intenção de publicar o livro *Flôres e espinhos* num sumário, ao final do *Caderno Lágrimas*, listando os títulos dos poemas, foi necessário fazer uma densa pesquisa em todo o seu acervo, a fim de localizar as fontes testemunhais. Dessa forma, percebeu-se que os documentos do acervo eulaliano estão interligados por uma rede de sentidos.

Dessa forma, editar o projeto *Flôres e espinhos* significa trazer ao lume tanto obras éditas, publicadas em livros, jornais revistas e antologias, como também obras inéditas conservadas pelo poeta nos cadernos e datiloscritos avulsos em seu arquivo. Por tudo isso, este caderno ganha relevante importância dentro do conjunto da obra do autor, sendo o seu estudo imprescindível à edição da obra de Eulálio Motta.

O também projeto inédito, *Lágrimas*, preservado num caderno com textos manuscritos e recortes colados que foram retirados de jornais e revistas pelo autor, possui textos de tipologias variadas (narrativas diversas, rascunhos de cartas e poesias). Nos fôlios (f.4r, f.6r, f.9r, f.11r, f.17r, f.66v, f.75v, f. 83v, f. 86v), foram colados recortes de jornais e revistas com poesias de Eulálio Motta, as demais folhas são textos manuscritos com 30 narrativas, 21 poesias, 27 sonetos e 6 rascunhos de cartas. No fôlio 56v, encontra-se uma lista de poesias, com a indicação de que seria publicado um livro com o título *Flôres e Espinhos*. Existem vários textos no caderno com marca de conferência, como se Eulálio Motta tivesse feito alguma escolha. Trata-se dos sonetos: *A culpa* (f.19r.); *Com Saudades* (f.21r.); *Noite* (f.31r.); *Para esquecer* (f.33r.); *Se eu pudesse...* (f.35r.); *Tua impiedade* (f.37r.); *Quando eu voltar...* (f.39r.). Alguns textos foram repetidos no caderno como: *Balladilha do canto* (f. 66v. e 67r.); *Soffrimento* (f.75v. e 76r.); *Volta, ilusão* (f.83v e 84r.); *Palavrão* (f.86v. e 87r.); *Junho* (f.90v. e 91r). Há, neste caderno, poesias ‘inacabadas’ (apresentam rasuras, borrões, emendas e acréscimos, demonstrando tratar-se de textos em processo de criação), poesias inéditas e poesias

publicadas em outras obras do autor: *Alma enferma*, *Ilusões que passaram...* e em *Canções do meu caminho*.

O caderno *Lágrimas* não possui um índice, como costumava fazer o escritor, mas o modo como está organizado revela a estrutura de um livro de poesias, começando pela capa que contém um adesivo colado com o título: “Lágrimas” e subtítulo: “(versos)” e logo abaixo o nome do escritor, conforme mostra a imagem abaixo:

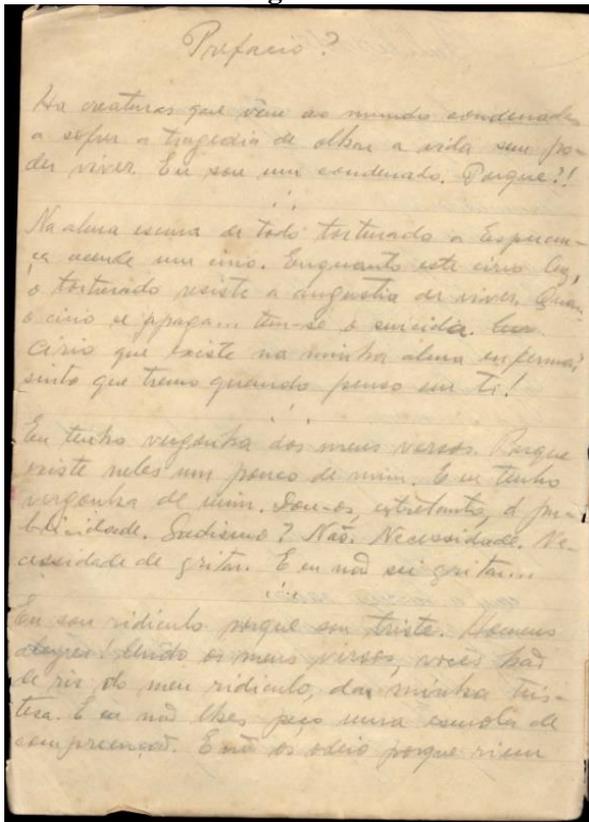
Figura 9 – Capa do *Caderno Lágrimas*.



Fonte: Acervo do escritor.

O caderno *Lágrimas* faz parte dos documentos do acervo de Eulálio Motta e é considerado um laboratório, pois, além de apresentar marcas físicas do processo de escrita que revelam os movimentos do texto e o labor do autor, nele Eulálio Motta criava poesias e também inseriu outros projetos de publicações, ao compor índices e, até mesmo, um prefácio. Como podemos observar abaixo:

Figura 10 – Fac-símiles da f. 96 v do *Caderno Lágrimas*.



Prefácio?

Ha criaturas que vêm ao mundo condenados a sofrer a tragédia de olhar a vida sem poder viver. Eu sou um condenado. Porque?!

Na alma escura de todo tormento a Esperança acende um cirio. Enquanto este cirio luz, o torturado resiste a angustia de viver. Quando o cirio se apaga... tem-se o suicida.

Cirio que existe na minha alma enferma: sinto que tremo quando penso em ti!

Eu tenho vergonha dos meus versos. Porque existe neles um pouco de mim. E eu tenho vergonha de mim. Dou-os, entretanto, á probabilidade. Sadismo? Não. Necessidade. Necessidade de gritar. E eu não sei gritar...

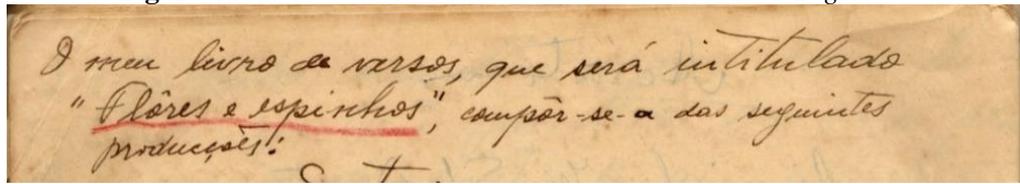
Eu sou ridículo porque sou triste. Homens alegres! lendo os meus versos, vocês hão de rir do meu ridículo, das minhas tristezas. E eu não lhes peço uma esmola de compreensão. E não os odeio porque riem

Fonte: Acervo do escritor.

O *Caderno Lágrimas* contém 57 folhas escritas no reto e no verso. Os textos estão escritos em tinta (azul, vermelha e preta) e a lápis. Nos fólhos (f.4r, f.6r, f.9r, f.11r, f.17r, f.66v, f.75v, f. 83v, f. 86v), foram colados recortes de poesias publicadas pelo autor em jornais e revistas, as demais folhas são textos manuscritos autógrafos que somam 30 narrativas com temas diversos, 21 poemas, 27 sonetos e 6 rascunhos de carta.

O desejo de publicar um livro intitulado *Flôres e espinhos* foi registrado por Eulálio Motta, nas últimas folhas do *Caderno Lágrimas*. No fólho f.111v e f.112r. encontra-se uma lista de poesias com a indicação de que seria publicado um livro com o título *Flôres e Espinhos*, no qual, por meio de um sumário, o escritor indica os poemas selecionados para o seu projeto editorial. O autor, por intermédio de um pequeno texto na margem superior da folha, expressou a sua intenção de publicação ao escrever: “O meu livro de versos, que será intitulado “Flôres e espinhos”, compor-se-á das seguintes produções:”:

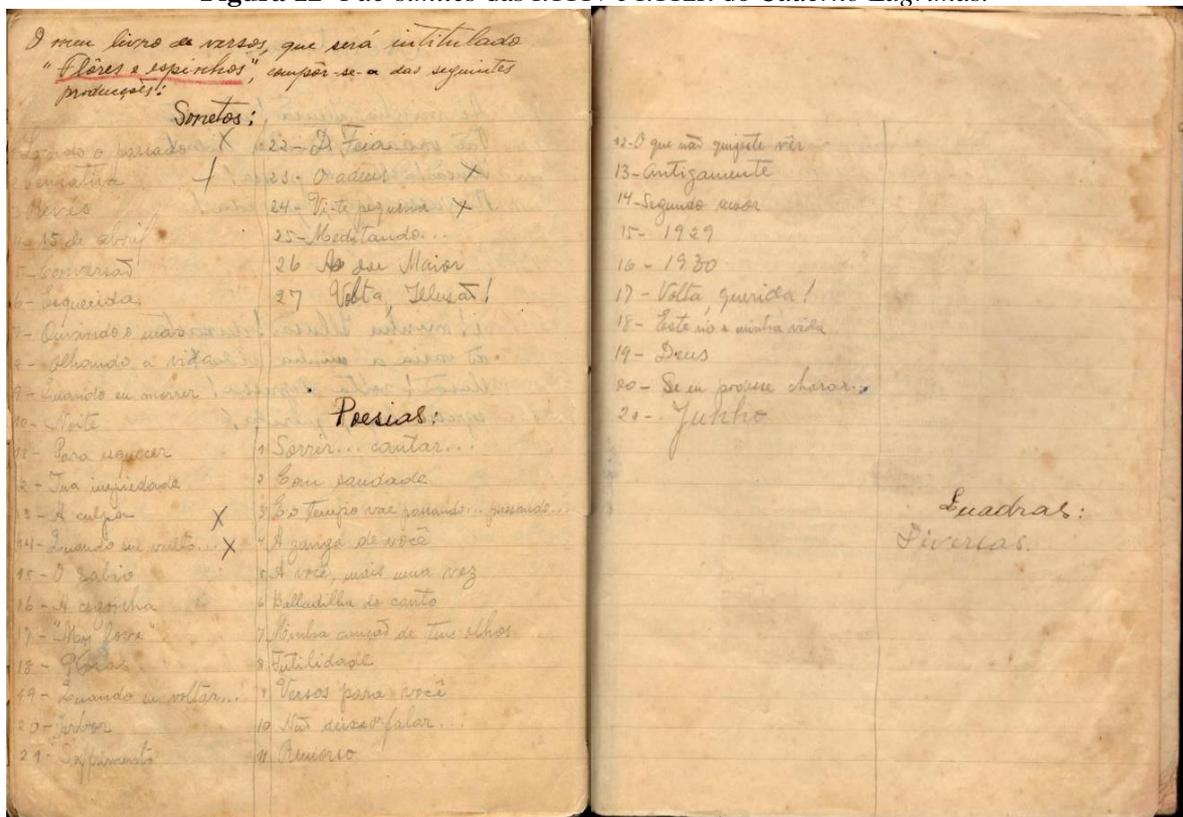
Figura 11- Recorte do *Fac-símile* da f.111v do *Caderno Lágrimas*.



Fonte: Acervo do escritor

Logo abaixo desse enunciado, listou os poemas por ele selecionados. O esboço composto pelo poeta lista ao total 27 *sonetos* e 21 *poemas* do seu acervo, conforme mostra a figura abaixo.

Figura 12- *Fac-símiles* das f.111v e f.112r. do *Caderno Lágrimas*.



Fonte: Acervo do escritor.

A lápis, o autor dividiu verticalmente as folhas em duas colunas. Estabeleceu três categorias de textos: sonetos, poesias e quadras, numerou e inseriu os títulos dos textos idealizados para o projeto editorial. Conjectura-se que, inicialmente, o autor apenas tenha feito no cabeçalho da folha o texto que reflete sua intenção de publicação (escrito com caneta preta e conferido com caneta vermelha); estabelecido e dividido as categorias textuais (soneto, poesia

e quadras) e, posteriormente, foi introduzindo à lista os títulos dos textos (escritos a lápis). Existem também marcas de conferências em alguns dos títulos.

Abaixo, verificamos a transcrição dos fac-símiles das f.111v. e f.112r, pertencentes ao *Caderno Lágrimas*, no qual Eulálio Motta esboçou o livro *Flôres e espinhos*:

O meu livro de versos, que será intitulado “ Flôres e espinhos”, compor-se-a das seguintes produções:

Sonetos:

- 1-Lendo o passado X
- 2-Pensativa X
- 3-Revés
- 4- 15 de abril
- 5- Conversão
- 6- Esquecida
- 7- Ouvindo o mar
- 8- Olhando a vida
- 9- Quando eu morrer
- 10- Noite
- 11- Para esquecer
- 12- Tua impiedade
- 13- A culpa X
- 14- Quando seu vulto... X
- 15- O sabio
- 16- A cegonha
- 17- “My love”
- 18- Rosas
- 19- Quando eu voltar...
- 20- Arbor
- 21- Sofrimento

- 22- D. Feia
- 23- O adeus X
- 24- Vi-te pequena X
- 25- Meditando...
- 26- A{o} dor Maior
- 27- Volta, Ilusão!

Poesias:

- 1 Sorrir... cantar...
- 2 Com saudade
- 3 E o tempo vae passando... passando...
- 4 A zanga de você
- 5 A você, mais uma vez
- 6 Balladilha do canto
- 7 Minha canção de teus olhos...
- 8 Futilidade
- 9 Versos para você
- 10 Não deixe [↑de] falar...
- 11 Remorso
- 12 O que não quizeste vêr
- 13 Antigamente
- 14 Segundo amôr
- 15 1929
- 16 1930
- 17 Volta, querida!
- 18 Este rio e minha vida
- 19 Deus
- 20 Se eu pudesse chorar
- 21 Junho

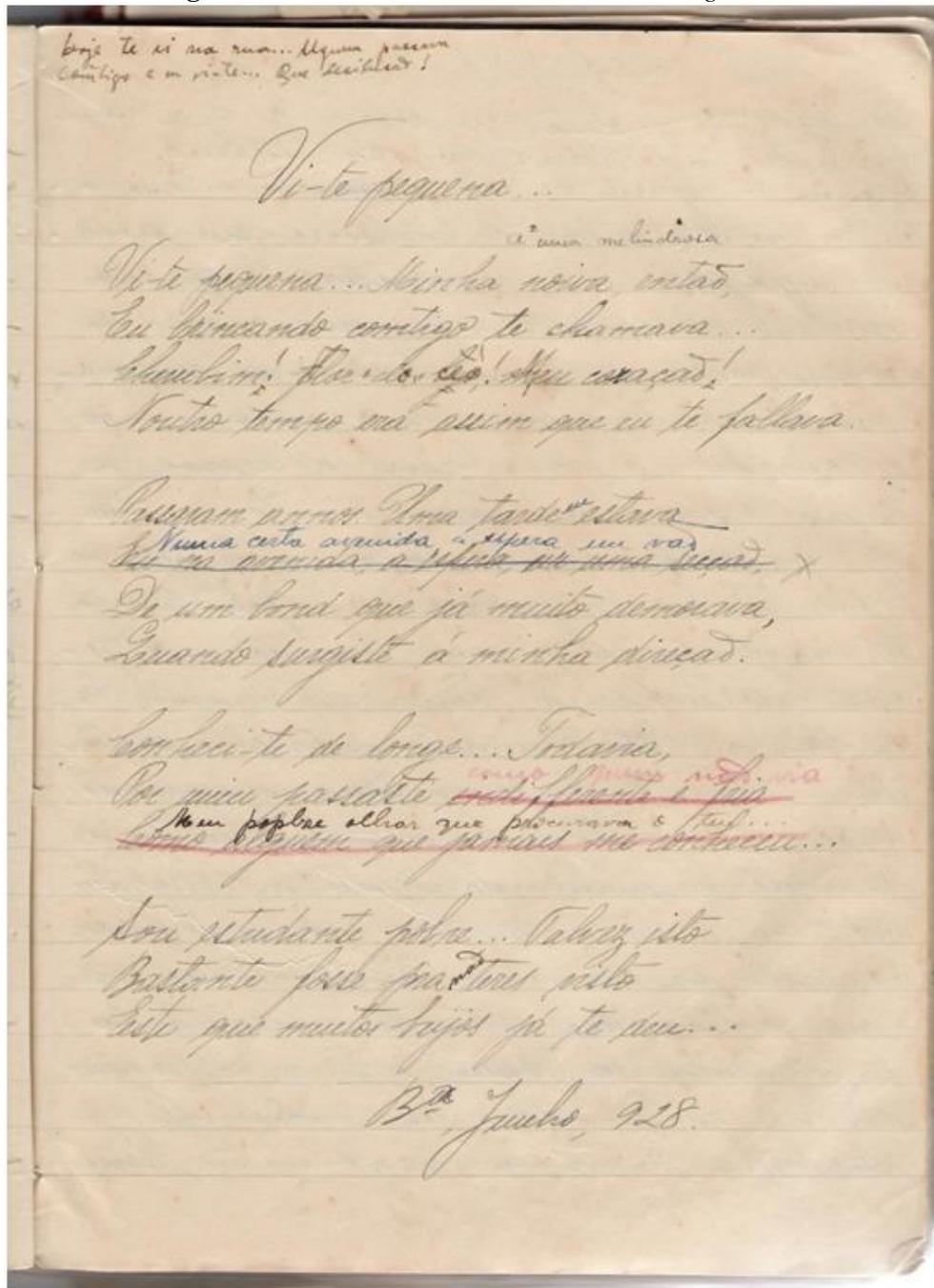
Quadras:

Diversas.

O projeto de livro contém uma grande quantidade de variantes autorais. Além disso, os manuscritos e impressos revelam o processo criativo do escritor, que burilou os textos ao longo do tempo, como no exemplo a seguir, em que o autor fez quatro diferentes campanhas de escrita: lápis, caneta azul, vermelha e preta). Há marcas de idas e vindas ao texto que podem

ser comprovadas através dos aprimoramentos realizados em três diferentes cores de caneta: azul, preta e vermelha.

Figura 13 – Fac-símile da f.24r. do Caderno Lágrimas.

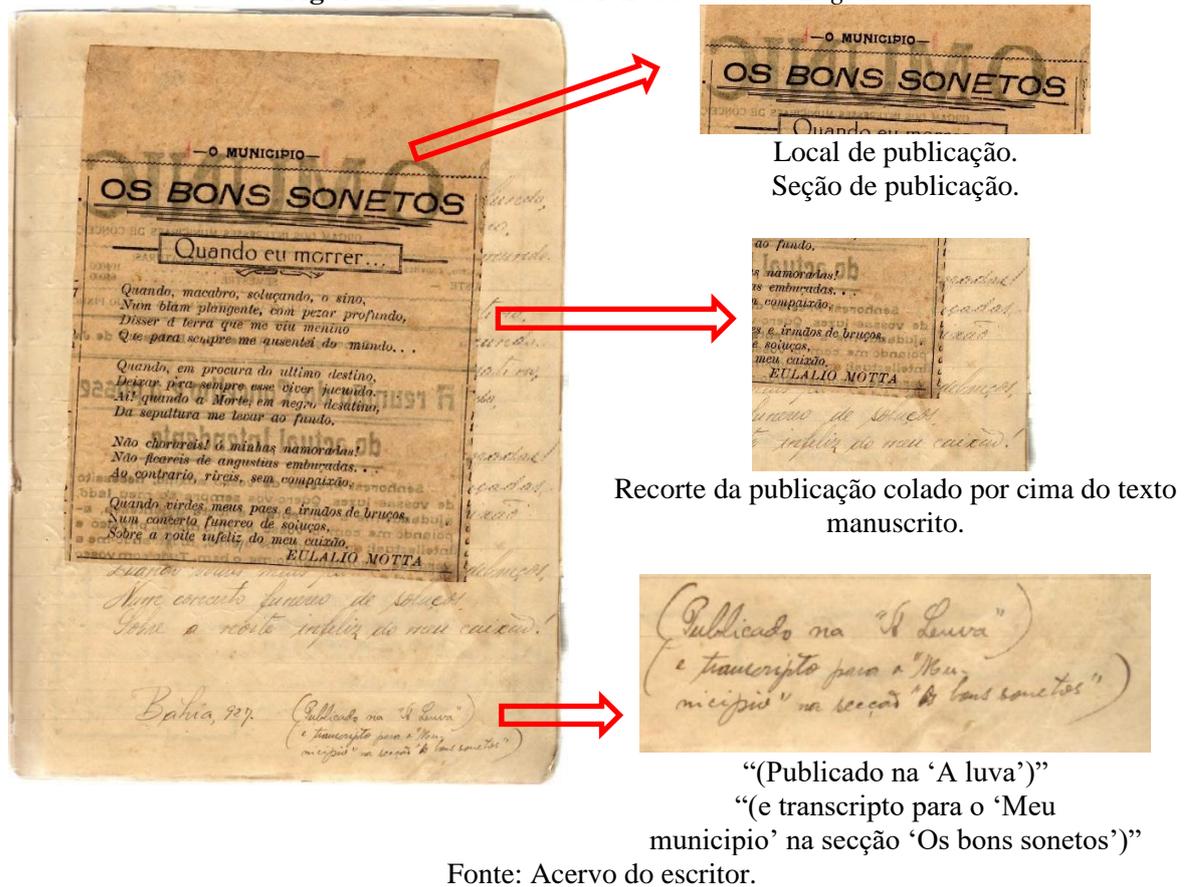


Fonte: Acervo do escritor.

Essas marcações realizadas pelo escritor demonstram o seu labor com a produção dos textos; que o escritor tomou diferentes decisões em momentos distintos. As rasuras, borrões e emendas decorrentes desse processo de escrita e reescrita do texto no exemplo acima são movimentos frequentes em muitos dos textos de *Flôres e espinhos*, demonstrando que o caderno

era um de seus espaços de trabalho, seu laboratório. Ao reescrever esses textos, o escritor sempre modificava algo: a pontuação; acréscimo, substituição ou supressão de uma palavra e até mesmo a disposição do poema na folha entre outras ocorrências, como é o caso do recorte abaixo:

Figura 14 –Fac-símile da f.4r. do *Caderno Lágrimas*.



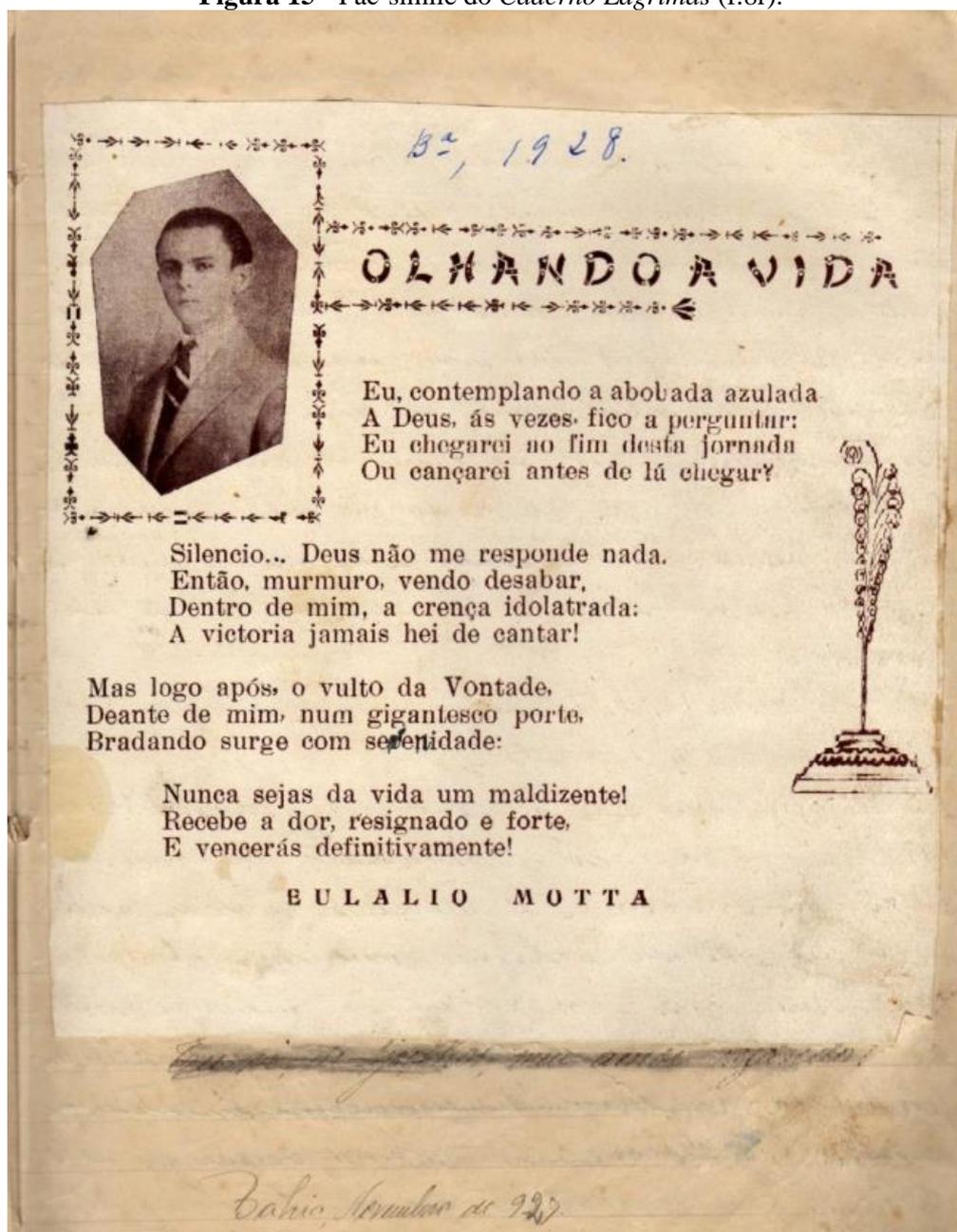
Fonte: Acervo do escritor.

Após a publicação de seu poema intitulado *Quando eu morrer*, no jornal “A luva, na seção *Os bons sonetos*, Eulálio Motta faz o recorte e a colagem, sobrepondo-o ao texto manuscrito autógrafa. Além disso, acrescenta, ao final da folha a informação acerca do contexto de circulação. Esses movimentos de escrita e reescrita e volta ao texto, modificando-o, trazem uma grande quantidade de variantes, permitindo empreender um estudo do processo criativo dos textos e realizar uma edição que valorize a pluralidade do texto por meio de uma edição genética, documentando o percurso seguido pelo escritor na construção de cada texto e também sociológica, elucidando os elementos que se cruzam na formação do texto.

A partir do estudo do acervo de Eulálio Motta, teve-se consciência do quanto a escrita era para ele uma atividade constante e intensa, pois o escritor voltava ao seu texto para modificá-lo, no afã de obter um “texto satisfatório”.

Eulálio Motta mostra-se um poeta cuidadoso, sempre em busca do aprimoramento de seus escritos. Essa característica é observável até mesmo em textos já publicados. Outra característica que marca a personalidade do escritor é a sua insatisfação diante dos inúmeros erros cometidos pelas tipografias na publicação de seus textos. Como é o caso do soneto abaixo:

Figura 15 - Fac-símile do *Caderno Lágrimas* (f.8r).



Fonte: Acervo do escritor.

No verso 11 do soneto Olhando a vida, que possui três variantes autorais – uma manuscrita no *Caderno Lágrimas* (f.5r), uma impressa, publicada no livro *Ilusões que passaram* (p. 36), e esse recorte impresso, colado no *Caderno Lágrimas* (f. 8r) –, o autor,

mesmo após sua publicação, ao que se pode conjecturar, em jornal, realiza a alteração do substantivo “serenidade” pelo substantivo “severidade”, corrigindo, assim um provável erro tipográfico já que nas variantes anteriores apareciam o substantivo severidade.

Deste ponto de vista, a instabilidade textual decorre na medida em que os textos se ligam a contextos particulares e cada ato interpretativo é suscitado por uma dada textualidade. Neste sentido, as práticas editoriais que estão sendo realizadas na contemporaneidade precisam dar conta de tais peculiaridades, cabendo ao pesquisador tecer os fios narrativos a partir dos fragmentos que emanam da documentação reminiscente do passado. O acervo é um ambiente que permite que textos e paratextos dialoguem e possam ser estudados em suas relações. Pois cada obra carrega consigo uma infinidade de conjunturas relacionados a ela, justificando, portanto, a necessidade de se realizar uma edição que dê conta dessa complexa rede de sentidos.

2.2.1 O corpus

O *corpus* da edição é constituído por sonetos e poesias (conforme designação do autor). Não foram editadas as quadras, já que o escritor não delimitou quais especificamente fariam parte da sua publicação. Outro fato que justifica sua não inclusão neste trabalho é que, depois de ter esboçado o projeto de publicação de *Flôres e espinhos*, Eulálio Motta debruçou-se sobre o projeto de edição de um livro chamado *Meu caderno de trovas*. Nesse livro, ele incluiu todas as trovas que escreveu ao longo de sua vida. Este projeto foi editado pela pesquisadora Juliana Rocha, cujo trabalho de hiperedição pode ser acessado através do endereço <https://eulaliomottatrovador.com.br/inicio/>. Portanto, seria redundante incluí-las em *Flôres e Espinhos*.

Como foi dito anteriormente, Eulálio Motta expressou sua intenção de publicar o livro *Flôres e espinhos*- por meio de uma espécie de sumário nas últimas folhas do *Caderno Lágrimas*-, apenas com os títulos dos poemas por ele selecionados. Diante disso, foi fundamental uma longa pesquisa no acervo a fim de localizar os poemas designados pelo autor para compor a publicação. A documentação do acervo do escritor, como visto no quadro abaixo, inclui manuscritos avulsos, cadernos com textos inéditos, rascunhos de obras publicadas, diários, cartas, postais, fotografias, a biblioteca do escritor, diplomas, datiloscritos e objetos pessoais, como a máquina de escrever.

Quadro 1 – Inventário

INVENTÁRIO

1. NOME: Eulálio de Miranda Motta
2. DOADOR MAJORITÁRIO: Helder Sampaio
3. DATA DE DOAÇÃO: 1999
4. RESPONSÁVEL PELO ARQUIVO: Patrício Nunes Barreiros
5. PERÍODO COBERTO PELA DOCUMENTAÇÃO: 1910 a 2005
6. ESTADO GERAL DE CONSERVAÇÃO DOS DOCUMENTOS: bom
7. QUANTIDADE DE DOCUMENTOS: 2.416
8. ORGANIZAÇÃO DO ARQUIVO: O arquivo foi organizado em 9 séries distribuída em subséries, obedecendo, na medida do possível, a organicidade dada pelo seu titular.
9. SÉRIES, SUB-SÉRIES E QUANTIDADE DE DOCUMENTOS
(A) CADERNOS: 15
1. POESIA: 2
2. DIVERSOS: 13
B) CORRESPONDÊNCIAS: 88
1. CARTAS: 12
ATIVAS: 6
PASSIVA: 3
DE TERCEIRO: 3
2. CARTÕES: 75
OUTROS: 38
POSTAIS: 37
3. TELEGRAMA: 1
(C) DATILOSCRITOS: 39
1. DO TITULAR
OBRAS COMPLETA: 1
DISPEROS/POESIAS: 32
DISPEROS/NARRATIVAS: 2
2. DE TERCEIROS: 2

(D) DIPLOMAS: 9

Fonte: <https://eulaliomotta.wordpress.com/o-acervo/inventario/>.

Como se tratam de textos pertencentes ao laboratório do escritor, eles foram encontrados em diversas fontes do acervo e em diferentes suportes: cadernos de manuscritos; recortes de impressos colados em cadernos; datiloscritos e manuscritos avulsos livros do poeta; livros de antologias de poetas diversos e jornais.

Mesmo após muitas pesquisas, alguns sonetos não foram encontrados no acervo do escritor, nem em outras fontes consultadas, são eles: *O Adeus, Lendo o passado, Meditando...* Como Eulálio Motta tinha o hábito de modificar o título de seus poemas, talvez algum desses sonetos tenha passado por modificação no seu título. Entre as poesias listadas pelo escritor, nove não foram encontradas no acervo, sendo elas: *Remorso, O que não quizeste vêr, Antigamente, Segundo amor, 1929, 1930, Este rio a minha vida, Deus, se eu pudesse chorar*. Abaixo podemos verificar os textos listados pelo escritor, que foram localizados no acervo para compor o projeto editorial *Flôres e espinhos*, bem como os suportes de escrita em que se encontram e a quantidade de versões:

Quadro 2 – Sonetos do livro *Flôres e espinhos*

SONETO	TESTEMUNHOS			
	MANUSCRITO	DATILOSCRITO	IMPRESSO	TOTAL
15 DE ABRIL			1	1
A CEGONHA	1		1	2
A CULPA	1		1	2
A DÔR MAIOR			1	1
ARBOR/ AQUELA ÁRVORE	1	1	3	5
CONVERSÃO	2	1	6	9
DONA FEIA	1	1	3	5
ESQUECIDA	1		1	2
“MY LOVE”	1		1	2
NOITE	1		1	2
O SÁBIO	1	1	3	5
OLHANDO A VIDA			2	2
OUVINDO O MAR	1		1	2
PARA ESQUECER	1		1	2
PENSATIVA			1	1
QUANDO EU MORRER	1		1	2
QUANDO SEU VULTO	1			1
REVES	1		1	2
ROSAS	1		1	2

QUANDO EU VOLTAR/ SENTIMENTALISMO	3	1	3	7
SOFRIMENTO	1		2	3
TUA IMPIEDADE	1		1	2
VI-TE PEQUENA	1			1
VOLTA, ILUSÃO!	1	1	4	6
TOTAL	23	6	40	69

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 3 – Poesias do livro *Flôres e espinhos*.

POESIA	TESTEMUNHOS		
	MANUSCRITO	IMPRESSO	TOTAL
A VOCÊ , MAIS UMA VEZ	1		1
A ZANGA DE VOCÊ	1		1
BALLADILHA DO CANTO	1	1	2
COM SAUDADE	1		1
E O TEMPO VAE PASSANDO... PASSANDO...	1		1
FUTILIDADE	1		1
JUNHO	1	1	2
MINHA CANÇÃO DE TEUS OLHOS...	1		1
NÃO DEIXE DE FALAR...	1		1
SORRIR... CANTAR...		1	1
VERSOS PARA VOCÊ...	1		1
VOLTA, QUERIDA	1	1	2
TOTAL	11	4	15

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Dos 24 sonetos listados pelo escritor para compor a publicação de *Flôres e espinhos*, 11 integram outro projeto de livro esboçado por Eulálio Motta, a 3ª edição do livro *Canções do meu caminho*, que foi planejado pelo escritor em vida.

Esse projeto de edição foi *corpus* da pesquisa de Mestrado de Taylane Santos (2017) e avaliados novamente pela autora para compor a hiperedição que está sendo desenvolvida no doutorado (2024), disponível em <https://cancoesdemeucaminho.com.br/>. Seguem abaixo os sonetos que também compõem o projeto desenvolvido por Taylane Santos (2024).

Quadro 4 – Sonetos que também compõem a 3ª edição do livro *Canções do meu caminho*.

1. AQUELA ÁRVORE
2. O SÁBIO
3. DONA FEIA
4. VOLTA, ILUSÃO!
5. ANIVERSÁRIO
6. CONVERSÃO

7. EUFORIA
8. SENTIMENTALISMO
9. ÚLTIMO SONHO
10. ANIVERSÁRIO D'ELA...
11. IMPOSSÍVEL

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

2.2.2 Fontes testemunhais

Os poemas listados pelo autor para a edição de *Flôres e espinhos* foram escolhidos de diferentes fontes do arquivo eulaliano. Os poemas que são mencionados no sumário, no qual o escritor delineou seu projeto, fazem parte de outros cadernos e foram selecionados para serem inseridos em outros livros revelando assim uma teia de relações com outros documentos do arquivo.

Os demais poemas que fazem parte do projeto esboçado por Eulálio Motta foram localizados em diversas fontes de seu acervo, mas a maioria foi encontrada no próprio *Caderno Lágrimas*. Outras principais fontes testemunhais são: o *Caderno sem capa I*, o livro *Ilusões que passaram...* e o caderno e livro *Canções de meu caminho*. Conforme se mostra o dossiê no quadro abaixo com a quantidade de testemunhos e a origem deles.

Quadro 5 – Fontes testemunhais.

SONETOS	LOCALIZAÇÃO NO ACERVO
1-Pensativa	Impresso publicado no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.32).
2-Revés	Manuscrito no <i>Caderno sem capa I</i> (f.11r). Impresso publicado no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.17).
3- 15 de abril	Recorte do jornal <i>Mundo Novo</i> colado no <i>Caderno lágrimas</i> (f.1r).
4- Conversão	Recorte impresso não identificado, colado no <i>Caderno lágrimas</i> (f.5r). Impresso no livro <i>Ilusões que Passaram 1</i> (p. 29-30). Impresso no livro <i>poetas da Bahia e Minas: antologia</i> , 1981(p. 62). Impresso no <i>Anuário de poetas do Brasil</i> , 1982 (p. 150). Datiloscrito no <i>Caderno canções do meu caminho</i> (1) (f. 11r). Datiloscrito no <i>Caderno canções do meu caminho</i> 2 (2) (f. 11r). Impresso no livro <i>canções do meu caminho</i> 2 (p. 20). Manuscrito no <i>Caderno canções do meu caminho</i> 3 (f. 10r). Manuscrito <i>Caderno canções do meu caminho</i> (f. 23r).
5- Esquecida	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.6r). Impresso publicado no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.21).
6- Ouvindo o mar	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.7r). Impresso publicado no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.14).
7- Olhando a vida	Recorte impresso não identificado, colado no <i>Caderno lágrimas</i> (f.8r). Impresso publicado no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.36).
8- Quando eu morrer	Manuscrito no <i>Caderno Lagrimas</i> (f.4r). Recorte do jornal colado no <i>Caderno lágrimas</i> (f.4r).

	Impresso no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.33).
9- Noite	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.13r) Impresso publicado no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.10).
10-Para esquecer	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.14r). Impresso publicado no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.23).
11-Tua impiedade	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.17r). Impresso publicado no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.20).
12- A culpa	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.18r). Impresso publicado no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.18).
13- Quando seu vulto...	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.19r).
14- O sábio	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.22r.). Datiloscrito no <i>Caderno canções do meu caminho 2</i> (f.47r.). Impresso no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.15). Impresso no livro <i>Canções do Meu Caminho 1</i> (p.77-78). Impresso no livro <i>Canções do Meu Caminho 2</i> (p.57).
15-A cegonha	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.23r). Impresso publicado no <i>Livro Ilusões que Passaram</i> (p.34).
16- “My love”	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.25r). Impresso publicado no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.16).
17- Rosas	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.25r). Impresso publicado no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.16).
18-Quando eu voltar...	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.36r.). Dois Manuscritos no <i>Caderno canções do meu caminho 3</i> (f.8v) e (f.22v). Datiloscrito no <i>Caderno canções do meu caminho 2</i> (f.10r.). Impresso no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.22). Impresso no livro <i>Canções do Meu Caminho 1</i> (p.31-32). Impresso no Livro <i>Canções do Meu Caminho 2</i> (p.18). Impresso no livro <i>Anuário de poetas do Brasil, 1982</i> (p. 150).
19- Arbor	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.38r.). Datiloscrito no <i>Caderno canções do meu caminho 2</i> (f.48r.). Impresso e no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.35). Impresso no livro <i>Canções do Meu Caminho 1</i> (p.53-54). Impresso no livro <i>Canções do Meu Caminho 2</i> (p.58).
20- Sofrimento	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.39r.). Impresso recorte do jornal <i>Mundo Novo</i> , colado no <i>Caderno lágrimas</i> (f.28v). Impresso no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.29).
21- D. Feia	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.41r.). Datiloscrito <i>Canções do Meu Caminho</i> (f.27r.). Impresso no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.51). Impresso no livro <i>Canções do Meu Caminho 1</i> (p.9-10). Impresso no livro <i>Canções do Meu Caminho 2</i> (p.35).
22- Vi-te pequena	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.24r).
23- A{ } dor Maior	Impresso no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.24).
24- Volta, Ilusão!	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.44r.). Datiloscrito <i>Canções do Meu Caminho 2</i> (f.51r). Recorte de jornal não identificado, colado no <i>Caderno lágrimas</i> (f.43v). Impresso no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p.9). Impresso no livro <i>Canções do Meu Caminho 1</i> (p.27-28). Impresso no livro <i>Canções do Meu Caminho 2</i> (p.35).
POESIAS	LOCALIZAÇÃO NO ACERVO
1-Com saudade	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f.16r; f. 23r).

2-E o tempo vae passando... passando...	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f. 51r, f. 52).
3-A zanga de você	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f. 35r, f. 35v).
4-A você, mais uma vez	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f. 36v).
5-Minha canção de teus olhos...	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f. 80r; f.81v).
6-Futilidade	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f. 95 r e f. 95v).
7-Versos para você	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f. 98r; f. 99v e f 100r).
8-Não deixe [↑de] falar...	Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f. 102r e f. 103v).
9-Sorrir... cantar...	Impresso no <i>Caderno lágrimas</i> (f. 4v).
10-Balladilha do canto	Impresso no <i>Caderno lágrimas</i> (f. 66v). Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f. 67r).
11-Junho	Impresso no <i>Caderno Lágrimas</i> (f. 90v). Manuscrito no <i>Caderno lágrimas</i> (f. 91r, f. 91v, f. 92v).
12-Volta, querida!	Impresso publicado no livro <i>Ilusões que Passaram</i> (p. 41- 42). Manuscrito no <i>Caderno sem capa 1</i> (f. 19r).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diante disso, dos 48 títulos listados pelo escritor, 36 foram localizados. Desses 36 títulos que fazem parte do projeto *Flôres e espinhos*, foram encontrados um total de 84 versões em diferentes suportes, a saber: 5 recortes, 7 datiloscritos, 33 manuscritos e 39 impressos. A edição digital tem potencial de explorar as diversas faces da obra.

3 A PRÁXIS FILOLÓGICA: PERCURSOS

A definição do termo filologia é muito ampla e divergente. Bassetto (2005, p. 17) afirma que “o conceito de Filologia não é unívoco; divergem muitos autores ao defini-la, ao determinar os limites de seu campo de atuação e até seu objeto de estudo”. No entanto, Duarte (1997), em seu Glossário de Crítica Textual define a Filologia como uma “disciplina que tem por objetivo a reprodução ou a reconstrução dos textos do passado, tendo em conta quer as dimensões sincrônicas e diacrônicas quer os seus aspectos linguísticos e históricos; culmina na crítica textual”.

É certo que a história da Filologia percorre um longo caminho, desde as suas primeiras manifestações até a atualidade, período que remota há mais de dois mil anos de percurso, etapas e interesses no que tange o seu objeto e o objetivo em relação ao texto. Segundo Erich Auerbach (1972):

A Filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem. Como se trata de uma ciência muito antiga, e como é possível ocupar-se da linguagem de muitas e diferentes maneiras, o termo Filologia tem um significado muito amplo e abrange atividades assaz diversas (Auerbach, 1972, p. 11).

É através da busca pelo conhecimento que o homem faz uso efetivo da sua experiência criativa, e é o esforço na busca pelo conhecimento que o sentido da vida se revela. Dessa forma, desde os seus primórdios, a atividade filológica tem contribuído para a consolidação e ampliação dos estudos humanísticos ao se voltar para o texto escrito como patrimônio espiritual e cultural da humanidade.

Para Spina, (1994, p. 80), é o texto manuscrito ou impresso o objeto fundamental da investigação histórica, filológica e literária. O trabalho do filólogo tem por objetivo a recuperação a preservação e a proteção do texto bem como a atualização da história e a recuperação do passado, a presentificação e revitalização do que fora arquivado ou guardado em acervos, por exemplo. Trabalhar com esse material permite, não apenas o acesso dos leitores aos textos éditos e inéditos, mas também o redimensionamento do olhar para a compreensão da noção de cultura, de memória literária e não literária e também de identidade, além de possibilitar a ampliação do alcance da obra do escritor.

A Filologia tem uma grande importância enquanto ciência do texto, pois contribui para preservação desse rico patrimônio de documentos textuais. Segundo Cambraia (2005, p. 19):

Com certeza a contribuição mais evidente e importante da crítica textual é a recuperação do patrimônio cultural escrito de uma dada cultura. Assim como se restauram pinturas, esculturas, igrejas e diversos outros bens culturais da humanidade, a fim de que mantenham a forma dada por seu autor intelectual, igualmente restauram-se os livros em termos tanto físicos (recuperação da folha, da encadernação, da capa, etc.) quanto de seu conteúdo (recuperação dos textos) (Cabraia, 2005, p. 19).

A Filologia, dessa forma, trabalha no sentido de preservar o patrimônio cultural escrito, salvaguardando importantes textos que muitas vezes estão fadados à extinção. O labor filológico, desde a antiguidade tem contribuído para “[...] a preservação do patrimônio literário da humanidade” (Cunha, 2004, p. 341), quando busca preservar o texto, restabelecendo à sua forma genuína. Para Spina (1994):

[...] foi do amor à poesia que nasceu a ciência filológica. Voltados para a restauração, intelecção e explicação dos textos, o labor desses eruditos consistiu em catalogar as obras, revê-las, emendá-las, comentá-las, provê-las de sumários e de apostilas ou anotações (*escólios*), de índices e glossários (iniciações marginais sobre as variantes das palavras), de tábuas explicativas, tudo isso complementado com excursos biográficos, questões gramaticais e até juízos de valor de natureza estética (Spina, p. 67).

A filologia se ocupa da linguagem em suas mais variadas formas. Entretanto, “[...] uma das formas mais antigas, a forma por assim dizer clássica e até hoje considerada por numerosos eruditos como a mais nobre e a mais autêntica, é a edição crítica de textos” (Auerbach, 1972, p. 11) que, segundo (Spina, 1994 p. 65), “[...] representa o ponto de chegada de todo o labor filológico.” Foi desse conjunto heterogêneo de atividades que se constituíram técnicas, sedimentaram-se práticas, se consolidaram métodos e, inevitavelmente, se formaram polêmicas, a exemplo do consenso, por muito tempo difundido entre os filólogos, de que o texto literário se constituía no objeto primordial da Crítica Textual, e o principal objetivo de seu estudo seria obter o estabelecimento do texto, buscando aproximá-lo, o máximo possível, da última vontade do autor, tendo em vista a sua edição.

Nesse viés, no século XIX a crítica textual, que era um epifenômeno da investigação filológica objetivava reconstruir a origem das línguas para chegar à pureza inicial do espírito dos povos, identificava-se a degradação que se conjecturava ter sido produzida na viagem linear pelo tempo, usando nesse empreendimento arqueológico os textos escritos que das línguas antigas tinham sobrevivido. De acordo com Marquilhas (2010),

A crítica textual [...] constituiu-se assim enquanto faceta prática da actividade dos filólogos toda ela marcada pela ideologia da origem pura. O manuscrito original era visto como um objecto pleno de pureza, que o tempo teria condenado a uma história de contaminação e perda. [...] O trabalho do crítico textual era, no século XIX, o de resgatar a memória do texto original. Através de um paciente trabalho de comparação e reconstrução, inventando o menos possível, chegava-se a um texto cuja forma estava próxima da origem; distinguia-se entre arquétipo e original, e era o arquétipo que se publicava, acompanhado de notas, índices e comentários (o aparato), dando conta dos enunciados alternativos (variantes) contidos na genealogia do texto (o estema) (Marquilhas, 2010, p. 365).

Na era contemporânea, no entanto, as modalidades renovadas de Crítica Textual (Sociologia dos Textos e a Crítica Genética) atentas às transformações no meio impresso e digital- que modificaram as formas de suporte da escrita bem como a sua produção, transmissão e circulação- revelaram a plasticidade da crítica lachmanniana, estabelecendo um diálogo com novas análises da cultura e da sociedade. Borges (2021, p.13), sustenta que ao longo do tempo a Filologia como Crítica Textual tem buscado atualizar e renovar suas práticas editoriais em razão das situações textuais examinadas em suas especificidades, quanto aos processos de produção e transmissão dos textos nos contextos de circulação e recepção e também das tecnologias disponíveis. Nesse sentido, a edição crítica exige do editor um conjunto de informações acerca do texto, da época, da vida do autor, do conteúdo abordado etc. Sacramento (2016) reflete que:

Já é comum lembrar-se da filologia como campo de estudo que se preocupa com a restituição dos textos, isto é, com a recuperação dos originais perdidos ou com os textos de última vontade do autor. Tal delimitação reservou à filologia uma adjetivação tecnicista e, quase sempre, ancilar de qualquer estudo da língua ou do texto, o que não é nenhum demérito, mas castra a diversidade temática do labor filológico e reduz a pluralidade das possibilidades de pesquisa (Sacramento, 2016, p.115).

Isso acontece, pois, a prática filológica, por muitos séculos, se pautou no resgate e preservação de textos. Para isso, se fazia necessária a reprodução, feita por meio de edições. Contudo, nessa prática, o olhar sobre o texto e a língua que o compunha seguia uma postura higienista, em que não se admitia ‘erros’, sendo comum o seu apagamento. Fazia parte do ideário que o autor não fosse passível a cometer erros e, sendo assim, o texto mais próximo do ânimo autoral seria aquele que não tivesse quaisquer máculas aos olhos de quem editava. No entanto, não havia um método científico para a reconstituição do texto até meados do século XIX. Com a Crítica Textual de Karl Lachmann e, neste contexto, continuava-se a busca pelo original perdido, o arquétipo perfeito de um texto. De acordo com Borges (2021),

A cada época, a crítica textual se faz própria de seu tempo e das tecnologias em uso, trazendo aspectos conceituais e metodológicos que orientam sua prática. Inicialmente, conforme **teoria da edição crítica**, buscava-se recuperar, através de uma reconstrução histórica, os originais perdidos dos autores antigos, chegando-se ao **arquétipo** (método de Karl Lachmann (1850) aplicado a edição de manuscritos bíblicos e clássicos, a partir da classificação genealógica (Borges, 2021, p.15).

O objetivo dessa Crítica Textual era buscar a forma genuína que a obra tinha quando saiu das mãos de seu autor; ignorando todas as cópias que não se encaixassem nos padrões higienistas estabelecidos. O trabalho de Lachmann (1974 [1850]) possui extrema relevância para os estudos filológicos, uma vez que ele foi o primeiro a constituir um método mais rigoroso para a fixação dos textos. Esse método ficou conhecido como método lachmanniano, que, sinteticamente, dividia-se em duas partes: a recensão e a emendase propôs a sistematizar as diversas atividades, estabelecendo um método de edição de textos que estava alinhado com a racionalidade científica da época. Lachmann fixou a Filologia em sentido estrito, porém a busca pelo arquétipo desvalorizava as transformações históricas pelas quais passou o texto, além de apresentar como resultado “um ideal de texto que se supõe ter existido, embora não haja provas materiais conclusivas de sua existência” (Moreira, 2011, p.53).

No século XX, a crítica textual moderna se volta para um outro objeto, o original presente e continua a buscar uma edição aproximativa da vontade do autor. De acordo com Castro (1995):

[...] tarefa para que convergem directa ou indirectamente todos os esforços do filólogo, consistindo em preparar para uso do leitor uma cópia de determinado texto, geralmente sob a forma de edição crítica: por um lado são eliminados os erros introduzidos no decurso da transmissão textual e, por outro, são mantidos todos os traços que, sendo coerentes entre si e coerentes com o sentido e a natureza do texto (tal como o filólogo o entende), se presume sejam de origem autoral (Castro, 1995, p. 515).

No contexto atual, a visão de ânimo autoral tem perdido cada vez mais o seu apelo, abrindo espaço para a pluralidade de versões e interpretações que os documentos podem proporcionar, além de promover reflexões acerca do texto, como questões de autoria, tendo em vista que autores atuam também de maneira colaborativa, podendo haver textos escritos por muitas mãos que atuam diretamente sobre a materialidade dos textos e a textualidade dos livros, de forma que se torna “[...] inócua a distinção entre a substância essencial da obra, reconhecida como sempre semelhante a si mesma, e as variações acidentais que incidem sobre o texto,

consideradas irrelevantes para a atribuição do sentido do mesmo” (Soares, 2017, p. 62). Abordagens tradicionais tendem a enfatizar a autoria individual; buscar uma interpretação única e definitiva do texto; considerar o texto como algo estático e imutável e negligenciar fatores contextuais- contexto social e histórico em que é produzido, transmitido e circulado.

Na perspectiva da teoria social da edição, o texto deixa de ser visto como um produto que tem seus sentidos atrelados somente à intenção do autor e passa a ser entendido como resultado de um processo de diversos autores, que envolve diversos sujeitos, além de ser influenciado pelo seu contexto social de produção, transmissão e circulação. É reconhecido que um texto pode ter múltiplos sentidos, dependendo do contexto e das interpretações dos leitores, como algo dinâmico, sujeito a mudanças e adaptações ao longo do tempo. A teoria social da edição amplia nossa compreensão do texto, considerando-o como um produto interativo e socialmente construído, valorizando o contexto, a diversidade de significados e a colaboração.

Neste sentido, ele é entendido como um produto histórico que reflete inúmeros processos de mediação que ocorrem entre o escritor e o meio social. Diante disso:

[c]ada texto é um produto histórico: poderíamos assim dizer, que nele se refletem filtradas por uma série mais ou menos numerosa de mediações estético culturais a situação pessoal do autor, sua concepção de mundo, os conflitos socioeconômicos vividos por ele, suas experiências existenciais, seus conhecimentos teóricos e práticos, o grau de sua adesão a toda classe de convenções de seu tempo e da coletividade a qual pertence (Tavani, 1988, p. 35, tradução minha).

Assim entendendo, mudanças paradigmáticas na concepção de texto implicaram em rupturas nos estudos filológicos. A ênfase dada pela crítica textual à questão da intenção autoral nos últimos anos tem sido amplamente criticada, pois não sendo a escrita uma arte individual e sim um processo auxiliado por várias pessoas, “a preocupação com a intenção autoral mostra-se, portanto, artificial, uma vez que o processo de publicação, qualquer que seja ele, não separa a materialidade do texto da textualidade do livro” (Soares, 2017, p. 62). Dessa forma a tentativa de conexão estreita entre a história cultural, a sociologia dos textos e a crítica textual moderna tem permitido repensar a materialidade dos textos, deslocado a preocupação com a intenção autoral para uma instância colaborativa da produção textual. De acordo com Lourenço (2009, p. 181-183),

Nos últimos vinte anos tem-se verificado a tendência para situar a crítica textual anglo-americana entre dois pólos delimitadores: a teoria intencionalista de Greg e a sociológica de Don McKenzie e Jerome McGann. Nesse intervalo, a ênfase tem vindo a deslocar-se da preocupação com a

intenção autoral para os aspectos colaborativos da produção de textos (Lourenço, 2009, p. 181-183).

McGann 1983 e Mackenzie 1986 ganham destaque ao sustentar proposições teóricas sobre a abordagem social da crítica textual. Os estudiosos teceram reflexões e defenderam que deveria haver um equilíbrio sobre a importância dada à produção original do texto e à sua recepção; advogaram também para que o estudo da recepção e seu contexto social ganhasse importância em contraste com a valorização tradicional das intenções do autor. Ademais, propuseram que fosse dada redobrada atenção aos aspectos materiais dos textos a editar por serem portadores de um valor comunicativo que o estudioso deveria considerar ao lado do texto verbal (Marquilhas, 2010, p. 366).

Na mesma linha do pensamento crítico, Chartier (2005; 2010; 2014), traz discussões importantes sobre a história do livro e da leitura bem como das práticas de produção, transmissão e apropriação dos textos em diálogo constante entre a Crítica Textual, a Bibliografia Material e a História Cultural. Neste sentido, a atividade de edição na Crítica Textual tem experimentado uma virada epistemológica de desconstrução, ampliação e ressignificação do seu objeto de estudo. Tem demonstrado uma evoluída reconstrução nas concepções de autoria, de texto, de textualidade e materialidade, de modo inovador, engajado e ético. Tal deslocamento tem forçado os pesquisadores a perceberem como a forma de um texto é crucial na composição de seu sentido. De acordo com Soares (2017):

Na crítica textual e na atividade editorial, a equiparação da intenção autoral à autoridade textual, a ênfase no texto e a concepção de autor como entidade unitária foram sendo substituídas pela percepção de um processo temporal que compreende etapas como as primeiras revisões do autor, as revisões editoriais, a realização das provas, a publicação, a reimpressão em vida e após a morte do autor. No decurso desse processo é que o significado literário se constrói, resultando das relações entre os elementos do próprio texto e entre este e o leitor e o editor, de acordo com convenções literárias e linguísticas (Soares, 2017, p. 64).

Análogo a tal pensamento, McKenzie (2018) discute que, à medida que qualquer obra é reproduzida, reeditada e relida, ela assume novas formas e novos significados. O autor discute temas como a materialidade do livro e seu potencial “discursivo”, amplia o conceito de textualidade e de materialidade da escrita para suportes múltiplos e enfatiza a relação entre forma e conteúdo, abrindo novos caminhos para que os objetos da escrita possam ser pensados de forma mais profusa e abrangente.

Nessa abordagem, o texto é percebido enquanto objeto material, cultural e objeto de conhecimento, sendo estudado como: testemunho (do processo de criação textual e da ação de vários sujeitos); monumento (integrante do patrimônio cultural) e documento (das marcas físicas do autor nos seus materiais de trabalho e dos agentes sociais e culturais). De acordo com Hay (2007):

Desde a origem, cada escrita ocupa um lugar numa configuração da História: o manuscrito como livro, como substrato do impresso, como instrumento de criação. Suas características materiais tornam-se assim índices de uma função de pertencimento cultural que organizam a primeira significação do objeto. Em segundo lugar, esse objeto é testemunho de sua própria história, inscrita em seus materiais (papéis, tintas, lápis) assim como em sua estrutura (dossiês, planos, rascunhos). Esse recorte entre índices externos (históricos) e internos (individuais) está hoje a serviço de uma nova arqueologia do escrito –nova, uma vez que é uma arqueologia do movimento, e visa a reconstituir o manuscrito em sua dimensão temporal (Hay, 2007, p. 94-95).

A compreensão do manuscrito em sua dimensão temporal e sua historicidade viabilizam o entendimento da organização dos mesmos. Nos estudos filológicos, como afirma Borges *et al.* (2012), os sentidos do texto estão imbricados em sua materialidade, no contexto histórico e nos sinais físicos produzidos no processo de circulação e leitura.

Esta ampliação da teoria do texto permitiu uma desconstrução na teoria da edição “não é possível, numa dimensão concreta e textual, aceitar que os textos possam ser reconstruídos conforme originais, mesmo porque somos sujeitos históricos e transformamos sempre aquilo com que interagimos” Sacramento; Santos (2017, p. 150). A crítica textual, dessa forma, amplia o espaço de construção da leitura filológica, desloca sua ênfase e rompe com paradigmas construídos historicamente. De acordo com Lourenço (2009, p. 181),

Ao contrário da escola anglo-americana, que pretende fixar um único texto para cada obra, as correntes alemã e francesa da crítica textual genética concentram-se na gênese e desenvolvimento textuais, estudando as versões de uma obra, incluindo rascunhos e os chamados paralipomenos. Para a produção de edições críticas e históricas, a escola alemã de *Editionswissenschaft* estabelece um texto crítico relativamente ao qual todas as variações são documentadas. A escola francesa de *critique génétique* procede ao estudo genético do texto em relação ao “avant texte”, localizável, por exemplo, em cadernos de notas e, nalguns casos, ignorando as versões impressas.

Entende-se que todos os textos possuem uma forma material, uma materialidade e que “a ‘mesma’ obra não é de fato a mesma quando muda a sua linguagem, seu texto ou sua pontuação” Chartier (2014, p.11). E que se o editor se constitui nos múltiplos atos de escolha

que realiza, a necessidade de pensar uma edição do livro *Flôres e espinhos*, que adentre nas bases dos estudos da nova filologia aos estudos culturais e que evidencie uma cultura por meio da materialidade e discursividade dos textos, se faz necessária. Pois, conforme aponta Lose et al. (2018, p. 10), a leitura crítica e material do texto, com vistas para os usos sociais do mesmo, aponta para o estabelecimento de uma ponte entre os Estudos Culturais e a Filologia. Sobre isso, Barreiros (2015, p. 150) destaca que “uma história cultural do escrito abarca as diferentes práticas relacionadas aos meios de produção, circulação e apropriação dos textos por sujeitos sociais e historicamente constituídos”. Neste mesmo viés Said (2007), observa que:

Uma verdadeira leitura filológica é ativa; implica acreditar no processo da linguagem já em funcionamento nas palavras e fazer com que revele o que pode estar oculto, incompleto, mascarado ou distorcido em qualquer texto que possamos ter diante de nós. Nessa visão da linguagem, as palavras não são marcadores significantes passivos que representam despretensiosamente uma realidade mais elevada, mas antes uma parte formativa integrante da própria realidade [...] A tarefa do humanista não é apenas ocupar uma posição ou um lugar, nem simplesmente pertencer a algum local, mas antes estar ao mesmo tempo por dentro e por fora das idéias e valores circulantes que estão em debate na nossa sociedade, na sociedade de alguma outra pessoa ou na sociedade do outro (Said, 2007, p. 82-83, 101).

O editor deve assumir, portanto, uma posição crítica a fim de construir uma ética de leitura; despertar reflexões acerca da sua práxis; problematizar o *modus operandi* de métodos tradicionais que cristalizam histórias unívocas ao passo que desconstrói concepções hegemônicas para que a história seja plural e abarque outras leituras, outras vozes, outras subjetividades. Cabe, dessa maneira, ao filólogo:

A investigação das condições de produção, circulação e transmissão nas quais os textos foram tecidos, propondo outras leituras que enfrentem, ao menos, o veredicto do anacronismo. Nesse processo, também são oportunas denúncias de quaisquer tentativas de obliteração das possibilidades de ler; porém não interessa mais, na perspectiva que assumimos, a vigília exegética que levaria à interpretação correta, mas sim a leitura crítica da diversidade como produto histórico de diversas atuações e sociabilidades dos sujeitos que se ocuparam da interação com o texto (Sacramento; Santos, 2017, p. 149).

Sobre essas decisões e os compromissos éticos e políticos que devem ser assumidos no gesto de leitura filológica e que vão em direção a um movimento de desconstrução da ideia de filologia como campo de estudo que se preocupa com a restituição dos textos, isto é, com a recuperação dos originais perdidos ou com os textos de última vontade do autor, Sacramento (2016, p.122), sustenta ainda que “é possível entender o movimento da crítica filológica, sem

que, para isso, tenha que encerrar os procedimentos metodológicos em leis, nem que seja necessário separar o ato de edição das perspectivas de crítica. Além disso, de acordo com o estudioso não parece ser saudável permanecer crente na função substantiva, adjetiva e transcendente que foi atribuída à filologia, pois de acordo com ele:

não há ato de crítica que esteja isento da subjetividade da pesquisa, nem maneira de estabelecer substantivamente um texto que não esteja amparada também na crítica “biográfica” (considerada adjetiva) ou na leitura de mundo materializada na produção a ser editada (chamada de transcendental) (Sacramento, 2016, p.122),

A práxis de edição deve assumir então um caráter de leitura e interpretação crítico conforme assinala Sacramento (2016, p.116) “[...] invisto na compreensão de uma práxis filológica que não elegerá nenhum [...] modelo a ser seguido, mas que reconhece a ética criativa de atuação da Filologia mais como procedimento analítico que normativo ou legislador quer da língua, quer da cultura”

Discussões de cunho estético-político da noção de originalidade, textualidade e materialidade conduzirá a edições com abordagens interdisciplinares nos mais diversos campos do saber, pelas mais variadas teorias: Filologia, Crítica Textual, Crítica Genética, História Cultural, Sociologia dos Textos etc., ou seja, uma edição, com ênfase no compartilhamento de métodos. É nesse contexto de interface entre os Estudos Culturais e a Filologia que surge o termo “pós-filologia”, defendido por Warren (2003) para definir as novas práticas filológicas, em que se considera o texto plural.

Segundo Sacramento (2017, p.141), a “resistência humanista da Filologia estaria justamente na possibilidade de esta alargar não apenas as circunstâncias de diálogo do próprio crítico, mas sobretudo o raio de leitura e percepção de outros indivíduos”.

De acordo com Warren, (2003, p. 36-37, apud Santos 2015, p. 13, 14):

Trata-se, portanto, não de uma superação da filologia, ou de sua obsolescência. A pós-filologia “[...] desarticula uma prática ou uma condição particular das suas teleologias históricas [...], identifica e associa práticas de vários períodos ou disciplinas através de seus métodos compartilhados [...]”, constantemente “[...] consciente de suas implicações epistemológicas e ideológicas [...]”, que contribuem para a “[...] teorização das condições materiais da textualidade [...]” que moldam a prática acadêmica e erudita nas humanidades.

Esse deslocamento na compreensão de filologia no estudo do texto requer uma ampliação nas discussões sobre os modelos de edição, pois, conforme alude Paixão de Souza

(2013) “já não há razão alguma para os “tipos de edição” serem tomados como objetos isolados entre si: podem, muito melhor, ser compreendidos como **camadas editoriais** possíveis sobre um mesmo texto” (Paixão de Souza, 2013, p. 120, grifos da autora).

Logo, o papel do editor deve ser compreendido em seus múltiplos papéis de leitor/autor que são marcadas pela mediação editorial pois é “[...] responsável intelectual pela edição do texto, pelas escolhas que realiza para trazer ao conhecimento do público o texto marcado por suas intervenções críticas, lido e comentado, o(s) texto(s) crítico(s)” (Santos, 2020, p. 23). Essa ampliação dos gestos de leitura filológica pode ser explorada e ampliada na edição digital.

As mudanças no processo de transmissão encaminham, conseqüentemente, o editor a assumir o seu lugar nesse processo de produção de sentidos que é resultante da edição de textos pois,

[...] o trabalho filológico produz inevitavelmente um papel de editor, e [...] tal papel de editor pressupõe, em sua prática, a produção de um hipotético papel de autor [...]. Ao mesmo tempo, não é demais esclarecer que o papel de editor contém por sua vez múltiplos papéis de leitor (Gumbrecht, 2007, p. 43, tradução minha).

Dessa forma, ao longo do estudo e da edição, cabe ao editor considerar as especificidades de textos a serem editados, valorizando os aspectos colaborativos da produção, as variações, as camadas textuais do processo criativo. Adotar tal postura significa entender o texto enquanto objeto social e histórico. Valorizando a sua materialidade genética, que possibilita conhecer o processo de criação e produção do escritor, bem como a sua materialidade social, que permite compreender seu processo de reprodução, circulação e recepção.

Com essa abordagem, depreende-se que o processo de compreensão da cultura escrita, a noção de texto e autoria passaram por várias transformações, “[...] o mundo digital desafia as noções que sustentavam a definição de obra como obra, a relação entre escrita e individualidade e a ideia de propriedade intelectual” (Chartier, 2014, p. 14), principalmente no cenário contemporâneo, acompanhado das mudanças no campo da informática e da invenção tecnológica que afetaram os meios de comunicação como também a atividade de leitura e a relação do leitor com o texto escrito.

3.1 FILOLOGIA EDITORIAL NA ERA DIGITAL

A contemporaneidade é caracterizada pelo amplo e rápido acesso a uma grande quantidade de informações e de novas textualidades que alteraram as relações sociais e os

modos de comunicação. Nesse cenário, as práticas de leitura e escrita estão passando por transformações significativas. Apesar de não ter havido uma ruptura, atualmente, a cultura escrita adentrou numa nova fase – a cultura digital-, que tem uma lógica diferente das culturas manuscrita e impressa. Estamos cada vez mais imersos em um novo espaço de comunicação, onde textos impressos coexistem com os digitais em aparelhos dispositivos como notebooks, smartphones e tablets.

Esses aparelhos eletrônicos permitem uma interatividade que está remodelando a forma como lemos e escrevemos. As alterações nas configurações dos atos de ler promovidas pelo ambiente digital rompe com a linearidade do impresso e impõe o leitor a colocar em prática sua autonomia para consultar documentos e traçar sua leitura em meio ao labirinto textual disponível na tela do computador.

As edições digitais permitem que os textos possam ser agregados e relacionados entre si bem como com outros objetos formando novos circuitos de leitura, reinterpretados em outros contextos para diferentes propósitos, compartilhados, recriados, enriquecidos, anotados com informações que podem ser compartilhadas, incorporadas em outras memórias e analisados sob outros olhares.

A utilização das tecnologias computacionais no âmbito filológico, desde a segunda metade do século XX, se relaciona ao campo das Humanidades Digitais, que surgiram como uma resposta à crescente disponibilidade de dados digitais e à necessidade de métodos inovadores para analisá-los. Essa disciplina interdisciplinar combina habilidades tradicionais das humanidades, como análise textual e interpretação cultural, com ferramentas e técnicas digitais.

Os Estudos Filológicos têm uma longa tradição de análise textual e crítica literária. Com a chegada do ambiente digital, essa disciplina também passou por mudanças significativas. O uso de tecnologias computacionais no labor filológico propõe novas possibilidades no campo de estudo e a direciona para a Nova Filologia “que se assume como uma Filologia Digital, representando algumas das áreas de investigação o que se situam (ou se adentram) em domínios de tangência com as Humanidades Digitais” (Banza; Gonçalves, 2013, p. 8).

É a partir da revolução tecnológica/digital dos meios de comunicação que surgem um conjunto de práticas das chamadas Humanidades Digitais. Diante disto, o filólogo é desafiado a explorar as potencialidades da tecnologia digital e avançar em direção a novos modelos editoriais que superem os tradicionais modelos analógicos.

No entanto, é importante destacar que essa revolução cultural e tecnológica não significa o fim do formato impresso. Assim como o surgimento do impresso não eliminou o manuscrito,

a evolução atual também não o torna arcaico. O próprio *Manifesto das Humanidades Digitais* ressalta que as práticas nesse campo não negam o passado, “apoiam-se, pelo contrário, no conjunto dos paradigmas, *savoir-faire* e conhecimentos próprios dessas disciplinas, mobilizando simultaneamente os instrumentos e as perspectivas singulares do mundo digital.”.

Nesse viés, o surgimento informática e da era digital forçou a sociedade a ressignificar o seu olhar e as suas formas de lidar com o mundo e conseqüentemente com o texto em suas diferentes modalidades. Santiago, Santiago S. e Barreiros (2017, p.45) afirmam que “A informática e seus desdobramentos contemporâneos anunciaram uma nova fase da cultura escrita que está exigindo um novo olhar para o texto e seus processos de transmissão”.

As Humanidades Digitais têm proporcionado um diálogo frutífero com os estudos filológicos. As práticas editoriais estão indo além do estabelecimento do texto e da fixação engessada em busca do ânimo autoral. Os filólogos, na contemporaneidade, direcionam suas edições para a produção de arquivos hipertextuais, os textos eletrônicos são disponibilizados em rede mediante os suportes digitais.

O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera (Chartier, 2002, p. 25).

Nesse sentido, os métodos digitais contribuem para os estudos filológicos, pois conforme aponta Castro (1995, p. 8) o livro em sua forma física não aceita muitas variedades, “à sua relativa rigidez sempre teve de se sujeitar a edição, que nem sempre consegue, por isso, sugerir ao leitor o dinamismo, a multiplicidade de formas e a sinuosidade que marcaram os processos de escrita durante a fase de gênese do texto”.

A não-linearidade, a dinamicidade e a multiplicidade que o ambiente digital promove, modificou o pensamento humano e suas práticas, tornando o meio digital um dos fundamentos da atividade humana contemporânea. Nesse sentido, para Lucía Megías (2010):

A informática se estabeleceu como uma nova tecnologia que deslocou todas as existentes. [...] A extensão do meio digital como forma de difusão do conhecimento e da informação é uma verdadeira revolução, que vai além da mudança do suporte de escrita (do papiro ao pergaminho, e deste ao papel), pois afeta a própria materialidade do próprio texto (um de seus princípios frente à oralidade), às técnicas de reprodução e difusão e, portanto, as formas de recepção e de leitura. [...] Cabe a nós, filólogos, levantar o debate sobre como deverão se configurar, suas possibilidades e características (Lucía Megías, 2010, p. 229, tradução minha).

No bojo dessas evoluções teóricas surgem também novas formas de edição com o apoio do meio digital. O trabalho filológico no meio digital surge com a própria invenção do computador, o trabalho manual vem sendo desenvolvido de forma concatenada ao uso de tecnologias computacionais. Entretanto, de acordo com Paixão de Souza (2013, p.113) “[...] é na virada entre o século XX e o século XXI que veremos multiplicarem-se iniciativas de construção de repositórios e ferramentas para a edição filológica, e surgir um grande número de periódicos dedicados ao tema das edições eletrônicas”.

As Ciências Humanas aliada a Ciência da Informação formam um espaço interdisciplinar que investiga e desenvolve novas ferramentas de edição de textos. Os programas computacionais têm permitido possibilidades amplas e abertas para a edição filológica digital em contraposição à mecânica.

Tendo como pano de fundo as mudanças no paradigma dos estudos filológicos na contemporaneidade, com base nos estudos da Nova Filologia, o diálogo interdisciplinar que a Filologia vem construindo ao longo dos anos com os meios digitais tem se efetivado de forma real e não apenas acessória, e contribuído para o surgimento de novas materialidades do texto no meio digital que concebe o texto em sua pluralidade e traz à cena os estudos de edição do processo criativo do texto ao passo que produz uma releitura da sua práxis. Nesse sentido, a edição digital é um exemplo de modelo de edição que potencializa as possibilidades de apresentação do texto e, conseqüentemente, amplia as possibilidades de leituras.

É evidente que o processo de comunicação científica vem sendo impactado pelo uso das novas tecnologias. Esse impacto é perceptível em todas as áreas do conhecimento, inclusive na área de Humanidades. De acordo com (Costa, 2000, p. 97), “esse uso crescente da comunicação eletrônica tem provocado mudanças no processo de comunicação científica propriamente dita, na medida em que suscita alterações dentro das comunidades científicas.

É a partir da revolução tecnológica/digital dos meios de comunicação que se pode falar de novas textualidades e disciplinas que delas se ocupam, construindo o campo das Humanidades Digitais, aqui entendidas, simultaneamente, como conjunto de práticas e como campo acadêmico (Correia, 208, p. 90).

As Humanidades Digitais surgem, neste sentido, com a aproximação das Ciências Humanas e as tecnologias digitais. No campo dos estudos filológicos e seu diálogo com outras áreas do conhecimento, como as Ciências da Computação, tem permitido inseri-la nas chamadas “Humanidades Digitais”. Nesse sentido, a aproximação da Crítica Textual, com as

Ciências da Computação implicou em mudanças de concepções teóricas e metodológicas, fornecendo aos pesquisadores caminhos inovadores por meio das ferramentas computacionais.

Firma-se, diante disso, o profícuo diálogo da filologia com outras áreas do conhecimento como a informática, arquivística, crítica genética, sociologia dos textos, avançando para o campo das Humanidades Digitais, que são compostas por todas as disciplinas científicas que capturam, analisam e apresentam as dinâmicas culturais e sociais passadas, presentes ou emergentes, mediante ferramentas informáticas, formando um espaço interdisciplinar.

As Humanidades Digitais nos apresentam uma variedade de propostas editoriais em meio digital. De acordo com Paixão de Souza (2013), teríamos, a partir daí, a abertura de um novo campo, denominado como “Digital Philology”, que liberta as técnicas de representação editoriais anteriores. As técnicas de edição filológica fundam-se na ideia de que “a edição eletrônica amplia os horizontes técnicos do trabalho filológico, por libertar as técnicas de representação editoriais das limitações materiais colocadas anteriormente pela tecnologia do impresso” Paixão de Souza (2013, p.127).

Nesse sentido, discussões sobre a Edição Digital e as possibilidades de acesso a obra em processo vem rompendo com a ideia hierarquização do texto em função de um testemunho que represente o produto final, a “última vontade do autor”. De acordo com Souza e Magalhães (2018),

A principal característica das edições digitais é a multiplicidade de possibilidades de execução. Assim como um ciborgue, tem-se uma multiplicidade de partes mecânicas e cabe ao responsável pela produção olhar o corpo para analisar em quais ela se encaixa melhor. Por isso, toda edição digital vai ser sempre uma proposta (Souza e Magalhães, 2018, p. 49).

Dessa forma, as ferramentas e programas computacionais têm auxiliado o trabalho investigativo, interagem diferentes áreas do saber para dar conta do estudo crítico-filológico e da edição dos textos mediando os processos de interpretação junto ao público leitor. Sobre isto Emiliano (2005) destaca:

As tecnologias da informação põem hoje à disposição dos filólogos variadíssimos recursos (aplicações, utilitários, redes, suportes para armazenamento de grandes quantidades de texto) para editar, processar e analisar textos [...]. Estes desenvolvimentos e avanços interpelam decisivamente os filólogos portugueses, que são obrigados a repensar os procedimentos e estratégias editoriais praticados até o advento e generalização

do computador pessoal: não é possível continuar a pensar as edições como objectos fechados e fixados imutavelmente na página impressa em papel, ou como simples transposições dos textos [...] para o suporte impresso [...] (Emiliano, 2005, p. 141).

A difusão digital sobre as edições filológicas configura-se em uma nova forma de pensar o trabalho de edição. Cerquiglioni, 2000) ao traçar os paradigmas da nova filologia, afirma que é tripla a ação da computação contemporânea. De acordo com a estudiosa,

“[...] Ela nos fornece, em primeiro lugar, novas ferramentas de edição (computadores multimídia, rede de internet, etc.); em seguida, ela nos equipa com conceitos e ideias (noção de hipertexto, texto maleável, compartilhamento textual) que mudam nossa imagem do texto; finalmente, e acima de tudo, marca o fim do monopólio do livro como meio de escrita. Confrontado com outros objetos (tela, disquete), o filólogo toma consciência da importância do apoio na constituição histórica da noção de texto [...]” (Cerquiglioni, 2000, p. 4).

Trata-se de uma mudança de paradigmas, de uma transformação hermenêutica do fazer filológico. As edições eletrônicas têm permitido tornar visível, por exemplo, a pluralidade de textos e a instabilidade histórica dos mesmos que a versão impressa não dava conta. De acordo com Borges e Souza (2012), ao se tratar da edição de textos contemporâneos e modernos, é necessário buscar modelos editoriais que sejam adequados às singularidades de cada texto e aos propósitos de cada editor.

Embora tradicionalmente interesse ao crítico textual, quando se trata de uma edição crítica, o texto final, representativo da última “vontade do autor” ou da intenção autoral final, autêntico, autorizado, resultado da aplicação do método filológico (texto crítico), quando se trata da edição de textos modernos e contemporâneos, de autoridade múltipla, identificados por uma instabilidade textual, e muitas versões, é preciso repensar a prática editorial, dessa vez pondo em evidência a multiplicidade de textos (estados, versões, etc.) e suas especificidades, a partir da história da tradição e transmissão textuais, devendo-se propor outros modelos editoriais que sejam coerentes com exame de cada situação textual e com o propósito de cada editor crítico de textos. [...] (Borges; Souza, 2012, p. 24-25).

Os textos literário preservados no acervo Eulálio Motta possuem uma riqueza de significados que só podem ser compreendidos a partir das interconexões que estabelecem entre si. Além disso, se apresentam em suportes de escrita distintos, carregam consigo informações relevantes acerca do seu contexto histórico. De acordo com Barreiros (2012, p. 161), “os significados dos textos não estão apenas nos aspectos alfanuméricos [...], mas também nos suportes, nas formas materiais que garantem a sua existência, nas relações que mantêm com os

seus diferentes testemunhos e nos usos que se fizeram deles ao longo do tempo. Nesse sentido, os estudos filológicos em diálogo com as tecnologias digitais na contemporaneidade vêm contemplando tais singularidades bem como a complexidade textual, através das hiperedições.

3.1.1 Edição digital: uma teia de textos

Os textos eulalianos são múltiplos, apresentam um caráter móvel, nômade e se relacionam com outros documentos, sendo necessária a valorização da multiplicidade em detrimento da unidade e o rompimento com propostas hierarquizantes. Os textos de arquivos reclamam do filólogo reflexões acerca da representação complexa dos mesmos a partir de um modelo que foge do padrão linear e temporal, dando lugar a uma concepção complexa e rizomática. Incluindo outros fatores, além do puramente linguístico, que participam da construção de sentidos do texto. Sendo importante conhecer aspectos da sua materialidade, os códigos bibliográficos, bem como o seu contexto de produção, circulação e apropriação.

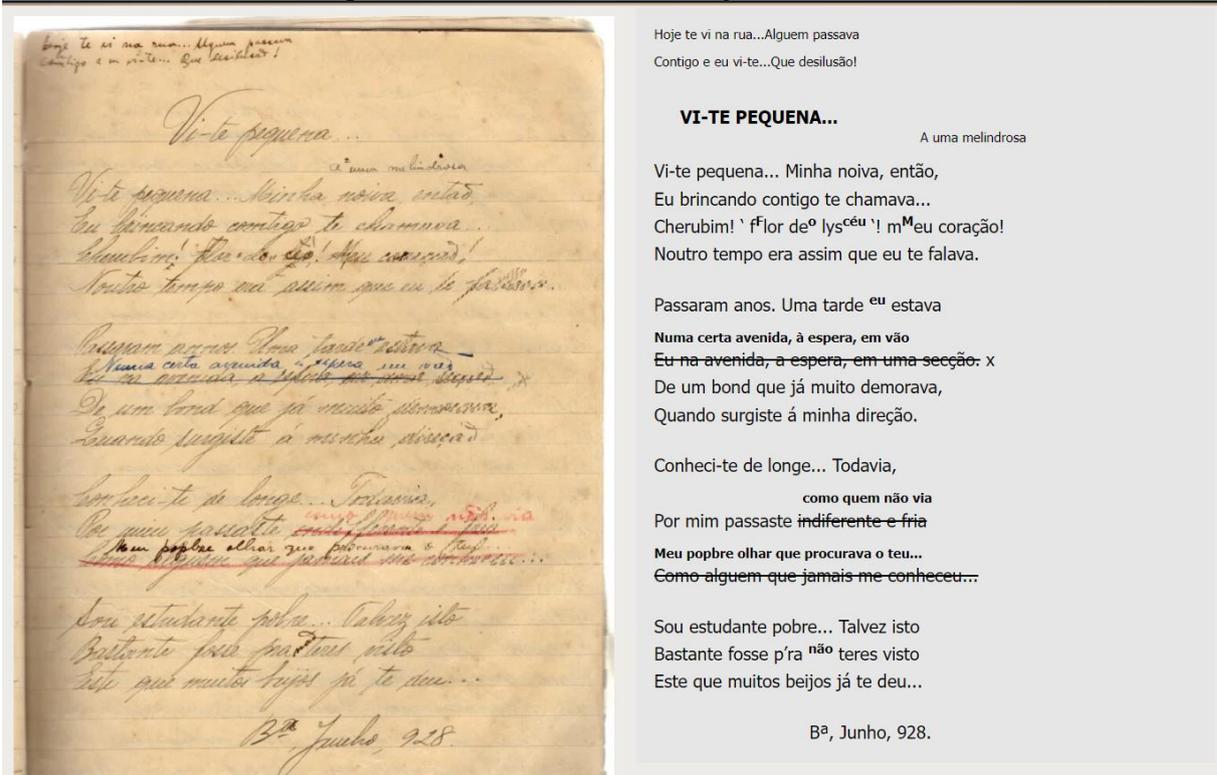
No que diz respeito aos acervos de escritores, a exploração desses códigos se faz indispensável para que se possa atribuir sentido aos documentos. Diante disso, ao editar e estudar um documento de acervo não se pode considerá-lo de forma isolada, mas a partir do diálogo que este estabelece com os demais documentos.

Podemos considerar então o texto como fonte de significação, espaço de relações. Santiago., Santiago, S. e Barreiros, P. (2017) justificam a impossibilidade de se estudar o acervo por meio da análise isolada dos documentos considerando dois princípios básicos:

Primeiro, pelo fato de que um texto não existe em si mesmo, mas se estabelece a partir de um contínuo diálogo com outros textos. Segundo, por tratar-se, como afirma Barreiros (2016), de uma obra autobiográfica forjada pelo próprio escritor, sua magnum opus, o acervo não pode ser estudado de maneira fragmentada, por meio da análise isolada de cada documento, visto que os documentos compõem uma imensa rede de informações. O rompimento dessas redes é um procedimento arriscado, pois induz o pesquisador a realização de uma leitura limitada, direcionando-o a assumir posicionamentos equivocados com relação ao escritor, ao acervo e, obviamente, ao próprio documento (Santiago; Santiago, S.; Barreiros, 2017, p. 47)

Neste sentido, uma edição que contextualize a obra do autor ao passo que elucide seus códigos linguísticos, bibliográficos e contextuais se faz necessária. Pois, a forma do texto, a dimensão material e todo o conjunto de propriedades físicas, visuais etc., afetam e participam da construção de seu sentido, do seu significado. Conforme exemplo abaixo:

Figura 16 – Print do site- transcrição linearizada.



Hoje te vi na rua...Alguem passava
Contigo e eu vi-te...Que desilusão!

VI-TE PEQUENA...

A uma melindrosa

Vi-te pequena... Minha noiva, então,
Eu brincando contigo te chamava...
Cherubim! 'f'lor de^o lys^{céu} 'l m^Meu coração!
Noutro tempo era assim que eu te falava.

Passaram anos. Uma tarde ^{eu} estava
Numa certa avenida, à espera, em vão
~~Eu na avenida, a espera, em uma secção: x~~
De um bond que já muito demorava,
Quando surgiste á minha direção.

Conheci-te de longe... Todavia,
^{como quem não via}
Por mim passaste ~~indiferente e fria~~
Meu pobre olhar que procurava o teu...
~~Como alguém que jamais me conheceu...~~

Sou estudante pobre... Talvez isto
Bastante fosse p'ra ~~não~~ teres visto
Este que muitos beijos já te deu...

B^a, Junho, 928.

Fonte: <https://floreseepinhos.com.br/vi-te-pequena/>

No exemplo acima, trata-se de um *print* retirado da hiperedição em que a transcrição acomoda as rasuras, substituições, correções e acréscimos, seguindo a sequência lógica do texto. A marcação HTML possibilita que a representação das rasuras, correções e substituições se aproximem do texto original, não sendo necessário o uso dos símbolos que comumente são utilizados nas edições impressas para indicar o movimento da escrita. Dessa forma, a edição digital é um modelo que permite aceder versões textuais justapostas, sem a hierarquização de um testemunho em detrimento de outro.

Ao considerar as versões, os elementos contextuais, ao construir os dossiês arquivísticos, o filólogo desvincula-se de concepções hierarquizantes e lineares em busca da representação multifacetada, complexa e móvel dos textos a partir de um modelo rizomático sobre o acervo. A perspectiva sociológica de edição, abandona, conforme aponta (Mckenzie, 2005, p.46), “[...] a pretensão de estabelecer uma verdade que pudesse ser definida pela intenção do autor [...] e busca registrar e mostrar uma leitura à luz dos interesses de uma história de mudança cultural”. Prevalece, nesse sentido, a valorização da multiplicidade de discursos, e, conseqüentemente, de textos. Uma edição que traga o texto, cuja história é unívoca, singular e fixa vai na contramão da perspectiva rizomática (Deleuze; Guattari, 1995).

O modelo de rizoma defendido por Deleuze e Guattari (1995, p. 37), rompe com a proposta arborescente dos objetos. Na visão dos autores:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. **A árvore é filiação**, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (Deleuze; Guattari, 1995, p. 37, grifo meu).

Os autores se opõem aos métodos modernos que se desenvolvem em uma direção sedentária, hierárquica, linear e inflexível, orientada pelo modelo arbóreo, que se sustenta sobre uma raiz principal e propõem outra forma de organização, no qual

[...] a raiz principal abortou, ou se destruiu em sua extremidade: vem se enxertar nela uma multiplicidade imediata e qualquer de raízes secundárias que deflagram um grande desenvolvimento (Deleuze; Guattari, 1995, p.20).

A forma de rizoma defendido por Deleuze e Guattari (1995) valoriza, nesse sentido, as multiplicidades e busca a representação da complexidade dos objetos. Diante disso, com o advento da internet e desenvolvimento dos dispositivos tecnológicos, tem sido possível conectar rizomaticamente o conjunto documental dos arquivos de escritores. Desse modo, o rascunho, a anotação, as leituras prévias, as cartas, as fotografias, os cartões, os cadernos, as listas, os livros, as produções autorais e não autorais, a estaticidade do impresso, os recursos hipermediáticos, e uma infinidade de documentos, que integram o acervo e se relacionam intrinsecamente com o *corpus* editado pelo pesquisador, são conectados em pé de igualdade, passando a integrar a realidade textual, reinventando-a.

Debruçar-se no acervo sob essa perspectiva de rizoma é ampliar o olhar sobre os documentos, é romper com a visão de que um sobrepõe o outro, é mapear o diálogo entre os textos a partir de suas complexidades. Desse modo, as “[...] cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos [...]” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 15).

Dessa forma, percebe-se que a Filologia, ao longo do tempo, tem adotado diferentes métodos para a edição de textos, garantindo um diálogo inter/multidisciplinar que possibilita o filólogo valorizar os códigos linguísticos, extralinguísticos, bibliográficos e contextuais que engendram a configuração do texto manipulados por meio das ferramentas computacionais.

Esse diálogo tem permitido a transferência do trabalho tradicional para os meios digitais de forma menos custosa no que diz respeito à manutenção, correção e atualização das fontes documentais editadas, ao passo em que amplia e estende radicalmente seus usos potenciais, o que não seria possível ou efetivo no meio impresso.

Os novos suportes possíveis pelo surgimento do ambiente digital dão mais mobilidade, rapidez e dinamicidade aos objetos e permite interações multisemióticas, e conseqüentemente geram mudanças na forma de interpretar os fenômenos, promove contextualização, aponta novos caminhos e abre novas possibilidades de leitura e compreensão das obras, valorizando os elementos verbais e não verbais do *corpus*.

O pesquisador pode, por meio de programas computacionais, contextualizar o seu objeto de pesquisa, tanto em seu aspecto histórico-social, com dossiês arquivísticos, quanto em seu aspecto linguístico, com glossários integrados aos textos, por meio de edições iluminadas, entre outras possibilidades. Tudo isso conduz à criação de arquivos de textos, imagens e materiais audiovisuais etc. que por meio das hiperligações se apresentam no hipertexto para que se construa uma imagem biográfica da obra a partir dos dispositivos tecnológicos.

De acordo com Patrício Barreiros (2007, p. 27), “Diante do texto literário, comumente o leitor quer saber quem o escreveu, em que época e sobre quais circunstâncias”. Mas, muitas informações acerca do documento escrito, seja ele literário ou não, foram no desdobrar dos tempos, irrelevantes e posteriormente significativos, ou impertinentes e posteriormente importantes, como, por exemplo, a autenticidade, a autoria, o contexto histórico, o prototexto etc. Chartier (2005) propõe, antes de tudo, abordar o texto em sua historicidade primordial, voltando-se para as suas condições de produção, circulação e apropriação. Para ele, qualquer abordagem do texto que busque compreender os seus significados, precisa vislumbrar suas condições histórica, social e material.

A publicação desses textos no meio digital, em sua materialidade física e linguística, revela aspectos literários, contextuais, bibliográficos e sócio-históricos que constituem os textos a fim de disponibilizá-lo para um público leitor.

A realidade textual de cada documento passa a ser representada, conforme apontam Santiago; Santiago S. e Barreiros (2017, p. 52) “considerando as dimensões que a integram: os códigos bibliográficos, com a exibição dos fac-símiles dos documentos e comentários que descrevem aspectos da sua materialidade; os códigos alfanuméricos, com a transcrição do texto de todos os testemunhos, paratextuais e prototextuais”.

Ainda de acordo com Santiago; Santiago S. e Barreiros (2017, p. 50) é fundamental considerar as inovações promovidas pelo meio digital no âmbito filológico, porém, para eles, a

tecnologia digital não é por si só a solução para os problemas de edição de textos. De acordo com os autores, muitas edições elaboradas no ambiente digital não podem ser consideradas digitais, pois reproduzem a lógica do impresso, mudando apenas o suporte o que são consideradas por Barreiros (2014) como “incunábulo digitais, porque não aproveitam os recursos da tecnologia digital em rede, seguindo apenas os padrões adotados nas edições impressas.” Sobre isso Patrick Sahle (2017) assinala:

As edições acadêmicas digitais não são apenas edições acadêmicas em mídia digital. Eu distingo entre digital e digitalizado. Uma edição impressa digitalizada não é uma “edição digital” no sentido estrito utilizado aqui. Uma edição digital não pode ser impressa sem perda de informação e/ou funcionalidade. A edição digital é guiada por um paradigma diferente. Se o paradigma de uma edição se limita ao espaço bidimensional da “página” e aos meios tipográficos de representação da informação, então não é uma edição digital (Sahle, 2017, s.p. Tradução minha). ¹

Nesse sentido, Patrick Sahle (2017) demarca a diferença entre edições digitais e digitalizadas. Na mesma linha de pensamento, (Souza, 2021, p. 51) argumenta “Não se tratam de edições convencionais elaboradas em suporte papel e apresentadas em suporte digital ou de simples disponibilização de um conjunto de textos digitalizados, mas de edições que resultam de um fazer-pensar editorial desenvolvido em ambiente eletrônico”. A edição digital é modelo de edição que permite exploração uma vasta quantidade de conteúdo; permite ao leitor mais oportunidades para explorar, por meio de menus específicos, os códigos contextuais do texto, elucidando sua sociologia por meio do dossiê arquivístico; comparar as versões do texto ao optar tanto por uma leitura mais ‘linear’, quanto por uma hipertextual, por meio dos *hyperlinks* que direcionam para outros documentos, textos, fotos, glossários etc.

A hipermídia permite que os leitores navegam entre diferentes materiais de forma não sequencial estão mais associados ao caráter não linear seguindo *links* e conexões criadas pelos editores. De acordo com Landow (2009, p. 25),

La expresión hipermedia simplemente extiende la noción de texto hipertextual al incluir información visual y sonora, así como la animación y otras formas de información. Puesto que el hipertexto, al poder conectar un pasaje de discurso verbal a imágenes, mapas, diagramas y sonido tan fácilmente como

¹ No original: Digital scholarly editions are not just scholarly editions in digital media. I distinguish between digital and digitized. A digitized print edition is not a “digital edition” in the strict sense used here. A digital edition can not be printed without a loss of information and/or functionality. The digital edition is guided by a different paradigm. If the paradigm of an edition is limited to the two-dimensional space of the “page” and to typographic means of information representation, then it's not a digital edition.

a otro fragmento verbal, expande la noción de texto más allá de lo meramente verbal (Landow, 2009, p. 25).

Lévy (1995, p. 26) define o caráter hipertextual assumida pelo texto no âmbito digital como sendo talvez uma metáfora válida para todas as esferas da realidade em que significações estejam em jogo. No seguimento do raciocínio explica as possibilidades de múltiplas interpretações do modelo do hipertexto caracterizando-o por meio de seis princípios abstratos:

1. Princípio de metamorfose. A rede hipertextual encontra-se em constante construção e renegociação. Sua extensão, composição e desenho estão sempre em mutação, conforme o trabalho dos atores envolvidos, sejam eles humanos, palavras, sons, imagens, etc.
2. Princípio de heterogeneidade. Os nós de uma rede hipertextual são heterogêneos. Podem ser compostos de imagens, sons, palavras.
3. Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas. O hipertexto é fractal, ou seja, qualquer nó ou conexão, quando acessado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede de nós e conexões, e assim, indefinidamente.
4. Princípio de exterioridade. A rede não possui unidade orgânica, nem motor interno. Seu crescimento e diminuição, composição e recomposição dependem de um exterior indeterminado, como adição de novos elementos, conexões com outras redes, etc.
5. Princípio de topologia. No hipertexto, tudo funciona por proximidade e vizinhança. O curso dos acontecimentos é uma questão de topologia, de caminhos. A rede não está no espaço, ela é o espaço.
6. Princípio de mobilidade dos centros. A rede possui não um, mas diversos centros, que são perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, rizomas, perfazendo mapas e desenhando adiante outras paisagens (Lévy, 1995, p. 26).

O texto digital se configura como um hipertexto, capaz de compor uma teia de textos conectados através de *links*. A edição digital acomoda as mudanças anunciadas pelas novas teorias textuais explorando as possibilidades oferecidas pela tecnologia digital para apresentar e explorar as potencialidades do texto, como a capacidade de estabelecer conexões com outros textos e mídias. Para Richard Finneran (1996),

[...] a disponibilidade de tecnologia de hipermídia para o computador pessoal coincidiu com uma mudança fundamental na teoria textual, longe da noção de um único texto “edição definitiva” e em direção a um reconhecimento da integridade de versões discretas de uma obra e a importância dos elementos não verbais, particularmente os “códigos bibliográficos” descritos por Jerome McGann e os “códigos contextual” observado por George Bornstein, entre outros. Uma edição tradicional impressa não consegue acomodar todas as mudanças anunciadas pelas novas teorias textuais. [...] O desafio atual é descobrir todo o potencial do novo meio, para produzir edições ou, se preferir,

“arquivos”, que transcendem as limitações inerentes do livro impresso [...]” (Finneran, 1996, prefácio p. X, tradução minha).²

Sendo assim, é possível por meio da hiperedição, estabelecer uma rede de relações entre os textos editados e os documentos do acervo. De acordo com Leão (1999, p. 16), hipermídia “[...] é uma tecnologia que engloba recursos do hipertexto e multimídia, permitindo ao usuário a navegação por diversas partes de um aplicativo, na ordem que desejar.” Nesse sentido, a edição digital é o modelo de edição que mais atende as particularidades dos textos e o seu entorno, pois muitos outros documentos encontram-se preservados no acervo de Eulálio Motta. Lose (2011, p. 16) sustenta que a edição digital “mostra-se um tipo completamente adequado à Filologia que precisa não somente trabalhar o texto, mas também o paratexto, as informações que contextualizam e dão sentido ao documento editado.” Segundo a autora,

O entorno do texto é sempre fundamental para uma boa edição e a edição digital possibilita esse diálogo de forma natural e soberana. A edição digital mostra-se completa, pois o editor pode escolher os critérios de qualquer tipo de transcrição já existente e fazer dialogar isso através de hiperlinks com seu paratexto, além de desdobramento de abreviaturas, movimentos de correção do autor, em caso de texto moderno, entre outras possibilidades. Além disso, tornar o texto digital é possibilitar sua divulgação de forma mais fácil, acessível e abrangente. O que se sente é que a Filologia estava à espera desse tipo de edição para conseguir fazer promover este diálogo entre as suas muitas faces, as suas tantas atividades, de forma democrática e interativa (Lose et al., 2011, p. 78).

Na continuidade do pensamento Lose (2016, p. 115) argumenta ainda que a filologia, enquanto ciência atuante no século XXI, passa por essa transformação em função da evolução tecnológica, modificando suas práticas de execução. Os processos de produção, transmissão, preservação e uso do texto ganharam novas significações com o desenvolvimento das tecnologias de informação e da comunicação. Na mesma linha de raciocínio Monte e Paixão de Sousa, (2017, p. 241) argumentam sobre a concepção material de que o “texto digital aborda

² No original: [...] the availability of hypermedia technology for the personal computer has coincided with a fundamental shift in textual theory, away from the notion of a single text “definitive edition” and toward a recognition of both the integrity of discrete versions of a work and the importance of nonverbal elements, particularly the “bibliographical codes” described by Jerome McGann and the “contextual codes” noted by George Bornstein, among others. [...] the present challenge is to discover the full potential of the new medium, to produce editions or, if you prefer, “archives”—that transcend the inherent limitations of the printed book [...]

o texto segundo os aspectos das suas condições de produção, difusão e apreciação como objeto cultural, e traz a foco o processamento lógico artificial como seu ponto de diferenciação”. Ainda a esse respeito, a última autora discorre sobre a ideia do hipertexto imaginada por Theodor H. Nelson já na década de 1960 que é fundada pela codificação, infinita, aberta, anti-linear,

o que visualizamos quando visualizamos um texto numa tela de computador são ilusões fabricadas por instruções computacionais, e, portanto, ilusões que podem ser re-fabricadas, re-codificadas, modificadas ao limite das necessidades de um editor. De fato, é essa possibilidade infinita, e fundamentalmente anti-linear, aberta pela codificação eletrônica do texto, que funda a ideia do hipertexto, imaginada já na década de 1960, pelo filósofo norte-americano Theodor H. Nelson (1965) (Paixão De Sousa, 2013, p. 129)

No caso dos hipertextos digitais, o editor aciona diversos textos e outras mídias, resultando numa hipermídia dinâmica e interativa que transcende convenções de linearidade e de unidade textual, já que não há mais um texto, mas sim uma rede de textos e outras mídias conectadas através do recurso do hiperlink, com o qual ao se passar o cursor sobre uma palavra marcada com hiperlink abre-se, na mesma janela, uma caixa com as informações sobre diversos aspectos contextuais, como por exemplo, lexias, notas, registro das modificações textuais das diferentes versões, e a informações acerca do contexto (elementos paratextuais e prototextuais) da escrita dos poemas que podem orientar e ampliar a leitura do texto em questão proporcionando uma abordagem multifacetada para a compreensão do conteúdo.

Segundo Biasi (2010, p. 10-11), os rascunhos e esboços dos escritores, onde cada página ocupa várias porções de sentido, sem um espaço definido, assemelham-se aos sistemas de *hiperlinks* e editores multimídias. Por isso, os manuscritos e textos em processo de escrita, como se configura o livro *Florês e espinhos*, adquirem novo dinamismo nas hiperedições.

De acordo com Barreiros (2015), as características de uma edição digital permitem a mesma ser classificada como hiperedição porque corresponde a uma hipermídia com mais de um tipo de edição convencional da Crítica Textual (crítica, facsimilada, diplomática, sinóptica), integrada à documentos paratextuais (textos, imagens, vídeos, sons e animações). Uma hiperedição é, portanto, “uma hipermídia que geralmente apresenta mais de um tipo de edição convencional [...] de modo integrado e dinâmico, documentos paratextuais diversos [...]” (Barreiros, 2015, p. 233).

edição que dá conta das particularidades de diversos tipos de *corpus* e lida com uma diversidade de documentos que foram marcados por modificações e intervenções textuais em seus processos de produção e circulação, por isso, entendemos o potencial do meio digital como

suporte para a apresentação da edição dos textos poéticos, produzidos por Eulálio Motta, durante quase seis décadas, através de uma hiperedição. De acordo com Barreiros (2015) trata-se de “uma edição híbrida que apresenta novas potencialidades de leituras e análises dos textos e que somente se efetiva no meio digital” (Barreiros, 2015, p. 21). O autor ainda reforça que,

As hiperedições são ideais para explorar a documentação conservada nos acervos dos escritores. Através de uma edição interativa, podem-se explorar os esboços, as pesquisas para a escrita do texto, cartas, fotografias, anotações marginais e outros tipos de documentos que podem enriquecer a leitura do texto. Além do dossiê genético, comumente estudado pelos geneticistas, o filólogo que trabalha com documentos de acervos de escritores depara-se com diversos materiais que não se relacionam diretamente com a gênese da obra, mas são de fundamental importância para a compreensão do texto (Barreiros, 2015, p. 25)

Diante disso, a edição digital se mostra um modelo de edição que potencializa as possibilidades de apresentação e de leitura do texto bem como de seu entorno contextual, dando ao leitor-usuário possibilidades de leituras. Uma vasta quantidade de documentos pertencentes ao acervo de Eulálio Motta se relaciona mutuamente entre si. Essa documentação é a fonte, talvez a única, que possibilita conhecer a história de vida do escritor e, conseqüentemente, os diferentes contextos em que os textos literários foram escritos. Além de esboçar o modo de produção, circulação, recepção e apropriação desses textos. Por isso, o acervo do escritor é o local de potencialidades em que é possível apreender sentidos.

Esses documentos podem ser organizados conforme critérios estabelecidos pelo editor. De acordo com Rocha (2023),

o papel do filólogo editor segue em constante reconfiguração diante das novas demandas de edição em meio digital. Cabe, portanto, ao editor não apenas a função de investigador, mediador e crítico filológico, mas também de programador e curador digital. Confere a ele a função de buscar as ferramentas necessárias para atender as singularidades da edição de forma segura e eficiente, bem como garantir a preservação, acessibilidade e usabilidade da edição a que se propõe realizar seguindo os preceitos das Humanidades Digitais (Rocha, 2023, p. 38).

As obras digitais formam uma parte significativa da herança intelectual e cultural contemporânea. A tecnologia digital tem o potencial de tornar todas as obras culturais, artísticas e científicas significantes da humanidade permanentemente preservadas e acessíveis para uma infinidade de pessoas em todo o mundo. O ciberespaço configura-se como um eficiente recurso de proteção e ampliação de acesso a acervos, pois tem potencial de hospedagem e disseminação

de qualquer tipo de obra cultural, artística e científica que se fazem significantes para a humanidade, tornando-as permanentemente preservadas e acessíveis para bilhões de pessoas em todo o mundo. Diante disso, cabe ao filólogo e humanista digital realizar edições que amplie e renove a história dos métodos e teorias da edição dentro do amplo universo que a Crítica Textual abarca.

4 AS FLÔRES E OS ESPINHOS NA ELABORAÇÃO DE UMA HIPEREDIÇÃO

Ao se trabalhar com a heterogeneidade complexa dos arquivos em acervos de escritor é preciso entender e valorizar os códigos não linguísticos como documentos “integrados por meio de uma rede de relações com significados importantes. Portanto, ao editá-los faz-se necessário esboçar um modelo de edição que garanta a manutenção dessa rede de significados” (Santiago; Santiago S.; Barreiros, 2017, p. 45).

Nesse sentido, nota-se a necessidade de concatenar os estudos da Crítica Textual às Humanidades digitais, para a produção da edição digital dos poemas, viabilizando o acesso dinâmico e interativo que respeita o organismo rizomático que é o arquivo eulaliano.

Isto posto, faz-se necessário renunciar a concepção reducionista de que o ambiente digital é apenas um mero repositório de informação ou um incunábulo digital e compreendê-lo em sua complexidade, como um aliado que potencializa as possibilidades de apresentação e de leitura dos textos ao passo em que produz o redimensionamento nas teorias da edição.

O movimento de virtualização do texto, ou seja, o hipertexto, é o precursor de novas possibilidades de imersão nos lugares de memória, no entorno do texto e na ampliação das possibilidades de leitura. Conforme aponta Lévy (2017, p. 37):

Com efeito, hierarquizar e selecionar áreas de sentido, tecer ligações entre essas zonas, conectar o texto a outros documentos, arrimá-lo a toda uma memória que forma como que o fundo sobre o qual ele se destaca e ao qual remete, são outras tantas funções do hipertexto informático (Lévy, 2017, p. 37).

Dessa forma, entende-se que ao se trabalhar com o texto não é mais aceitável que não se considere seu momento histórico, sua língua, seus autores sociais (que deixam marcas na produção, reprodução e publicação) e leitores. O editor precisa levar em conta os elementos extralinguísticos que permeiam os mesmos, cruzando diferentes interesses e procedimentos de edição ao recriá-lo para o olhar de novos leitores, em uma nova época, sob uma nova luz.

McKenzie (2018, p.11), converte a bibliografia no “[...] estudo da sociologia dos textos” e a define como uma disciplina “[...] que estuda os textos como formas registradas, assim como os processos de sua transmissão incluindo sua produção e sua recepção [...]” (McKenzie, 2018, p. 25). O estudioso sugeriu ainda que o que constitui o texto é o ato de construção. A forma de um texto é crucial na composição de seu sentido pois, cada texto carrega em si as marcas do modo como foi produzido, lido, difundido e, à medida que é reproduzido, reeditado e relido, assume novas formas e significados. Dessa forma, faz-se necessário

preservar as marcas físicas do processo de escrita dos textos, que contemplam a sua natureza contextual e “jamais separar a compreensão histórica dos escritos da descrição morfológica dos objetos que os portam” (Chartier, 2010, p. 8).

O interesse nesse tipo de edição é pensar um novo status para a Crítica Textual, outras problemáticas, outras realidades. Tal reflexão permitirá desenvolver edições que valorizem a materialidade do texto, sua dinâmica e conexões com os paratextos e os prototextos do acervo por meio das relações interdisciplinares necessárias e possíveis que atravessam as pesquisas na área de filologia.

Os documentos dos acervos de escritores não são peças desconectadas, sem relações entre si. Na maioria das vezes, eles apresentam conexões e constituem redes de informações que podem irradiar em várias direções e campos de investigação.

4.1 POR UMA FILOLOGIA DIGITAL DE *FLÔRES E ESPINHOS*

Na edição do livro *Flôres e espinhos*, a edição digital estabelece uma teia de relações entre os textos editados e os documentos do acervo, com o objetivo de interpretá-los em sua dinamicidade. Trata-se, portanto, de “uma edição híbrida que apresenta novas potencialidades de leituras e análises dos textos e que somente se efetiva no meio digital” (Barreiros, 2015, p. 21).

A edição digital do livro *Flôres e espinhos*, de Eulálio Motta está embasada na concepção de hiperedição que, segundo o filólogo Jerome McGann (1997), consiste numa hipermídia capaz de incluir no mesmo ambiente as edições convencionais (crítica, diplomática, fac-símilada etc.), integradas a diversos tipos de documentos iconográficos, filmográficos, sonoros e textuais, com recursos de zoom, hipertexto e animação.

Pelo caráter dinâmico que a edição digital emerge, as possibilidades de leitura do texto são múltiplas e não necessariamente linear. Conforme aponta Landow (1992), os leitores podem escolher pontos diferentes de finais, acrescentar algo ao texto, torná-lo maior do que era quando começaram a lê-lo.

Os *links* permitem acesso a várias janelas de navegação, e simultaneamente, proporcionam uma infinidade de opções de leituras na qual “[...] cada leitor deve [...] sentir-se livre para encontrar sua própria trajetória de leitura” (Gumbrecht, 2007, p. 20, tradução minha).

Desta forma, a pluralidade de materiais interligados com o *corpus* da pesquisa que estão disponíveis no acervo eulaliano, o dossiê arquivístico, e sua viabilidade de se tornar acessível ao leitor mediante uma edição digital interativa e dinâmica, que dialoga diferentes

gêneros textuais e apresenta distintas modalidades de edição, contribui na elucidação de diversos aspectos do texto e no seu entendimento.

Figura17- Exemplo de dossiê.

The figure consists of two screenshots of a digital archive interface. Both screenshots show the same poem, "15 de abril" by Eulálio Motta, on the left. The right side of each screenshot shows a menu of options for interacting with the text.

Top Screenshot: The menu on the right includes options for "Edição fac-similar", "Edição em PDF", "Transcrição com links", "+ Descrição", "+ Notas do editor", and "+ Dossiê Arquivístico". A red arrow points from the poem text to the "Descrição" option.

Bottom Screenshot: The menu on the right includes options for "Edição fac-similar", "Edição em PDF", "Transcrição com links", "+ Descrição", "+ Notas do editor", and "- Dossiê Arquivístico". Below these options is a section titled "Documentos:" which lists three items: "Poema em trovas 15 DE ABRIL (Caderno Luzes do Crepúsculo);", "Trova 15 DE ABRIL (em Meu caderno de trovas);", and "Datiloscrito avulso ALTO BONITO. Localização no acervo: (EC1.48.CV1.22.009)". A red arrow points from the poem text to this "Documentos" section.

Fonte: <https://floreseespinhos.com.br/>

Nesse exemplo apresenta-se um *print* da hiperedição em que ao lado da edição há uma caixa de informações acerca da descrição do texto, notas do editor e o dossiê arquivístico relacionado ao texto em tela, possibilitando o acesso (via *links*) a diversos tipos de documentos paratextuais relacionados ao texto editado: testemunhos manuscritos (prototextos), fotografias, correspondências, datiloscritos, impressos etc.

Os poemas de Eulálio Motta demandam uma edição de caráter inovador e que mantenha o texto num circuito de relações com a documentação do acervo. Assim, a hiperedição aqui apresentada relaciona os poemas do *corpus* aos documentos do acervo,

evidenciando os seus códigos linguísticos, bibliográficos e contextuais por intermédio de um olhar interdisciplinar e em diálogo constante com fontes paratextuais e prototextuais do acervo.

Santiago; Santiago S.; Barreiros (2017, p. 45) propôs:

[...] um modelo de hiperedição que inclui um dossiê arquivístico, que é uma forma de integrar, por meio de hiperlinks, os paratextos e os prototextos do documento editado. Dessa forma, é possível estabelecer uma rede de relações entre o texto editado e os documentos do acervo (Santiago; Santiago S.; Barreiros, 2017, p. 45).

A edição do livro *Flôres e espinhos* requereu um modelo de edição que preservasse, na medida do possível, os códigos linguísticos, extralinguísticos, bibliográficos e contextuais; que transcendesse o entendimento do texto enquanto um mero aspecto alfanumérico, mas que valorizasse seu processo de construção, materialidade e sua relação na história primordial e cultural das práticas de escrita. Os poemas do livro *Flôres e espinhos* seguem um modelo que pensa a edição para além de uma atividade mecânica de reprodução do texto, mas que seja pautada por reflexões teóricas sobre o fazer filológico em ambiente digital.

De acordo com Sacramento e Magalhães (2018, p. 27) o editor:

[...] precisa, após um amplo reconhecimento do texto a ser editado, tomar algumas decisões sobre a articulação dos recursos disponíveis no âmbito digital e, concomitantemente, ter a postura de buscar compreender o que é e como funciona um texto em ambiente virtual, apropriando-se dos conhecimentos comuns à ciência da computação; entendendo o que é um texto digital; e, acima de tudo, propondo outra agenda crítica de leitura de base filológica que assuma os fios, rastros e os disparates do processo de produção, circulação e recepção como categorias legítimas da práxis filológica.

A edição digital do livro *Flôres e espinhos* leva a cabo esse redimensionamento epistemológico para a noção e concepção do texto, apoiando-se nos pressupostos teóricos McKenzie (2018) que define que este inclui “dados verbal, visual, oral e numérico, na forma de mapas, impressos e música, de arquivos de sons gravados, de filmes, vídeos e quaisquer informações gravadas em computador” (McKenzie, 2018, p. 13). Nesse sentido, o teórico ultrapassa os limites de concepções enraizadas historicamente, mostrando que o sentido de todo texto, qualquer que seja, canônico ou não, depende das formas que o dão a ler, dos dispositivos próprios à materialidade do escrito.

Ao isolar um documento do acervo, perdem-se os fios que constroem os seus sentidos. As especificidades dos textos do projeto editorial *Flôres e espinhos* exigiu um modelo de edição que se concretiza mediante recursos que a informática coloca à disposição dos filólogos, uma

vez que os textos que integram o *corpus* dessa pesquisa fazem parte do arquivo pessoal do escritor e apresentam relações diversas com outros documentos arquivados por ele: esboços, notas de leituras, fotografias, cartas, cartões, livros, jornais, cadernos, diários etc. Nesse sentido, uma edição tradicional impressa não conseguiria acomodar todas as mudanças anunciadas pelas novas teorias textuais. Para evidenciar os sentidos desses textos, fez-se necessário estabelecer relações com o acervo, por meio da constituição de dossiês arquivísticos integrando diversos documentos paratextuais.

Como já dissemos, Eulálio Motta preservou em seu acervo uma infinidade de documentos paratextuais que se relacionam com o livro *Flôres e espinhos*. Esses documentos são fontes incontestáveis de sentido e de memória que possibilitam conhecer a história de vida do escritor e, conseqüentemente, os diferentes contextos em que os textos foram escritos. Dessa maneira, os sistemas computacionais que dão forma à hiperedição do livro *Flôres e espinhos*, de Eulálio Motta, permite conhecer esses documentos e ampliar o entendimento dos textos.

A integração de outros documentos do acervo às edições, proporciona uma leitura iluminada, fluída, dinâmica e interativa ao leitor; revelará o processo de construção dos poemas valorizando as dúvidas do escritor no processo de escrita por meio dos cancelamentos, das substituições e acréscimos das unidades lexicais e seus impactos nos significados dos mesmos, visto que, o vocabulário que compõe o texto é de extrema importância para a compreensão dos poemas e da sua gênese. O acervo do escritor configura-se como um grande laboratório, que problematiza a noção de texto último e definitivo, com potencialidades diversas que podem ser exploradas pelas nuances das Humanidades Digitais.

O caráter dinâmico que a edição digital manifesta, insere novas possibilidades de leitura do texto não necessariamente linear. O leitor assume uma participação ativa e mantém uma relação dinâmica entre ele e o texto. Os *links* permitem acesso tanto a várias janelas de navegação de forma simultânea (*links* disjuntivos), quanto permitem a abertura de uma pequena janela sobreposta a outra que está sendo lida (*links* conjuntivos), para acessar uma informação adicional.

Para Lose (2016), a edição digital oportuniza a leitura hipermidiática, que permite ao leitor fazer suas escolhas dentro da edição, devido à gama substancial de informação que podem estar disponíveis em ambiente eletrônico.

Diante disso, a hiperedição do livro *Flôres e espinhos*, foi construída visando explorar a aplicação de programas computacionais do meio digital por meio da multiplataforma do *WordPress*, que é livre e aberto para criação e gestão de conteúdo para internet e foi escolhido

devido a sua facilidade de uso, versatilidade a sua capacidade de extensão por intermédio de *plugins*, temas e programação.

Figura 17- Página inicial do site.



Fonte: <http://floreseespinhos.com.br/>

A fim de dar a ler todas as versões dos poemas do livro *Flôres e espinhos* as camadas editoriais disponibilizadas foram: fac-símilar/ transcrição linearizada, atualizada, confronto sinóptico, edição com *links*, versão para imprimir, além de informações contextuais como a descrição física dos poemas e as informações sobre sua materialidade, são possibilitadas pelo meio digital. A edição consta ainda do dossiê arquivístico, com documentos do acervo que se relacionam com o texto editado, podendo ser acessado por intermédio de *hiperlinks* que direcionará para informações diversas sobre o contexto de escrita dos mesmos e estarão integradas ao texto, e acessível pelo deslizar do cursor.

A Edição digital propicia ao leitor-usuário o acesso uma gama de documentos do dossiê arquivístico que apontam os caminhos percorridos pelo editor para a interpretação, e não apenas o resultado final da investigação, podendo acessar de modo dinâmico os *fac-símiles*, as

informações de descrição física dos textos e dos cadernos, os textos em diferentes edições e também as informações sobre a socio-história do texto.

Para Barreiros (2015, p. 184-185) a grande vantagem das edições digitais é que todos esses documentos do dossiê arquivístico podem ser vinculados ao texto, a partir de *links* eletrônicos ou visualizados em menus específicos, organizados pelo editor. Nele incluem-se o dossiê genético (prototextos) e demais paratextos (documentos de fonte primária e obras do autor que se relaciona com o texto). A elaboração do dossiê que integra a edição do projeto *Flôres e espinhos*, de Eulálio Motta consta de duas partes: I. dossiê primário, de caráter mais explícito, que se volta para as relações paratextuais dentro do próprio *corpus*; II. Dossiê secundário, direcionado à identificação das relações entre os diversos documentos do acervo e os documentos do *corpus*, neste caso, trata-se de um dossiê de caráter mais subjetivo cuja função é contribuir para uma análise mais abrangente da organização e das inter-relações entre os documentos do acervo.

Neste sentido, a edição digital de *Flôres e espinhos* abrange os aspectos históricos, sociais e culturais e genéticos que permeiam o texto escrito. Dessa forma, se preserva e explora os códigos contextuais bibliográficos e linguísticos, bem como a documentação paratextual e prototextual do acervo com o objetivo de explorar as formas materiais próprias, ou seja, as relações intrínsecas com outros documentos desse acervo na reconstrução dos sentidos dos poemas para muito além de códigos alfanuméricos inscritos. A não relação dos acontecimentos da vida do escritor com as circunstâncias históricas específicas que tangem o texto comprometeria os sentidos dos poemas do livro *Flôres e espinhos*.

Com a construção da edição digital dos poemas do livro *Flôres e espinhos* de Eulálio Motta, esperávamos que a hipermídia possibilitasse as orientações propostas por Peter Shillingsburg (1993) para edições digitais e que promovam acessibilidade, usabilidade, transportabilidade, interatividade, intertextualidade, contextualidade aos usuários por viabilizar que o arquivo esteja disponível de forma prática e dinâmica para todos os leitores em potencial, os quais possuam um sistema de computador com acesso à internet para tirar proveito das edições eletrônicas acadêmicas. Tais objetivos mostram-se alcançados. Pois, o modelo de hiperedição, empregado para editar os documentos do arquivo de Eulálio Motta, democratiza o acesso a informações de reuniões de documentos importantes que são omitidos nas versões impressas e promove, por meio do hipertexto, a representação complexa dos mesmos a partir de um olhar rizomático que promove novas formas de leitura, recepção e circulação social dos textos.

Uma edição digital, por sua inerente mobilidade, apresenta o texto em sua própria movência e complexidade. Tais práticas buscam compartilhar as relações entre os paratextos, prototextos e todos os documentos relacionados ao objeto de estudo, evidenciando características que dão a conhecer aspectos da produção, transmissão e recepção dos textos.

A edição digital de *Flôres e espinhos* torna a leitura dos poemas mais dinâmica e interativa, fornecendo demais informações a partir de outros documentos integrados no dossiê arquivístico. Outrossim, esse modelo de edição conta com outras edições que contemplem os interesses tanto dos pesquisadores especialistas quanto dos leitores comuns.

4.2 CONSTRUINDO A PROPOSTA EDITORIAL DE HIPEREDIÇÃO: CAMINHOS METODOLÓGICOS

Os trabalhos filológicos têm pouco de mecânico e requerem, pelo contrário, uma elevada porcentagem de criatividade e perspicácia sempre alerta (Germán Orduna, 2005, p. 39, tradução minha).³

Os procedimentos metodológicos empregados na edição são determinados pelo tipo de texto e pelos seus objetivos. Ao editar um texto, o crítico textual precisa estar atento às especificidades do texto e o objetivo que se quer atingir com a edição. Pois, embora a execução da atividade de edição siga orientações metodológicas pré-estabelecidas, as particularidades do texto oferecem ao filólogo os caminhos necessários e viáveis para sua edição.

Para cumprir o seu propósito, os pesquisadores transitam por diferentes caminhos e tomam de outros campos teórico-metodológicos recursos para a prática filológica, estabelecendo vínculos entre saberes. Ao despontar uma nova tecnologia de escrita, com ela surge também novos desafios para os filólogos. Diante disso, a atividade filológica na contemporaneidade, assim como em outros momentos históricos, tem exigido conhecimentos de outras áreas para viabilizar a leitura dos textos e favorecer a sua edição.

Constata-se, portanto, que os estudos filológicos usufruem de ferramentas computacionais para potencializar a expansão de suas pesquisas. Nesse sentido, pela capacidade de armazenamento e disponibilização da informação, o meio digital permite às edições o estabelecimento de ligações dinâmicas entre o texto editado e os documentos do acervo, com a elaboração dos dossiês arquivísticos, potencializando e revelando outros sentidos da obra.

³ No original: Los trabajos filológicos tienen poco de mecánico y requieren, por el contrario, un elevado porcentaje de creatividad y perspicacia siempre alerta.

Diante das mudanças epistemológicas e metodológicas atuais, logradas pela meio digital através das hiperedições, o olhar para os acervos de escritores tem sido redimensionado, deixando de ser visto como fontes estáticas de estudo e passa a ser concebido como um local de permanente produção de significados. Zilberman (2009, p. 104), afirma que “os acervos de escritores são hipóteses de testemunhos, jamais arquivos fechados capazes de paralisar a escrita e embalsamar autores”. O filólogo que trabalha com documentos de acervos de escritores depara-se com diversos materiais que se relacionam diretamente ou indiretamente com a gênese da obra, sendo a sua exploração na edição de fundamental importância para a compreensão do texto.

As hiperedições permitem apresentar o dossiê do texto, composto de documentos diversos reunidos pelo pesquisador, no curso de sua pesquisa. Nesse sentido, tem sido possível explorar documentos de acervos dos escritores através de uma edição interativa em que se apresenta o entorno do texto: os esboços, as pesquisas do escritor para a escrita do texto, as cartas, as fotografias, as anotações marginais entre outros. De acordo com Barreiros (2014, p.52) “Esse conjunto de documentos é propriamente um dossiê arquivístico e corresponde à documentação paratextual identificada num determinado acervo e que mantém relações com o texto editado”.

O acervo de Eulálio Motta configura-se como um espaço que desestabiliza a unidade, desafiando o editor a fugir de concepções engessadas em busca do ânimo autoral. Editar textos que integram um conjunto documental de natureza diversa, como neste caso, reclama do filólogo, uma abordagem interdisciplinar, que versa sobre uma aproximação entre campos disciplinares diversos, atualizando e revendo sua prática editorial, e também, um redimensionamento para a noção de obra e de texto, tendo em vista que os documentos arquivados estão interligados por uma rede de sentidos.

O projeto de livro *Flôres e espinhos* faz parte do acervo do escritor e se configura como hipóteses de leituras e de sentidos diversos, justificando, portanto, a necessidade de se realizar uma edição que dê conta dessas particularidades, pois, sem esses elementos, os sentidos dos textos ficariam prejudicados. De acordo com Almeida (2016, p. 102),

O suporte digital como ferramenta de experimentação permite ao pesquisador levar seu objeto a suplantar a forma material do livro e, a partir de então, dotar a edição de possibilidades que estariam engessadas pelo formato do impresso. Dentre as emancipações que o suporte virtual confere aos projetos editoriais está o vasto espaço disponível para apresentar as edições em múltiplos links e janelas. O editor pode escolher, então, disponibilizar várias propostas de edição para um mesmo texto, de maneira a oferecer edições direcionadas a

especialistas ou leigos, destinadas ao estudo da língua do texto ou das representações que ali se apresentam. Todos esses materiais estariam reunidos em um arquivo (Almeida, 2016, p. 102).

Percebe-se, ao lidar com os documentos de Eulálio Motta, que o autor desenvolveu uma funcionalidade prática para o seu acervo, consultando documentos para escrita e reescrita de textos. Dessa forma, a análise criteriosa dessa documentação é necessária, já que o acervo mantém uma rede de conexões com os textos literários. A edição digital, portanto, promove contextualização, dinamismo, apontará novos caminhos e abrirá novas possibilidades de leitura e compreensão das obras, valorizando os elementos verbais e não verbais do *corpus*.

Nesse sentido, com o formato da hiperedição, é possível inserir informações contextuais, promovendo o fluxo contínuo de leitura e exploração o acervo do escritor em função da manutenção e valorização dessa teia de relações entre os documentos.

Para a hiperedição, foram consideradas todas as versões, totalizando 84 textos identificados até o momento atual, bem como outros documentos do acervo que possuem uma relação direta com o processo de produção e circulação dos textos que fazem parte do projeto *Flôres e espinhos*.

A metodologia utilizada baseia-se nos métodos estabelecidos por Barreiros, P. (2013; 2015; 2018). Para estabelecer e editar o projeto editorial, foram necessárias as seguintes etapas:

I) revisão das transcrições, descrições e edições realizadas em etapas anteriores;

II) retomada da pesquisa documental no acervo para buscar e atualizar dados sobre o *corpus* e outros documentos elucidativos;

III) preparação do *corpus* por meio da organização de edições e transcrições filológicas dos poemas em camadas editoriais para integrar a hiperedição;

IV) busca por formação prática, através da realização de cursos, nas áreas de linguagem de programação (HTML, PHP, Java etc.), design gráfico, criação de sites e sobre a plataforma *WordPress*;

V) desenvolvimento do *layout* do site;

VI) preparação e organização do dossiê:

Para tanto, realizou-se alguns procedimentos basilares para a construção da hiperedição, que antecedem a elaboração do website:

Para a organização dos documentos que integram o dossiê foi elaborada uma ficha descritiva para cada documento que compila diferentes informações sobre o documento, e facilita a análise das inter-relações entre os textos no acervo, conforme se observa no exemplo a seguir:

Figura 18 – Modelo de ficha descritiva para dossiê.

TÍTULO:		DATA:		SUPORTE:		F./PAG.	
				Manuscrito ()		Impresso ()	
CÓDIGO DO ACERVO:				CÓDIGO DA EDIÇÃO:			
PALAVRAS-CHAVE:				TEMA:			
VERSÕES:							
TÍTULO:		DATA:		SUPORTE:		CATEGORIA:	
DOCUMENTOS DIVERSOS QUE SE RELACIONAM COM O TEXTO (Selecionados segundo critérios estabelecidos pelo editor / ex.: fotografias, transcrições de opiniões de leitores, notas sobre endereços de trovadores, anotações marginais, certificado de integração em Associações de poetas, etc.)							
TÍTULO:		DATA:		SUPORTE:		CATEGORIA:	
				Manuscrito ()		Impresso ()	
						INTERNO ()	
						EXTERNO ()	
TÍTULO:		DATA:		SUPORTE:		CATEGORIA:	
				Manuscrito ()		Impresso ()	
						INTERNO ()	
						EXTERNO ()	
TÍTULO:		DATA:		SUPORTE:		CATEGORIA:	
				Manuscrito ()		Impresso ()	
						INTERNO ()	
						EXTERNO ()	
DESCRIÇÃO FÍSICA:							
TRAÇADO				RESUMO:			
GRAFIA PAUSADA E CUIDADOSA ()							
GRAFIA TRÊMULA ()							
MAIS DE UMA CAMPANHA DE ESCRITA ()							
ALTERNÂNCIA DATILOGRAFIA E MANUSCRITA ()							
SINAIS METAESCRITURA – SETAS, MARCAS DE V ()							
ESPAÇO GRÁFICO							
NOTAÇÃO À MARGEM ESQUERDA ()							
NOTAÇÃO À MARGEM DIREITA ()							
NOTAÇÃO EM RODAPÉ ()							
NOTAÇÃO À MARGEM SUPERIOR ()							
NOTAÇÃO MARGINAL NO CORPO DO TEXTO ()							
MATERIALIDADE							
MANCHAS ()							
RASGOS ()							
DOBRAS ()							
FUROS ()							
RASURAS							
DESLOCAMENTO OU TRANSFERÊNCIA ()							
SUPRESSÃO ()							
SUBSTITUIÇÃO ()							
SUSPENSÃO ()							
UTILIZAÇÃO ()							
ANÁLISE DAS MUDANÇAS NO NÍVEL LINGUÍSTICO:							

Fonte: Elaborado por: ROCHA, Juliana Pereira. **Hiperedição das trovas de Eulálio Motta**. 2023.

Na descrição física, para a identificação dos testemunhos dos poemas, optou-se por seguir os critérios estabelecidos por Barreiros (2009) para identificação do código do texto no acervo e por Boaventura (2018) para a identificação do código na edição:

Para a identificação dos testemunhos na descrição e aparato crítico-genético, estabeleceu-se o seguinte código:

- a) quando o título do poema se compõe de apenas uma palavra utilizou-se, em maiúsculo, a primeira letra das duas primeiras sílabas. Exemplo: *Junho* torna-se JN;
- b) quando se compõe de mais de uma palavra, utilizaram-se as iniciais das duas primeiras palavras em maiúsculo. Exemplo: *Volta, querida* torna-se VQ;

c) d) quando há mais de um testemunho em livro ou em manuscrito, acrescentou-se um número arábico em ordem crescente para facilitar a identificação.

d) para os textos com mais de um testemunho, após as letras que identificam o título do soneto, acrescentam-se as letras L para livro, M para manuscrito, D para datiloscrito, J para jornal, R para recorte, que, quando não identificado, é seguido por um ñ. Exemplo: VQL (Boaventura, 2018, p. 74-75).

Abaixo, os quadros relativos às siglas:

Quadro 6 – Abreviaturas relativas aos textos de base para a edição (sonetos)

SIGLA	SONETOS
PS	PENSATIVA
RVL	REVÉS
15A	15 DE ABRIL
CVM2	CONVERSÃO
EQL	ESQUECIDA
OML	OUVINDO O MAR
OVL	OLHANDO A VIDA
QEL	QUANDO EU MORRER
NTL	NOITE
PEL	PARA ESQUECER
TIL	TUA IMPIEDADE
ACL	A CULPA
QV	QUANDO SEU VULTO...
OSL3	O SÁBIO...
CGL	A CEGONHA
MLL	“MY LOVE”
RSL	ROSAS
STM3	QUANDO EU VOLTAR.../ SENTIMENTALISMO
AAL3	ARBOR/ A ÁRVORE/ AQUELA ÁRVORE
SFL	SOFRIMENTO
DFL3	DONA FEIA
VT	VI-TE PEQUENA
DM	A DÔR MAIOR
VIL3	VOLTA, ILUSÃO!

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 7 – Abreviaturas relativas aos textos de base para a edição (poesias)

SIGLA	POESIAS
SC	SORRIR... CANTAR...
CS	COM SAUDADE
TV	E O TEMPO VAI PASSANDO...PASSANDO...
ZV	A ZANGA DE VOCÊ
BCRñ	BALLADILHA DO CANTO
VMM	A VOCÊ, MAIS UMA VEZ.
MC	MINHA CANÇÃO DE TEUS OLHOS...

FT	FUTILIDADE
VP	VERSOS PARA VOCÊ...
ND	NÃO DEIXE DE FALAR!
VQL	VOLTA QUERIDA LIVRO <i>ILUSÕES QUE PASSARAM</i>
JNR	JUNHO

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

VII) produção de cópias digitalizadas de fac-símiles a fim de evitar a manipulação direta dos documentos originais, o que diminuiria a vida útil do suporte físico e aumentaria os riscos de à materialidade. O processo de digitalização dos textos e de todos os documentos do acervo foi realizado por Patrício Barreiros, que também fez cópias impressas em tamanhos maiores para facilitar a pesquisa dos membros da equipe e evitar, na medida do possível, o contato direto com os textos originais. Em casos pontuais, capturas de imagens mais recentes foram feitas por mim a fim de buscar imagens mais precisas de alguns documentos do acervo.

VIII) descrição física/ transcrição dos testemunhos – após a digitalização e cópia, foram realizadas a descrição física dos textos e transcrição semidiplomática dos testemunhos. A descrição, junto a outras informações contextuais foram organizadas em fichas descritivas. A escolha da transcrição semidiplomática, como primeira transcrição se deu pela tentativa de preservar ao máximo as singularidades do corpus. A partir dessa transcrição inicial é que foram realizadas outras transcrições como: atualizada com *links* etc.

Para a transcrição semidiplomática manteve-se os critérios e princípios adotados na pesquisa de Boaventura (2018), a saber:

1. Os textos são transcritos em fonte Times New Roman padrão Word; de tamanho 11, justificado à margem esquerda;
2. As linhas são numeradas de 5 em 5 à margem esquerda;
3. Transcreve-se o título como se encontra no original, em caixa alta e centralizado (em caso de textos sem título, utilizou-se o primeiro verso do poema como título);
4. A rubrica do autor indica-se entre colchetes;
5. São mantidas as interpolações, os lapsos do autor, a ortografia, a acentuação e registram-se todas as correções, emendas, rasuras e acréscimos, com a utilização dos seguintes símbolos:

{ } seguimento riscado, cancelado;

{†} seguimento ilegível;

{†} / \ segmento ilegível substituído por outro legível na relação {ilegível} /legível\;

{ } / \ substituição por sobreposição, na relação {substituído} /substituto\;

{ } [↑] riscado e substituído por outro na entrelinha superior;

[↑] acréscimo na entrelinha superior;

[→] acréscimo na margem na margem direita;

[←] acréscimo na margem na margem esquerda;

[↑{ }] acréscimo na entrelinha superior riscado;

[↑{†}] acréscimo na entrelinha superior ilegível;

[↑{ } / \] acréscimo na entrelinha superior riscado e substituído por outro na sequência;

[↑{†} / \] acréscimo na entrelinha superior ilegível e substituído por outro na sequência;

[*↓] parte do texto localizada à margem inferior indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;

*(f. ou p.) parte do texto localizada em outro fólio ou página indicada pelo autor a partir de números e letras remissivos ou anotações. Nesses casos, o número do fólio ou da página aparece entre parênteses;

Vale ressaltar que ao adequar a transcrição semidiplomática para a hiperedição, esses símbolos foram adaptados para marcação em *tags* através da codificação HTML, como por exemplo, para sinalizar parte do texto riscado e substituído na entrelinha superior, substitui-se o símbolo { } [↑] pelas tags `<s> </s>`, que simula o segmento riscado, e `` que simula o acréscimo na entrelinha superior, resultando na seguinte visualização por parte do leitor usuário: ~~segmento riscado~~ e ^{acréscimo na entrelinha superior}.

De modo geral, os procedimentos utilizados para preparação do *corpus* para a hiperedição, se baseia nos princípios estabelecidos por Peter Shillingsburg (1993) e nas recomendações feitas por Barreiros (2018). Segundo o autor, para a elaboração de edições digitais deve-se:

- a) apresentar informações sobre os procedimentos editoriais aplicados nas transcrições, no estabelecimento dos textos ou outras questões técnicas que sejam pertinentes;
- b) inserir ferramentas de busca que possam facilitar o acesso às informações;
- c) criar diferentes níveis de acesso, por meio da constituição de menus que permitam aos leitores estenderem suas leituras de acordo com interesses específicos;
- d) preservar, na medida do possível, os códigos linguísticos, bibliográficos, contextuais inerentes ao texto;
- e) cuidar para não cometer excessos, quanto à utilização de hiperlinks no interior dos textos;
- f) disponibilizar o texto editado numa versão em txt. para favorecer sua utilização em ferramentas computacionais para estudos linguísticos;
- g) desenvolver um plano de captura, tratamento e armazenamento das imagens, vídeo e som utilizados na edição. O equilíbrio entre a qualidade e o tamanho dos arquivos é fundamental para uma boa edição. Arquivos muito

pesados dificultam o acesso à página e arquivos de baixa resolução prejudicam a qualidade do trabalho (Barreiros, 2018, p. 292).

Diante disso, compreende-se que a edição em meio digital não se trata de uma simples transposição de modelos que foram pensados no âmbito impresso para o digital. Conforme aponta Lucía Megías (2007, p. 12) esse tipo de edição que reproduz os modelos dos impressos “[...] puede definirse como ‘incunable del hipertexto’: [porque] utiliza un nuevo medio de transmisión pero manteniendo características formales de presentación de un formato anterior [...]”. Sendo necessário, portanto, repensar os modelos a partir de outra lógica, a da linguagem computacional. De modo geral, buscou-se explorar ao máximo os recursos de apresentação do do *corpus* de modo dinâmico e diverso, sem perder de vista o objetivo da edição pautada nas premissas da Filologia Digital.

4.2.1 As ferramentas e os programas utilizados na hiperedição de *Flôres e espinhos*

As ferramentas eletrônicas que surgem com os avanços tecnológicos abrem leques de possibilidades que renovam a atividade de edição. Sendo assim “Pensar digitalmente, isto é, utilizar a lógica digital para interpretar tradições textuais, e promover novas práticas editoriais a partir da informática, tem possibilitado uma renovação da práxis filológica.” (Correia, 2018, p.101). Possibilitam ainda a criação de formatos digitais interativos e multimodais que ampliam as formas de leitura, análise e interpretação de textos “as ferramentas digitais disponíveis para o tratamento de textos fazem vislumbrar a criação de um espaço dinâmico para a vida intelectual que será tão diferente do precedente como a cultura oral é diferente da cultura escrita” (Paixão de Sousa, 2013, p.136).

Para compor a hiperedição de *Flôres e espinhos*, algumas segui algumas orientações pontuais de estudos bem sucedidos no campo das edições digitais, como os da hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta, desenvolvido pelo Professor e pesquisador Dr. Patrício Barreiros, disponível em: <http://www.eulaliomotta.uefs.br/> do trabalho das pesquisadoras Elizabeth Mota N. de Almeida, disponível em: <https://www.bahiahumoristicaescola.com/> e Juliana Rocha, disponível em: <https://eulaliomottatrovador.com.br/inicio/> e também dos trabalhos produzidos pelos pesquisadores da Equipe Textos Teatrais Censurados – ETTC.

Mas a experiência revelou que cada realidade textual exige um modelo de edição que atenda às expectativas do filólogo editor. No caso em questão, o objetivo principal foi explorar os códigos linguísticos, bibliográficos e contextuais dos textos editados, a partir dos documentos

do acervo do escritor. Desse modo, foram desenvolvidas ferramentas que atenderam a esses objetivos, mas é importante salientar que o potencial da tecnologia informática é muito amplo e sempre haverá algo para inovar. Por conta disso, foi fundamental utilizar uma tecnologia flexível com grande capacidade de adaptação e expansão. Todas as ferramentas e funções utilizadas deviam apresentar meios para serem adaptadas e compartilhadas com outros sistemas

Nesse sentido, para compor a hiperedição do livro *Fôres e espinhos* utilizei o WordPress.org (WordPress é um sistema livre e aberto de gestão de conteúdo para internet, baseado em PHP com banco de dados MySQL e MariaDB, executado em um servidor interpretador, voltado principalmente para a criação de páginas eletrônicas e blogs online), devido à sua flexibilidade, facilidade de uso e personalização. Ele oferece diversas funcionalidades, como a integração com redes sociais, a organização de conteúdo em categorias e *tags*, entre outros recursos. Nesse sentido, essa plataforma tornou-se uma alternativa viável para a concretização da hiperedição do projeto editorial.

Além disso, foram utilizadas as seguintes das ferramentas e recursos:

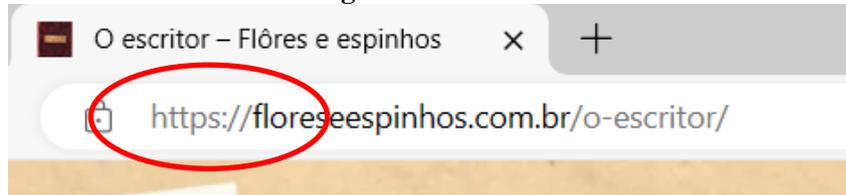
- 1- *Hostinger Business* (provedor que oferece planos de hospedagem de sites.) Escolhido pela potência e recursos, segurança, hospedagem *WordPress* gerenciada etc.;
- 2- O *Elementor Pro* (construtor de páginas para *WordPress* que é usado na forma de um plugin, permite que você crie páginas complexas no *WordPress* sem codificação, graças ao uso de modelos de página prontos ou do zero, para adicionar arrastando e soltando em seu conteúdo). Esse é um recurso pago anualmente, há uma versão gratuita, porém com recursos limitados;
- 3- *Microthemer* (editor de CSS leve e poderoso, para personalizar a aparência de qualquer tema ou conteúdo de plugins do *WordPress*);
- 4- *Master Addons* (oferece variedades de widgets e extensões para *Elementor*. Possui gama de recursos avançados, como conteúdo dinâmico, efeito flutuante, condições de exibição e vários outros elementos para auxiliar na criação de sites.);
- 5- *Canva Pro* (plataforma paga de design gráfico que permite aos usuários criar gráficos de mídia social, apresentações, infográficos, pôsteres e outros conteúdos visuais.) Este também é um recurso pago, mediante plano de assinatura. Seus recursos foram mais empregados no processo de elaboração e adequação dos materiais que iriam compor o site. A partir dessa ferramenta foi construída a logomarca, a paleta de cores e a imagem do cabeçalho do site;
- 6- *Add Watermark* (aplicativo utilizado na criação de marcas d'água personalizadas e em lote). Utilizei nos fac-símiles disponibilizados no site;

- 7- *Google Drive* (banco de dados que possibilita armazenar arquivos com segurança, abri-los ou editá-los em qualquer dispositivo. Os arquivos criados com o Google apps são abertos no navegador ou no app para dispositivos móveis. Foi utilizado com uma conta específica para armazenar as todas as imagens, fac-símiles e transcrições que estão integradas na edição. Os arquivos estão integrados à plataforma *Wordpress* através de um caminho criado para conexão com o drive. Essa integração de bancos de dados com sistemas de armazenamento em nuvem, contribui para que site mais se torne mais leve, e conseqüentemente rode de modo mais rápido. As imagens foram arquivadas em JPG, devido a facilidade de leitura desse formato pelos diferentes sistemas operacionais e também pela sua compatibilidade com a linguagem da Web;
- 8- *Wordfence* (plugin destinado a proprietários de sites WordPress pois ela bloqueia ataques e utiliza ferramentas necessárias para manter o site seguro);
- 9- *LiteSpeed Cache* (o plugin inclui ferramentas de otimização e desempenho para conteúdos dinâmicos em sites *WordPress*, como imagens e páginas *web*).
- 10- *Visual Studio Code* (para a transcrição dos textos com marcação em linguagem HTML, como mencionado, foi utilizado o editor, pois ele fornece destaque de sintaxe avançado para HTML o que facilita a identificação dos elementos, atributos e valores. Além disso, o recurso *IntelliSense* sugere automaticamente *tags*, atributos e valores conforme o texto é digitado, acelerando o processo de confirmação. Ademais, o editor possui recursos de auto formatação que ajudam a manter seu código HTML limpo e legível.
- 11- *Contact Form 7* (plugin de gerenciamento de formulários de contato, além de permitir a personalização dos formulários e do conteúdo de e-mails, de modo flexível e uso de markup simples. O formulário suporta envio por tecnologia Ajax, CAPTCHA, filtragem de spam via Akismet etc.);
- 12- *Flamingo* (plugin de armazenamento de mensagens para o *Contact Form 7*).
- 13- *WP Content Copy Protection & No Right Click* (plugin que protege o conteúdo das postagens de ser copiado por qualquer usuário do site. O *plugin* mantém as postagens protegidas por múltiplas técnicas (JavaScript + CSS).

O *Google* vem punindo, diminuído o alcance dos sites que não possuem proteção HTTPS por não os considerar seguros. Dessa forma, a segurança do site também foi um elemento de bastante preocupação. Diante disso, o protocolo de segurança escolhido foi o HTTPS *Hypertext Transfer Protocol Secure* que é uma versão segura do HTTP. Ele utiliza criptografia para proteger as informações transmitidas entre o navegador e o servidor,

garantindo a confidencialidade e a integridade dos dados. Ao acessar um site HTTPS, os dados são criptografados antes de serem enviados. A URL começa com `https://`.

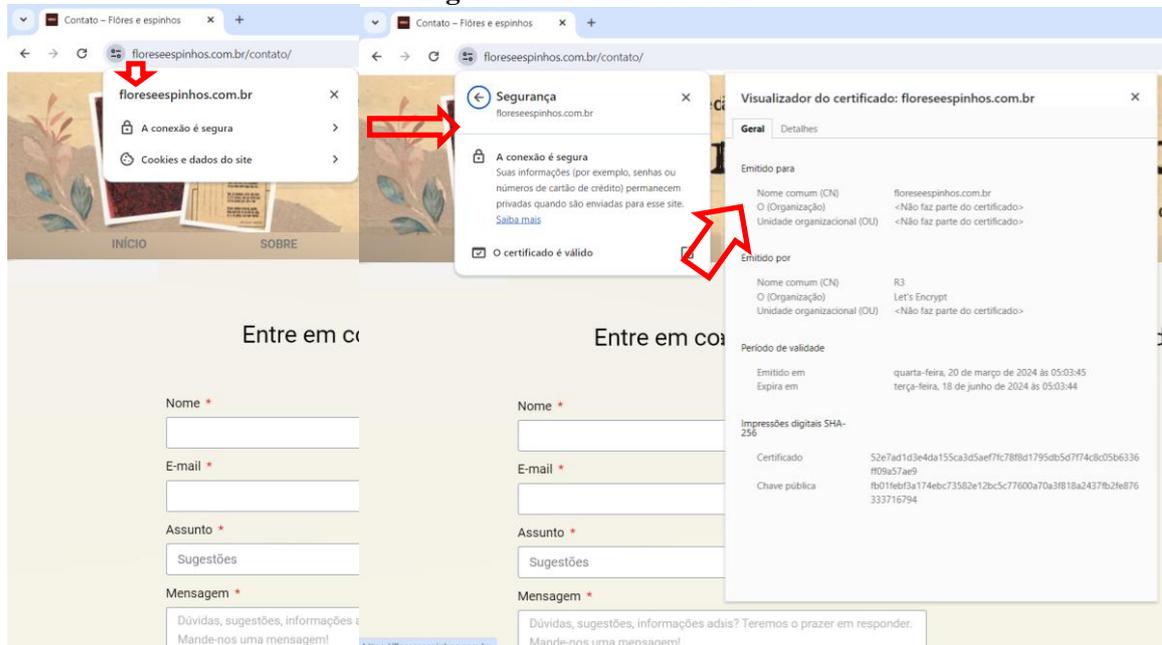
Figura 19- HTTPS.



Fonte: <https://floreespinhos.com.br>

Além disso, o site também possui o Certificado SSL vitalício, que é um certificado digital que autentica a identidade de um site e possibilita uma conexão criptografada. O termo "SSL" significa "Secure Sockets Layer" (camada de soquete seguro), um protocolo de segurança que cria um *link* criptografado entre um servidor e navegador Web. Ou seja, O SSL garante a impossibilidade de leitura dados, utilizando a criptografia de algoritmos para "embaralhar" dados em trânsito, o que impede a leitura por parte dos hackers durante a conexão.

Figura 20 -Certificado SSL.



Fonte: <https://floreespinhos.com.br>

A elaboração da Hiperedição do livro inédito *Flôres e espinhos* de Eulálio Motta contou com recursos e ferramentas tecnológicas que garantem a independência de sistemas operacionais. Foi pensado e configurado de modo responsivo que é aquele que consegue se

adaptar às dimensões de qualquer dispositivo, móvel ou não, sem prejudicar a usabilidade e experiência do usuário. Dessa forma, disposição dos elementos e o conteúdo se adaptam de acordo com o tamanho da tela do usuário. Sobre os navegadores: *Google Chrome*, *Mozilla Firefox*, *Microsoft Edger* e *Firefox* apresentaram bons resultados e a hipertexto teve um desempenho satisfatório.

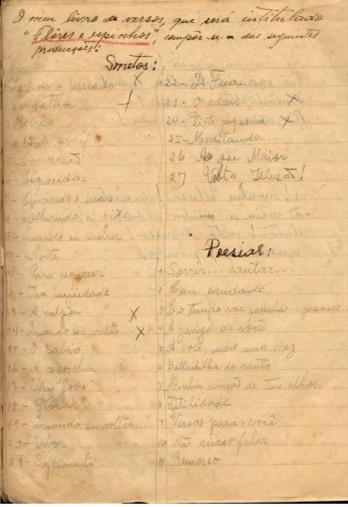
4.3 O WEBSITE: *FLÔRES E ESPINHOS*

A hipertexto do livro inédito *Flores e espinhos* é uma página *Web*, disponibilizada na Internet através do domínio: <https://floreseespinhos.com.br>. Os elementos gráficos do website foram minuciosamente, pensados e elaborados a partir das características do *corpus*, dando ênfase, principalmente aos suportes de escrita. Esboçou-se, portanto, um *design* dinâmico com diversos tipos de documentos com o objetivo de explorar o potencial do meio digital, sem perder de vista os princípios da filologia textual.

Shillingsburg (1993) formula seu terceiro princípio o *design*, pois acredita que as edições em meio digital devem ser atraentes, apresentando, de forma integrada e dinâmica, textos, imagens, sons e cor, proporcionando ao usuário uma experiência. De acordo com Barreiros (2013. P. 268) o *design* de uma edição digital depende do *corpus* que se pretende editar e dos objetivos do editor, mas o resultado está condicionado ao modo como ele foi projetado. Para ele “esse elemento constitui a alma das edições digitais, pois não adianta fazer um excelente trabalho filológico se o *design* não favorece a dinamicidade que é peculiar ao meio digital”. Dessa forma, busquei trazer dinamicidade, utilizando de iconográficos, efeitos e animações na apresentação de documentos a fim de explorar possibilidades de apresentação dos textos a partir das potencialidades que o meio digital oferece.

A paleta de cores utilizadas no website foi inspirada nas cores dos fôlios do caderno manuscrito *Caderno Lágrimas*, no qual o livro *Flôres e espinhos* foi idealizado pelo escritor.

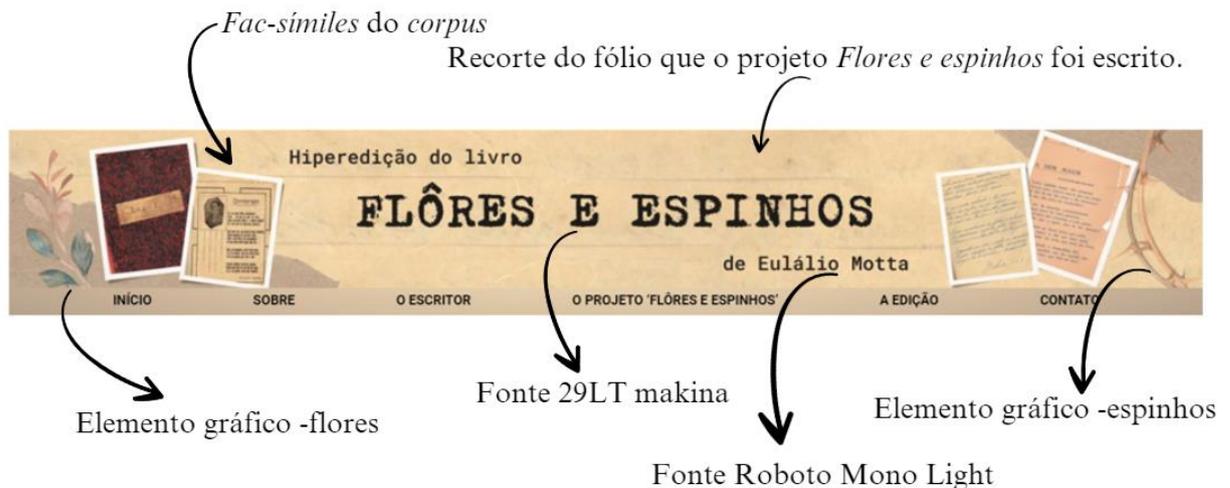
Figura 21 – Paleta de cores do website *Flôres e espinhos*.

CORES GLOBAIS	IMAGEM INSPIRAÇÃO	CORES PERSONALIZADAS
#BCA791		#E6E6E6
#000000		#EDECE8
#FFFFFF		#F9F6EF
#F0D2A4		#E2D9CE

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No processo de criação do cabeçalho do site levei em consideração a seleção cromática definida a partir de características do corpus; os elementos “flores” e “espinhos” que carregam o título da obra, bem como a escolha de tipos gráficos adequados à idealização do autor de inserir seu projeto na cultura impressa.

Figura 22 – Exemplo do processo de composição do cabeçalho.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

De modo geral, as fontes e tamanhos utilizados na construção das páginas do site seguiram o mesmo padrão- fonte: *Tahoma*, tamanho: 12 pontos, cor: #000000, peso: 400. Porém, para a construção do menu optou-se pela fonte *Roboto*, caixa alta, tamanho 15 px., peso

600 e cor #000000 (preto). Já no carrossel de trechos de poemas do escritor, localizado na página inicial do site, utilizei a fonte: *Great Vibes*, tamanho: 30, peso: 100. Essa escolha se deu a partir da análise de características do traçado do escritor e posterior busca por fontes semelhantes.

Figura 23 – Recorte comparativo entre mão do autor e fonte *Great Vibes*.



Fonte: Adaptado, <https://floreseespinhos.com.br/>

Nos demais textos nas páginas do site, bem como nos títulos, subtítulos, nome dos botões, legendas e corpo dos textos informativos utilizei a fonte *Tahoma*, variando apenas os tamanhos e pesos, com exceção do *Widget Acordeão* utilizado nas páginas de edição com informações sobre a descrição dos testemunhos, as notas do editor e as versões textuais em que a fonte utilizada foi a *Verdana*, tamanho 10, conforme os critérios estabelecidos para transcrição e descrição dos testemunhos. Já nas informações de rodapé (copyright e cláusula reserva) a fonte utilizada foi *Georgia*, tamanho 10.

4.3.1 A página inicial

Na página inicial, constam os seguintes elementos:

a) na parte superior encontra-se o cabeçalho: I. nome do site (Hiperedição do livro Flôres e espinhos de Eulálio Motta) distribuído da seguinte forma: recuada à margem esquerda superior consta em fonte *Roboto mono light* “Hiperedição do livro”; centralizado no meio da imagem consta em caixa alta e fonte *29 LT makina* “FLÔRES E ESPINHOS”; logo abaixo recuada à margem direita superior consta em fonte *Roboto mono light* “de Eulálio Motta. Como imagem de fundo para o cabeçalho foi utilizado um *fac-símile* do *corpus* (EA2.2.CV1.02.001-48, do *Caderno Lágrimas*. Compõem também o design do cabeçalho quatro miniaturas de *fac-símiles* do *corpus*, dois alinhado à esquerda e dois à direita. Outros elementos gráficos utilizados no cabeçalho foram: um ramo de flores, recuado à margem Esquerda e uma coroa de espinhos, recuado à margem direita; II. menu, localizado na parte inferior do cabeçalho, com botões de acesso páginas (*Início, Sobre, O escritor, O projeto Flôres e espinhos, A edição e Contato*) distribuídos entre a margem direita e a esquerda e dividido pelo efeito *Animated Shape Divider* (Divisor de formas animadas) III. Formulário de pesquisa. Localizado abaixo do menu, na parte

superior da página recuado à margem direita. Todas as páginas compartilham do mesmo cabeçalho que possui um *link* que dá acesso à página inicial do site apenas com o deslizar do cursor sobre qualquer parte da imagem a ele relacionado.

b) No corpo da página encontra-se: III. um carrossel dinâmico de trechos de poemas selecionados do *corpus*, com indicação de autoria e título dos mesmos. IV. Caixa de texto com a indicação e apresentação sucinta do trabalho. V. Um botão de atalho para acesso direto à edição;

c) No rodapé constam: VI sanfona com as informações de autoria, *copyright* e cláusula reserva; VII os brasões dos vínculos institucionais.

Figura 24 –Página inicial da hiperedição.

Cabeçalho →

Menu →

formulário de pesquisa ←

Texto de apresentação →

Carrossel de trechos de poemas ←

Botão de acesso à edição →

Sanfona com informações →

Ícones institucionais ←

Informações de autoria ←

Este trabalho disponibiliza, aos pesquisadores e ao público em geral, a edição digital do projeto de livro *Flôres e espinhos*, que foi esboçado pelo escritor Eulálio de Miranda Motta. No projeto, o escritor indica, de forma categórica, a sua intenção de publicar esse livro contendo 27 sonetos e 21 poesias, cuidadosamente listadas pelo poeta.

O livro inédito *Flôres e espinhos* faz parte do acervo do escritor baiano que escreveu por mais de seis décadas, deixando em seu acervo vários projetos de publicação, manuscritos, datiloscritos, impressos, textos passados a limpo, textos em processo de construção, que dão um tom de laboratório ao seu acervo pessoal.

O seu acervo encontra-se, atualmente, sediado no Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais-*NeiHD*, na Universidade Estadual de Feira de Santana- *UEFS*, sob a coordenação do *Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros*.

*Tenho sofrido muita dor pungente
Nestes bem poucas anas que hei vivido.
A dor de ser tão triste e tão descrente!
E ser, tão cedo, tão desiludido!*

Eulálio Motta
A dor maior

▶ Copyright © 2024
▶ Cláusula Reserva

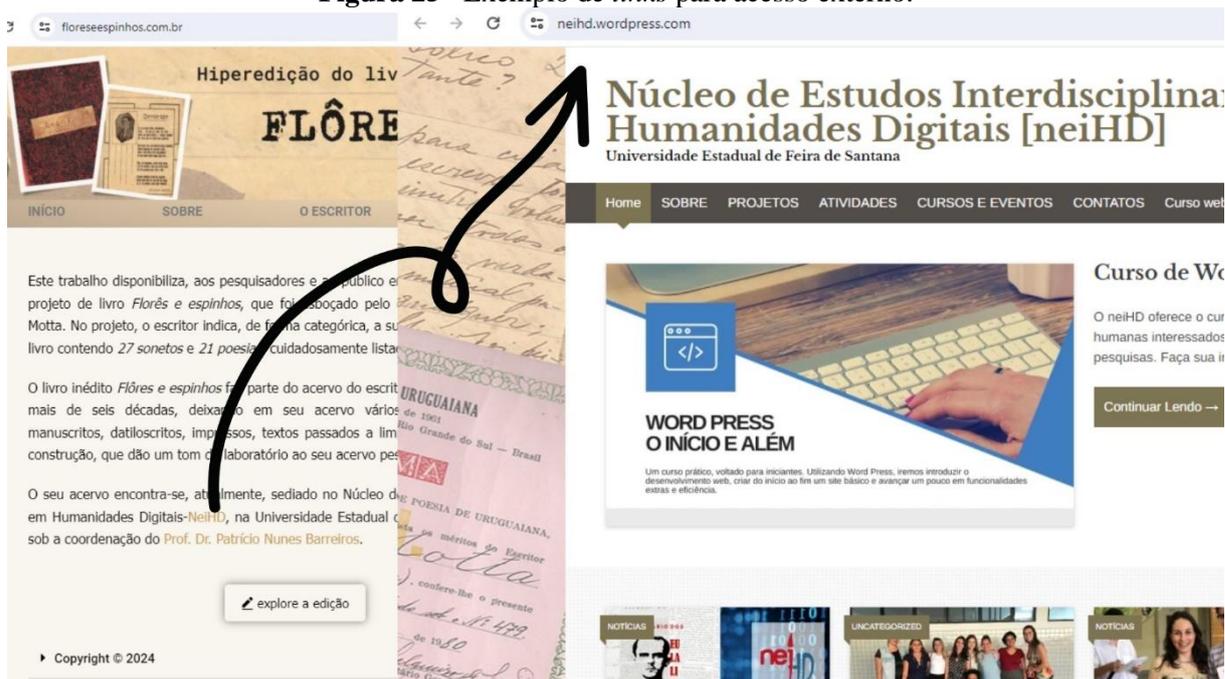
Essa plataforma faz parte da tese de doutorado *Hiperedição do livro Flôres e espinhos de Eulálio Motta*, desenvolvida por *Tainá Matos Lima Alves Boaventura*, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos / *UEFS*, 2024.

Fonte: Adaptado, <https://floreseespinhos.com.br/>

No corpo da página, recuado à margem esquerda consta uma caixa de texto com a apresentação sucinta que contextualiza o trabalho; descreve o *corpus* e situa o leitor acerca do tipo de pesquisa desenvolvida e indica a localização do acervo físico e vínculo institucional.

No corpo do texto constam *links* (sinalizados pela cor marrom) que dão acesso a outras páginas para demais informações.

Figura 25 –Exemplo de *links* para acesso externo.



Fonte: Adaptado, <https://floreseespinhos.com.br/>

Logo abaixo do texto, localiza-se um botão de atalho que permite acesso direto à página da edição.

O carrossel de rolagem automática localizado no corpo da página, recuado à margem direita, contém a apresentação de alguns trechos de poemas do escritor e foi desenvolvido com o objetivo de oferecer um contato prévio com os textos de Eulálio Motta, nesse sentido, a curiosidade do leitor já é despertada na página inicial do site estimulando a busca pelo texto integral, na página de edição a partir do título indicado.

Na parte inferior da página consta uma sanfona com as informações relacionadas aos créditos do trabalho acadêmico e a cláusula reserva sobre a autorização da utilização dos documentos do acervo. Seguindo o modelo das edições digitais publicadas via *Web*, elaborou-se o seguinte texto, que indica os créditos do trabalho acadêmico para <https://floreseespinhos.com.br/>. Sobre o *Copyright* © 2024:

Figura 26 –Copyright

Fonte: Adaptado, <https://floreseespinhos.com.br/>

Todo o trâmite de passagem de guarda do acervo de Eulálio Motta para a pesquisa coordenada por Patrício Barreiros, é assegurado por meio da documentação judicial, devidamente registrada em cartório, que autoriza a utilização dos documentos do acervo de Eulálio Motta para o desenvolvimento da pesquisa científica.

Ainda assim, consta no site uma cláusula de reserva indicando o vínculo da pesquisa ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e explicitando que se trata de uma pesquisa sem fins lucrativos, conforme indica a seguinte cláusula:

Figura 27– Cláusula de reserva.

Fonte: Adaptado, <https://floreseespinhos.com.br/>

4.3.2 A barra de menus

A barra de menus é composta de seis botões (Início; Sobre O escritor; O projeto *Flôres e espinhos*; A edição; Contato), cada um com um objetivo específico: apresentar a pesquisa, informar, contextualizar, possibilitar o acesso à edição bem como o contato com o editor. Itens importantes que contribuem para o entendimento do processo de escrita dos textos editados através da apresentação de fotos, *links* e documentos que se conectam aos textos editados.

4.3.3. Menu: sobre

A página *sobre* apresenta informações acerca da pesquisa, sua origem e desdobramentos; até chegar ao projeto de hiperedição; informa sobre os critérios gerais adotados para a edição e sobre os recursos tecnológicos mobilizados para a construção do site e da edição do *corpus*; aponta os contribuintes para que o projeto pudesse ser concretizado.

Figura 28 –Menu- Sobre.

Hiperedição do livro

FLÔRES E ESPINHOS

de Eulálio Motta

INÍCIO SOBRE O ESCRITOR O PROJETO 'FLÔRES E ESPINHOS' A EDIÇÃO CONTATO

Pesquisar...

Pesquisa

O estudo e edição dos textos inéditos do acervo do escritor baiano Eulálio de Miranda Motta teve início na graduação com o projeto de Iniciação Científica Edição das obras inéditas de Eulálio de Miranda Motta, em 2013. Como atividade de pesquisa, foi executado o plano de trabalho *Edição semidiplomática do caderno Sem capa I*, que teve como resultado descrição e edição semidiplomática do referido corpus, bem como a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, intitulado *Edição semidiplomática do Caderno sem capa I*. Em 2018 iniciou-se as pesquisas com o projeto editorial *Flôres e espinhos*, resultando na defesa da dissertação intitulada *Edição do livro inédito Flôres e Espinhos, de Eulálio Motta*. O projeto de hiperedição dos poemas do projeto *Flôres e espinhos* de Eulálio Motta teve início em 2020, cujo objetivo é a Hiperedição de todas os textos do projeto, preservadas em seu [acervo](#) literário.

[acesse a tese](#)

Projeto

A pesquisa está vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeilHD/UEFS); ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS) e ao projetos de pesquisa: Edição das obras inéditas de Eulálio Motta (CONSEPE/UEFS, Resolução Nº 128/2008 e Nº 070/2016) e Estudos lexicais no acervo de Eulálio Motta (CONSEPE/UEFS Resolução Nº 137/2017).

Critérios

Para a realização das transcrições toma-se por base os critérios estabelecidos por Barreiros (2013;2015;2018).

Recursos tecnológicos

As ferramentas e programas utilizados para a edição do *projeto Flôres e espinhos* foram: *WordPress.org* e *Elementor Pro* para construção do site; *Canva Pro* para manipulação de imagens, confecção de materias audiovisuais e realização de algumas transcrições; *Visual Studio Code* para a transcrição das edições com marcações em linguagem HTML.

Contribuintes

O projeto de Hiperedição do livro *Flôres e espinhos* de Eulálio Motta faz parte da pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos- PPGEL/UEFS, com o apoio da bolsa de pesquisa fornecida pela Fapesb. O projeto se insere nas pesquisas desenvolvidas a partir do *Projeto de Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta* e estabelece uma rede de parceria com os demais pesquisadores da equipe.

Fonte: <https://floreseespinhos.com.br/sobre/>

Além disso, ao final da página foi inserida uma aba com indicações de outras pesquisas relacionadas que já foram desenvolvidas ou estão em desenvolvimento, estabelecendo acesso direto a elas a partir dos *links* inseridos nas imagens.

Figura 29 – Menu-sobre-outras edições relacionadas.

Conheça **outras hiperedições** relacionadas

O pasquineiro da roça Bahia humorística O trovador As canções de Eulálio Motta Por uma Ação Católica: Cartas de Eulálio Motta



Este projeto foi desenvolvido por Patrício Barreiros como parte integrante da tese de doutorado "O Pasquineiro da Roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta", defendida em abril de 2013, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da UFBA.

Conheça **outras hiperedições** relacionadas

O pasquineiro da roça Bahia humorística O trovador As canções de Eulálio Motta Por uma Ação Católica: Cartas de Eulálio Motta



Esta plataforma foi desenvolvida por Elizabeth Mota N. de Almeida como parte integrante do projeto de doutorado, intitulado Por uma leitura filológica nas aulas de Língua Portuguesa: Plataforma digital dos causos sertanejos de Eulálio Motta, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Conheça **outras hiperedições** relacionadas

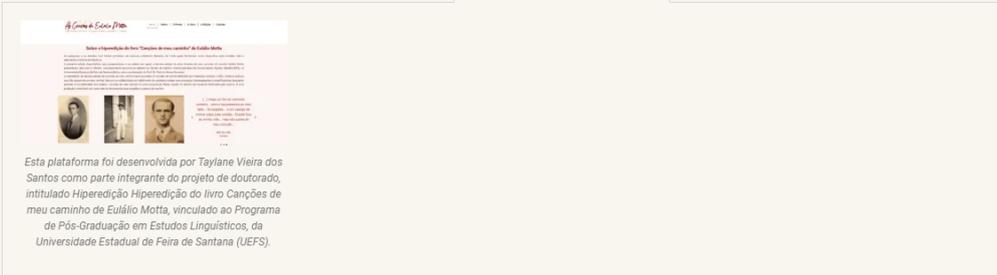
O pasquineiro da roça Bahia humorística O trovador As canções de Eulálio Motta Por uma Ação Católica: Cartas de Eulálio Motta



Esta plataforma foi desenvolvida por Juliana Pereira Rocha como parte integrante do projeto de doutorado, intitulado Hiperedição das trovas de Eulálio Motta, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Conheça **outras hiperedições** relacionadas

O pasqureiro da roça Bahia humorística O trovador As canções de Eulálio Motta Por uma Ação Católica: Cartas de Eulálio Motta



Esta plataforma foi desenvolvida por Taylane Vieira dos Santos como parte integrante do projeto de doutorado, intitulado Hiperedição Hiperedição do livro Canções de meu caminho de Eulálio Motta, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Conheça **outras hiperedições** relacionadas

O pasqureiro da roça Bahia humorística O trovador As canções de Eulálio Motta Por uma Ação Católica: Cartas de Eulálio Motta



Esta plataforma foi desenvolvida por Stephanne da Cruz Santiago como parte integrante do projeto de doutorado, intitulado Por uma Ação Católica: cartas de Eulálio Motta, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Fonte: <https://floreseespinhos.com.br/sobre/>

4.3.4 Menu: O escritor

O objetivo desse botão é apresentar de forma sucinta algumas informações bibliográficas sobre do escritor que dedicou sua vida à atividade literária e deixou inédita grande parte de suas produções que foram preservadas em seu acervo. Discorre sobre seu perfil enquanto poeta versátil e multifacetado e que buscou relacionar-se com o mundo através de seus textos.

A página também apresenta algumas imagens do escritor, que fazem parte do álbum fotográfico preservado no acervo literário.

Além disso, com o objetivo de contribuir para uma construção e compreensão mais ampla da vida e obra do escritor, há um botão de acesso integrado para outro site (<http://www.eulaliomotta.uefs.br/o-escritor.php>). O leitor, caso deseje, com apenas um clique do cursor pode explorar uma rede de informações e ampliar seu entendimento sobre Eulálio Motta.

Figura 30 – Menu- O escritor.

Hiperedição do livro

FLÔRES E ESPINHOS

de Eulálio Motta

INÍCIO SOBRE **O ESCRITOR** O PROJETO 'FLÔRES E ESPINHOS' A EDIÇÃO CONTATO

Pesquisar... →

O escritor Eulálio de Miranda Motta (1907-1988), natural de município de Mundo Novo-BA, mostrou-se um poeta versátil e multifacetado, buscou relacionar-se com o mundo através de seus textos. Autor do livro *Flôres e espinhos*, dedicou sua vida à atividade literária e deixou inédita grande parte de suas produções que foram preservadas em seu acervo. Além da atividade política e literária, dedicou-se ao jornalismo, colaborando com diversos jornais do interior como responsável por colunas nas quais, além de reportagens sobre os problemas sociais e políticos, publicava também poesias e crônicas.

Mesmo tendo dedicado grande parte de sua vida à escrita, Eulálio Motta publicou em vida somente três livros: *Ilusões que passaram...*, em 1931, pela Oficina Gráfica da Revista A Luva. Em 1933, publicou o seu segundo livro, *Alma enferma*, editado pela Imprensa Vitória, o qual foi comentado pelo crítico literário Carlos Chiacchio e por Manuel Bandeira. A sua terceira publicação veio em 1948, com *Canções do meu caminho*, editado e impresso pela tipografia do jornal O Serrinhense, cuja segunda edição foi publicada em 1983, sem identificação da editora. Essas publicações não correspondem à totalidade da produção poética eulaliana, pois grande parte de sua obra encontra-se inédita, conservada em manuscritos autógrafos no acervo do escritor.

Eulálio Motta preocupou-se em organizar e preservar seu acervo literário. Essa documentação permite compreender diversos perfis do escritor, destacando-se sua atividade literária, jornalística e política.

saiba mais sobre o escritor



► Copyright © 2024

► Cláusula Reserva



Fonte: Fonte: <https://floreseespinhos.com.br/oescritor/>

4.3.5 Menu: O projeto *Flôres e espinhos*

O botão do menu *O projeto Flôres e espinhos* tem o objetivo de contextualizar o cenário em que se deu a idealização de publicação do livro *Flôres e espinhos* por Eulálio Motta. Esse projeto editorial foi planejado pelo escritor ao final de um de seus cadernos manuscritos, intitulado *Caderno Lágrimas*, no qual há textos que abrangem o período de 1927 a 1949. Dessa forma, editar esse projeto significa trazer ao lume tanto obras éditas, publicadas em livros,

jornais revistas e antologias, como também obras inéditas conservadas pelo poeta nos cadernos e datiloscritos avulsos em seu arquivo.

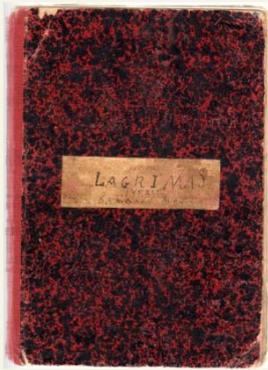
Figura 31- Menu- O projeto *Flôres e espinhos*.

Hiperedição do livro

FLÔRES E ESPINHOS

de Eulálio Motta

INÍCIO
SOBRE
O ESCRITOR
O PROJETO 'FLÔRES E ESPINHOS'
A EDIÇÃO
CONTATO



1/111

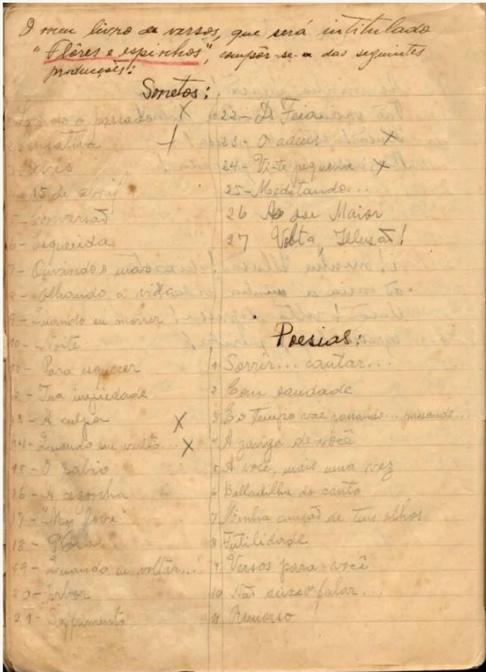
Eulálio de Miranda Motta faleceu em 1988, dedicou sua vida à atividade literária e deixou inédita grande parte de suas produções que foram preservadas pelo mesmo em seu acervo.

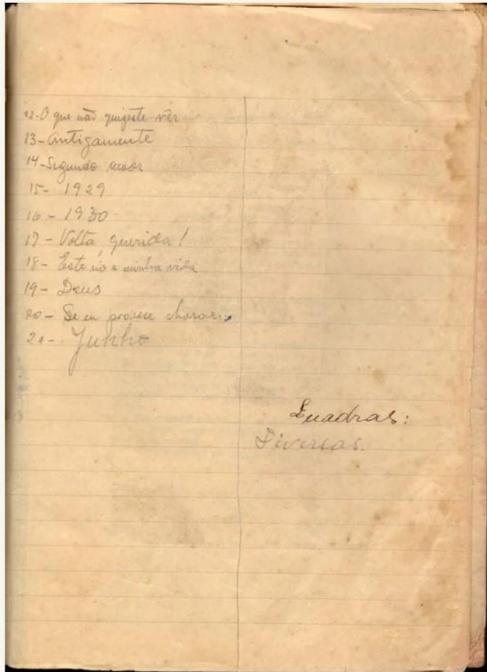
Dentre as obras inéditas destacam-se 15 cadernos manuscritos que fazem parte do laboratório de escritor e revelam o processo de escrita literária. Destes quinze cadernos nove foram esboçados pelo autor para publicação.

Flôres e espinhos é mais um dos projetos de livro esboçado por Eulálio Motta, que permanece inédito e encontra-se em seu acervo pessoal. Esse projeto editorial foi planejado pelo escritor ao final de um de seus cadernos manuscritos, intitulado *Caderno Lágrimas*, no qual há textos que abrange o período de 1927 a 1949.

O caderno manuscrito *Lágrimas* contém 57 folhas escritas no reto e no verso, foi escrito com instrumentos de escrita distintos, em tinta preta, azul e vermelha, e também a lápis. Nele foram encontrados recortes de poemas publicados em jornais e revistas, que foram colados nas folhas dos cadernos. O *Caderno Lágrimas* contém textos diversos.

Eulálio Motta delineou sua intenção de publicar o livro inédito *Flôres e espinhos* através de um sumário ao final do *Caderno Lágrimas*. Por ter apenas inserido os títulos dos poemas pretendidos, foi fundamental uma longa pesquisa em todo o seu acervo, a fim de localizar as fontes testemunhais das poesias selecionadas. A maioria dos textos faz parte do laboratório do escritor e possui marcas que demonstram o processo de criação literária, as conferências, alterações, acréscimos, supressões etc.





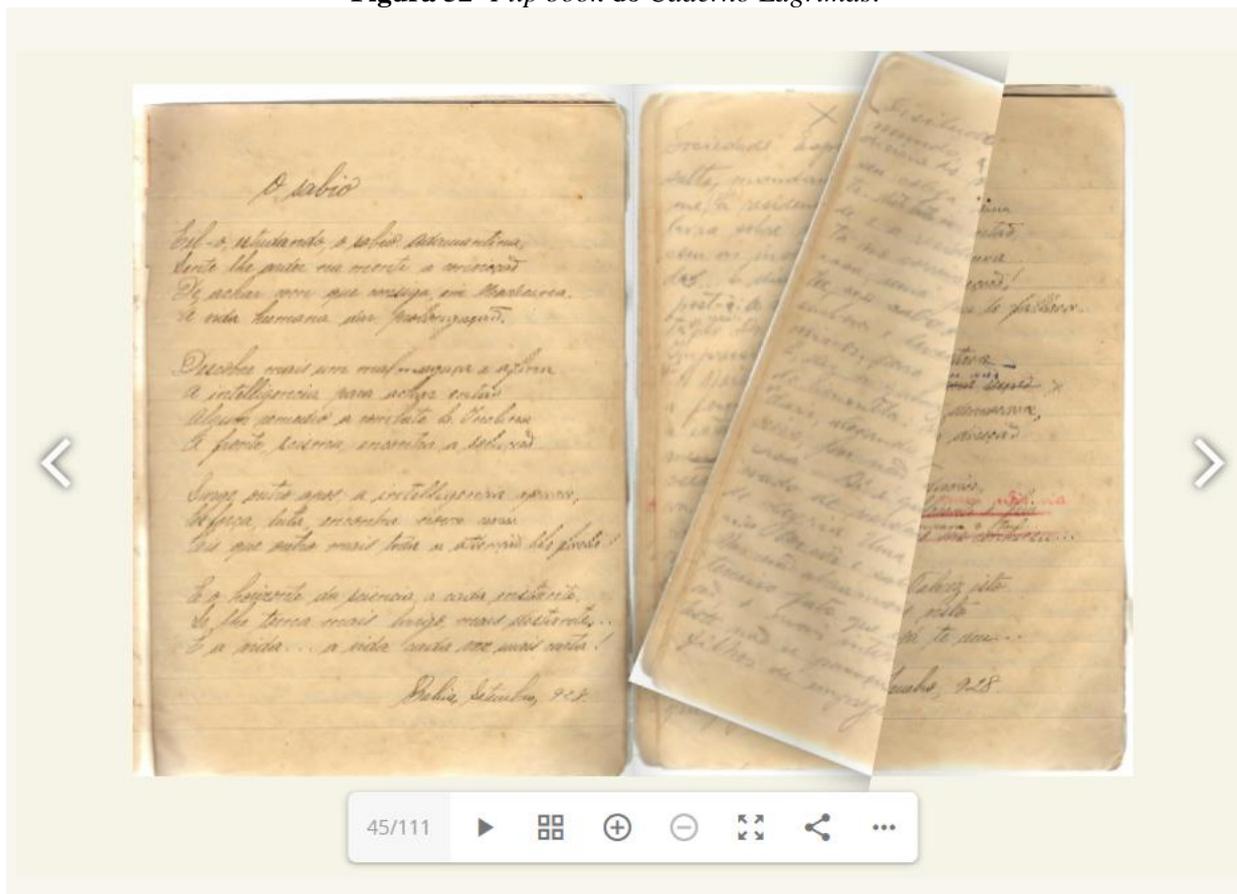
► Copyright © 2024

► Cláusula Reserva

Fonte: <https://floreseespinhos.com.br>

Por tudo isso, o *Caderno Lágrimas* ganha relevante importância dentro do conjunto da obra do autor e da edição de *Flôres e espinhos*, sendo a sua apresentação imprescindível. Por esta razão *construí* um *flip book* ampliável, animado e interativo com os *fac-similes* do *Caderno Lágrimas* para que o leitor possa entender o contexto e a dinâmica de criação do projeto literário em pauta.

Figura 32- Flip book do *Caderno Lágrimas*.



Fonte: <https://floreseespinhos.com.br>

4.3.6 Menu: A edição

O objetivo desse menu é permitir que o usuário possa explorar a edição dos textos partir de diferentes opções de acesso de modo mais flexível, respeitando as especificidades de cada versão textual. Buscou-se oferecer ao leitor, através do recurso do hipertexto, um papel mais autônomo e reflexivo no que tange à interpretação textual.

Figura 33- Menu- A edição.

Hiperedição do livro

FLÔRES E ESPINHOS

de Eulálio Motta

INÍCIO SOBRE O ESCRITOR O PROJETO 'FLÔRES E ESPINHOS' **A EDIÇÃO** CONTATO

Pesquisar...

critérios adotados para as edições

EXPLORE A EDIÇÃO POR:

Forma poética Década de escrita Monotestemunhais Politestemunhais

Ordem alfabética

N^o A B C D E F J M N O P Q R S T V

- VI-TE PEQUENA
- VERSOS PARA VOCÊ...
- VOLTA, ILUSÃO!
- VOLTA, QUERIDA

Copyright © 2024

Cláusula Reserva

PPGEL nejd fapesb

Essa plataforma faz parte da tese de doutorado *Hiperedição do livro Flôres e espinhos de Eulálio Motta*, desenvolvida por Tainá Matos Lima Alves Boaventura, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos / UEFS, 2024.

Fonte: <https://floreseespinhos.com.br>

Localizado na margem superior direita, apresenta-se a possibilidade de acessar a edição dos textos de quatro diferentes formas:

I) em ordem alfabética:

Figura 34- Edição-ordem alfabética.

Hiperedição do livro

FLÔRES E ESPINHOS

de Eulálio Motta

INÍCIO SOBRE O ESCRITOR O PROJETO 'FLÔRES E ESPINHOS' **A EDIÇÃO** CONTATO

Pesquisar...

critérios adotados para as edições

EXPLORE A EDIÇÃO POR:

Forma poética Década de escrita Monotestemunhais Politestemunhais

Ordem alfabética

N^o A B C D E F J M N O P Q R S T V

- 15 DE ABRIL

PPGEL nejd fapesb

Essa plataforma faz parte da tese de doutorado *Hiperedição do livro Flôres e espinhos de Eulálio Motta*, desenvolvida por Tainá Matos Lima Alves Boaventura, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos / UEFS, 2024.

Fonte: <https://floreseespinhos.com.br>

II) Por ordem cronológica:

Figura 35 – Edição- ordem cronológica.



Fonte: <https://floreseespinhos.com.br>

III) pela forma poética (sonetos/ poesias, conforme designação do autor):

Figura 36 -Edição- por forma poética.



Fonte: <https://floreseespinhos.com.br>

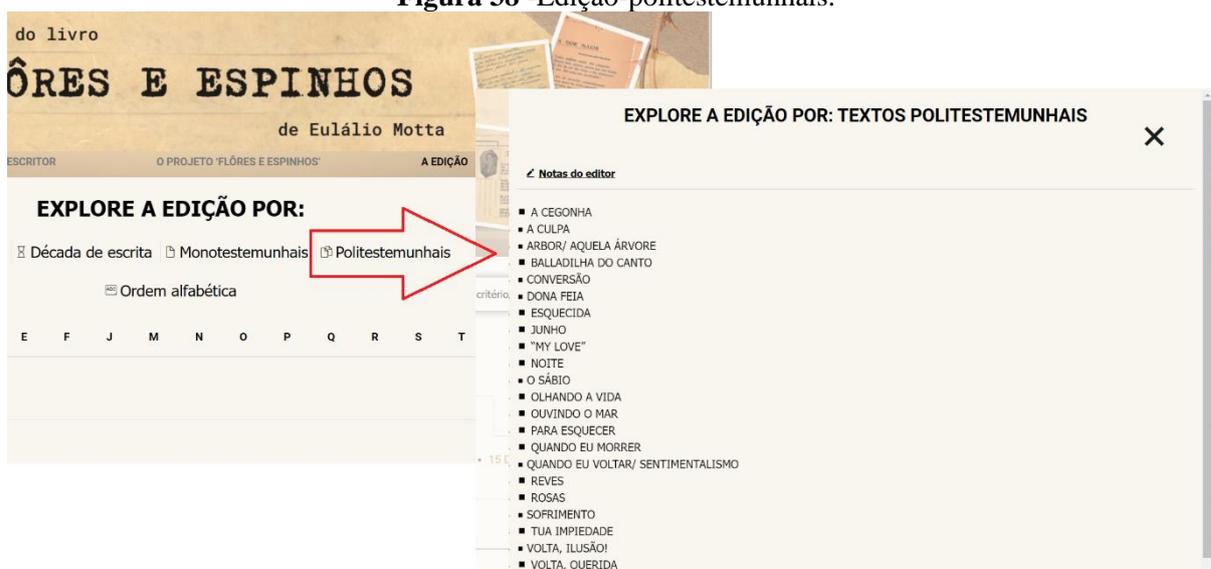
IV) pela tradição testemunhal, (monotestemunhal / politestemunhal):

Figura 37 -Edição-monotestemunhais.



Fonte: <https://floreseespinhos.com.br>

Figura 38 -Edição-politestemunhais.



Fonte: <https://floreseespinhos.com.br>

A edição pode ser explorada a partir dos botões de acesso aos níveis de transcrição e edição. Foram desenvolvidos cinco tipos de edição a saber:

a) **Edição linear:** A transcrição linearizada é apresentada ao lado do fac-símile. Trata-se de uma transcrição que conserva as rasuras, substituições, correções e acréscimos, seguindo a sequência lógica do texto. A Linguagem de Marcação de Hiper Texto- HTML possibilitou a representação das rasuras, correções e substituições se aproximem do texto original, não sendo necessário o uso de infinitos símbolos que comumente são utilizados nas edições impressas para indicar os movimentos da escrita.

Figura 39 – Exemplo de edição linear.

Hiperedição do livro

FLÔRES E ESPINHOS

de Eulálio Motta

INÍCIO SOBRE O ESCRITOR O PROJETO 'FLÔRES E ESPINHOS' A EDIÇÃO CONTATO

Hoje te vi na rua...Alguem passava
Contigo e eu vi-te...Que desilusão!

VI-TE PEQUENA... A uma melindrosa

Vi-te pequena... Minha noiva, então,
Eu brincando contigo te chamava...
Cherubim! 'f'lor de^o lys^{ce}u! m^oMeu coração!
Noutro tempo era assim que eu te falava.

Passaram anos. Uma tarde ^{eu} estava
Numa certa avenida, à espera, em vão
Eu na avenida, a espera, em uma secção: x
De um bond que já muito demorava,
Quando surgiste à minha direção.

Conheci-te de longe... Todavia,
^{como quem não via}
Por mim passaste **indiferente e fria**
Meu pobre olhar que procurava o teu...
Como alguém que jamais me conheceu...

Sou estudante pobre... Talvez isto
Bastante fosse p'ra ^{não} teres visto
Este que muitos beijos já te deu...

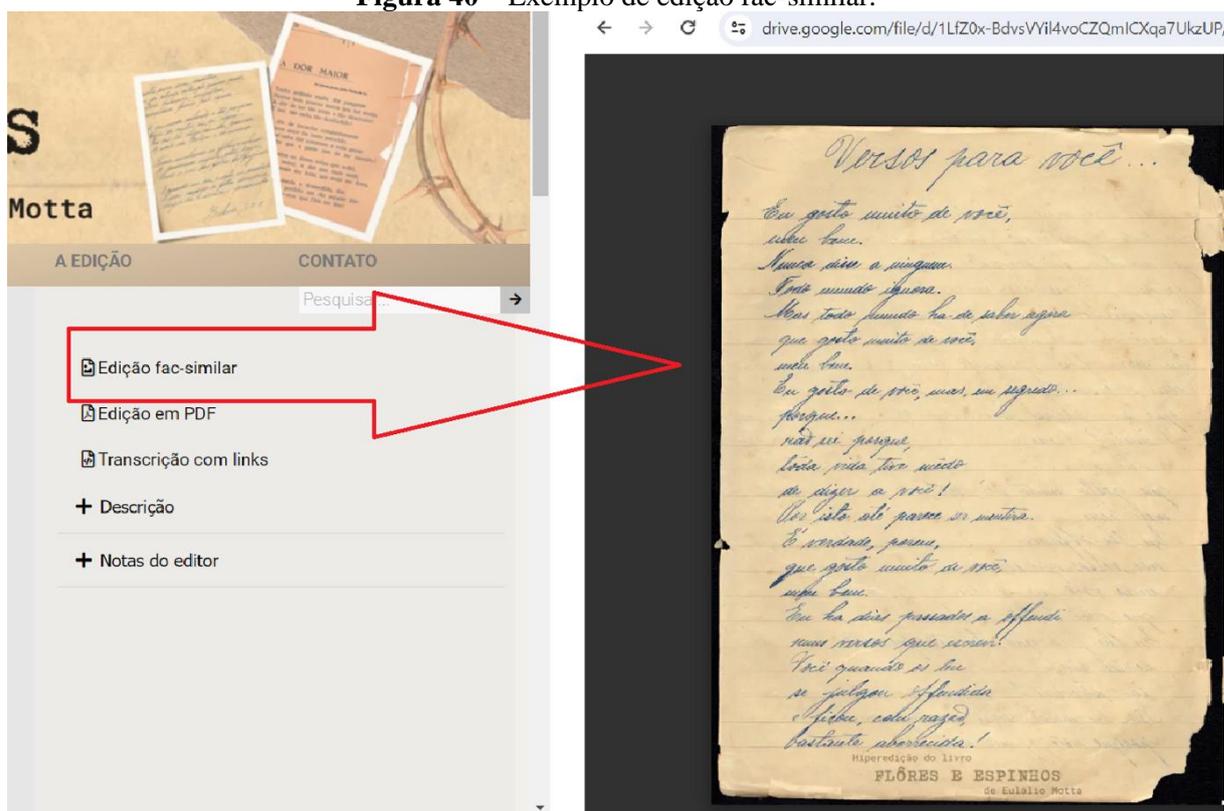
B^a, Junho, 928.

Edição fac-similar
Edição em PDF
Transcrição com links
+ Descrição
+ Notas do editor

Fonte: <https://floreesepinhos.com.br>

b) **Edição fac-similar digital**: reprodução digital de todos os textos e versões localizados no acervo e que integram o projeto *Flôres e espinhos*. A edição fac-similar se faz necessária, pois dá a ler os textos em características mais próximas daqueles trazidos em sua materialidade. Além disso, os usuários terão as opções mais interativas e dinâmicas como a de ampliar, reduzir, imprimir ou baixar ou compartilhar os fac-símiles.

Figura 40 – Exemplo de edição fac-similar.



Fonte: <https://floreseespinhos.com.br>

O fac-símile que acompanha a transcrição é gerado a partir de um banco de dados da conta do *Google Drive*, integrado através do *widget* específico do *Elementor pro* que permite a visualização lado a lado, da imagem e texto.

c) **Transcrição com links**: integrada no website através de *pop-up modal* (janela flutuante), nesta edição o texto é inicialmente apresentado com as atualizações através da correção gramatical e atualização de ortografia, que é indicada através de *links* que acessam *tooltip* flutuante a partir da aproximação do cursor sobre a parte sinalizada.

Esse tipo de transcrição é relevante na hiperedição pois oferece ao leitor a possibilidade de acessar a versão mais atualizada do texto ao mesmo tempo em que pode, ao apontar o cursor sobre o texto, verificar sua forma no original. O uso de *links* dá a opção o leitor de decidir seu itinerário de leitura, se verifica ou não a informação contida no *link* (indicado pelo destaque marrom). O link é inserido na transcrição através da *tag* de marcação HTML: `<a> `.

Figura 41 – Exemplo de edição com *links*.



Fonte: <https://floreseespinhos.com.br>

No caso das transcrições com *links* e transcrição linearizada dos poemas, as *tags* mais utilizadas para marcação foram:

Quadro 8 – *Tags* HTML mais utilizadas na transcrição linearizada.

TAGS/HTML	DEFINIÇÃO
 	quebra de linha, adiciona mais espaço
	negrito
<p></p>	parágrafo
 </br>	quebra de linha, adiciona mais espaço
 	para deixar o texto com cor mais forte
<s> </s>	riscado
<u> </u>	sublinhado
	acréscimo inferior
	acréscimo superior
	para definir cores de partes do texto

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

d) **Confronto sinóptico**: para os textos que possuem uma tradição plural, este modelo foi escolhido por possibilitar o confronto direto entre versões. A escolha desse modelo editorial para os politestemunhais se justifica pela riqueza dos aspectos referentes à história do texto e de sua materialidade como também pela leitura crítico-filológica do editor, externada por meio de marcações elucidativas.

Figura 42 – Exemplo de confronto sinóptico.

Hiperedição do livro

FLÔRES E ESPINHOS

de Eulálio Motta

INÍCIO SOBRE O ESCRITOR O PROJETO 'FLÔRES E ESPINHOS' A EDIÇÃO CONTATO

Pesquisar...

CGM

fac-símile

Ao meu distinto e talentoso amigo Antonio da Silva Garcia

Daquelle lago á beira, ha muito tempo existe
Em meio á passurada alegre, o vulto lindo,
De uma cegonha triste, immensamente triste,
A contemplar o azul nas aguas reflectindo.

Parece que padece e vive ali, carpindo
Um mal, um grande mal, um mal que não resiste
O seu corpinho tenro... E, em canticos lhe rindo!
A passurada em torno ao seu tormento assiste!

Ella sente talvez um martyrio medonho...
E não clama e não chora e não falla e não diz
Qual a causa da dôr que a tornou infeliz!

Eu que vivo tambem pensativo e tristonho,
Quando a contemplo assim meditativa e calma,
Chego a crer que me vive uma cegonha na alma.

Bahia, Setembro, 928

34 ILUSÕES QUE PASSARAM...

A CEGONHA

Ao meu distinto e talentoso amigo Antonio da Silva Garcia

Daquelle lago á beira, ha muito tempo existe
Em meio á passurada alegre, o vulto lindo
De uma cegonha triste, immensamente triste,
A contemplar o azul nas aguas reflectindo.

Parece que padece e vive ali, carpindo
Um mal, um grande mal, um mal que não resiste
O seu corpinho tenro... E, em canticos lhe rindo!
A passurada em torno ao seu tormento assiste!

Ella sente, talvez, um martyrio medonho...
E não clama e não chora e não falla e não diz
Qual a causa da dôr que a tornou infeliz!

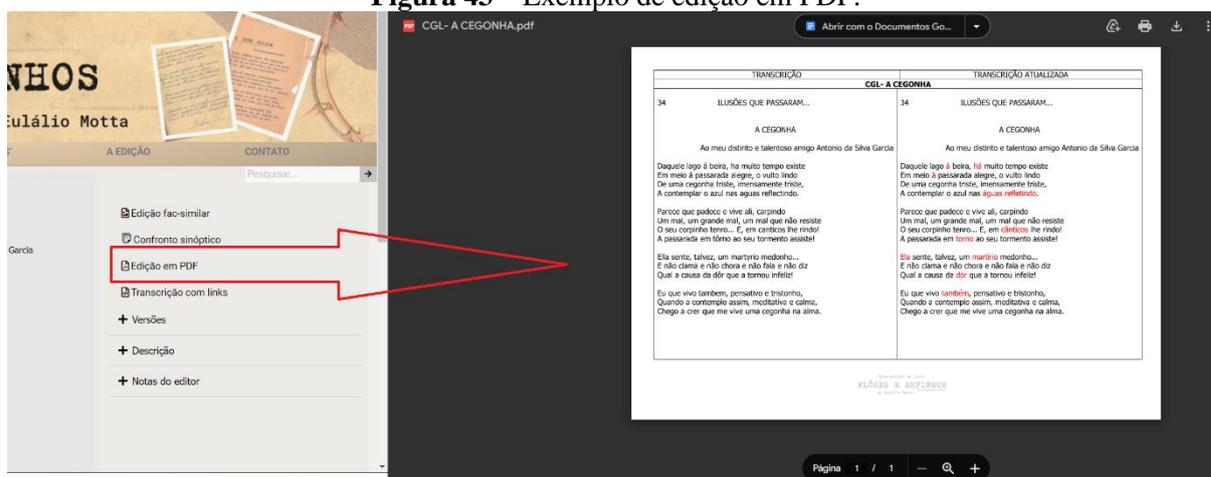
Eu que vivo tambem, pensativo e tristonho,
Quando a contemplo assim, meditativa e calma,
Chego a crer que me vive uma cegonha na alma.

* a vírgula foi posteriormente riscada/cancelada pelo escritor.

Fonte: <https://floreesepinhos.com.br>

e) **Edição em PDF:** Ao acessar esse botão o usuário será direcionado para outra página em que terá acesso a um arquivo de hipermídia. Nele consta uma tabela com duas colunas, na coluna esquerda se apresenta a transcrição do texto (menos interventiva) e na coluna direita a transcrição atualizada (mais interventiva), as alterações editoriais são marcadas no fluxo do texto pela cor vermelha. O texto crítico que resulta dessa edição será apresentado em modelo público na internet e em formato de PDF para visualização, *download*, impressão e/ou compartilhamento.

Figura 43 – Exemplo de edição em PDF.

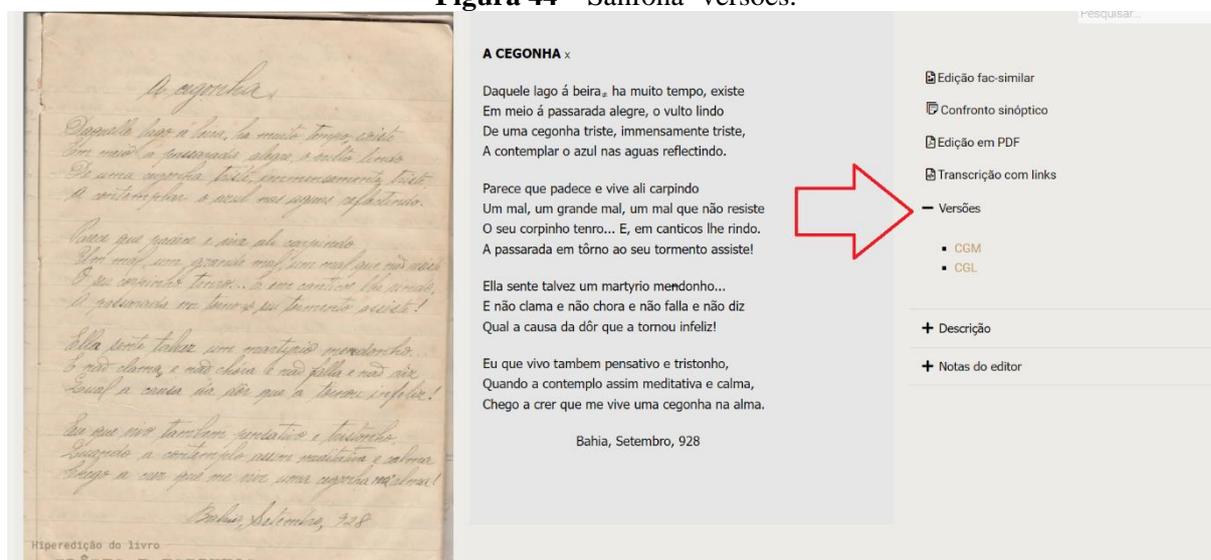


Fonte: <https://floreseespinhos.com.br>

A partir das diversas possibilidades de itinerário, chega-se às páginas específicas das edições. Esse percurso não é rígido ou fixo, podendo ser modificado a partir das intenções do usuário. Ainda nas páginas específicas de edição do corpus seguintes elementos:

I) Link de acesso às versões do testemunho, no caso dos textos politestemunhais;

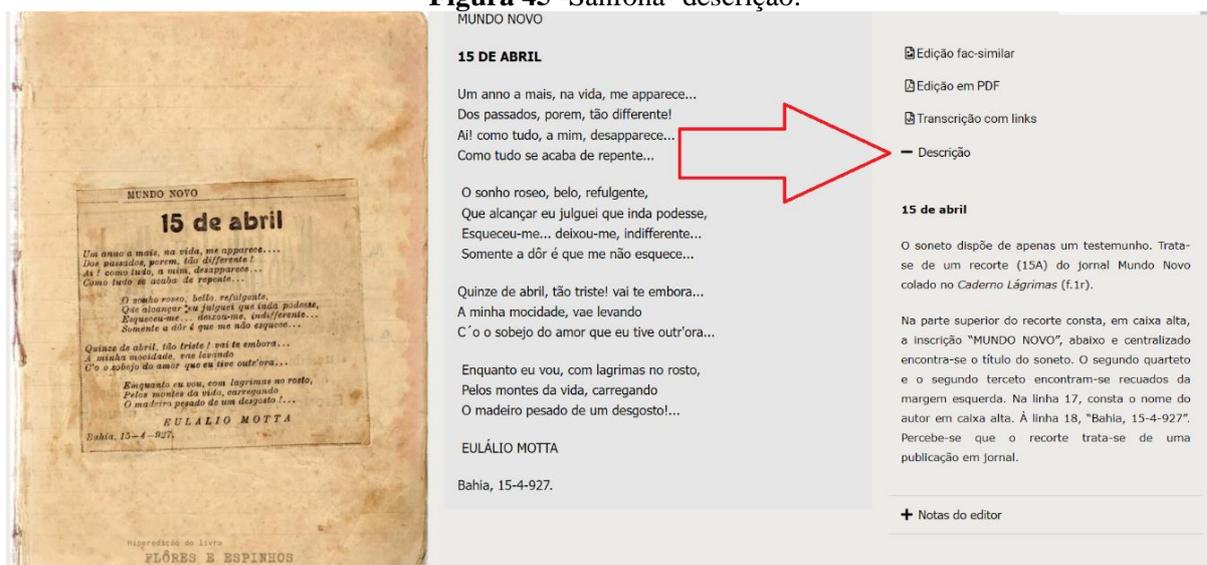
Figura 44 – Sanfona- versões.



Fonte: <https://floreseespinhos.com.br>

II. Descrição dos testemunhos;

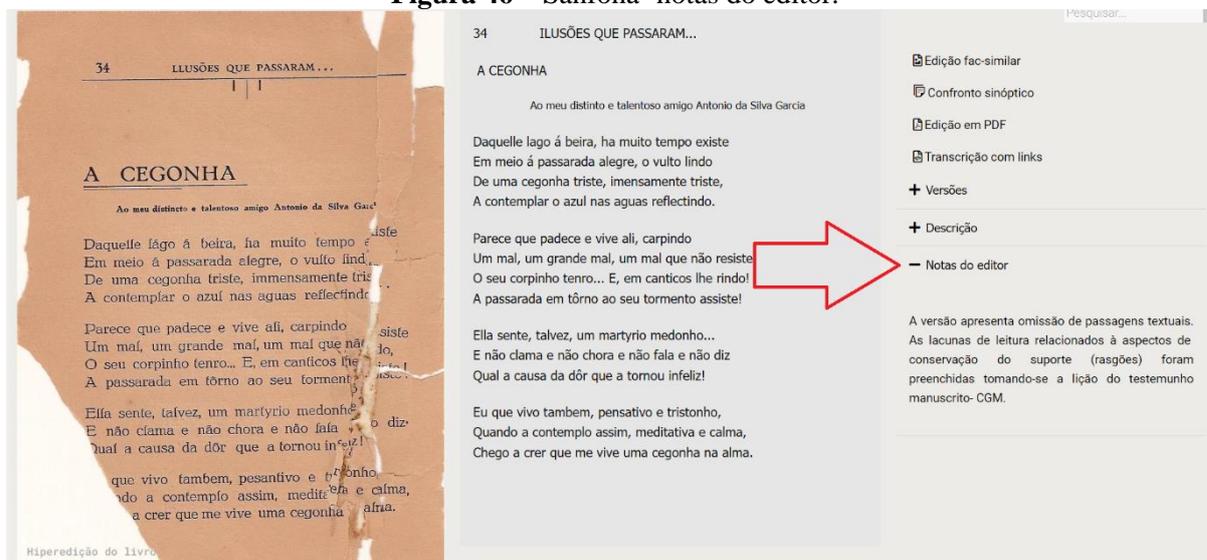
Figura 45 -Sanfona- descrição.



Fonte: <https://floreseespinhos.com.br>

III. Notas do editor.

Figura 46 – Sanfona- notas do editor.



Fonte: <https://floreseespinhos.com.br>

IV) botões de acesso aos níveis de transcrição e edição; IV. a imagem dinâmica através da qual é possível navegar entre o fac-símile e a transcrição topográfica; V. um texto que apresenta a leitura crítica e interpretativa do editor acerca da tradição testemunhal da trova; VI o botão de voltar para a página inicial da edição.

4.3.7 Menu: Contato

A criação da página de contato é fundamental para garantir ao leitor um lugar de participação e acompanhamento das atualizações e alterações na edição. O menu *Contato*, concede aos usuários a possibilidade de realizar comentários sobre a edição, o que amplia o viés interativo da hiperedição elaborada.

O formulário permite que o leitor interaja diretamente com o editor. Neste caso, optou-se por disponibilizar um formulário de contato diretamente integrado ao endereço eletrônico do editor.

O formulário de contato, conta com cinco possíveis temas elegíveis na opção *Assunto* (sugestões, reclamações, observações de correção, solicitações de acesso). Ao enviar o formulário, o usuário receberá na tela uma mensagem instantânea de confirmação do envio.

Figura 47 – Menu- Contato.

Hiperedição do livro

FLÔRES E ESPINHOS

de Eulálio Motta

INÍCIO SOBRE O ESCRITOR O PROJETO 'FLÔRES E ESPINHOS' A EDIÇÃO **CONTATO**

Pesquisar... →

Entre em contato conosco!

Nome *

E-mail *

Assunto *

Sugestões ▾

Mensagem *

Dúvidas, sugestões, informações adicionais? Teremos o prazer em responder. Mande-nos uma mensagem!

Enviar ↗

Quadro de avisos

08/02/2023 (07:42)	+
28/06/2023 (12:16)	+
11/12/2023 (09:05)	+

► Copyright © 2024

► Cláusula Reserva





Essa plataforma faz parte da tese de doutorado *Hiperedição do livro Flôres e espinhos de Eulálio Motta*, desenvolvida por Tainá Matos Lima Alves Boaventura, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos / UEFS, 2024.

Fonte: <https://floreseespinhos.com.br/contato/>

Já o quadro de avisos é fundamental por manter os usuários atualizados sobre todas as modificações- alterações, correções, e acréscimos- realizados na edição, tendo em vista que a edição digital possui um caráter aberto, mutável e expansivo, permite o acréscimo de novos materiais e o estabelecimento de outras relações que viabiliza a realização de modificações, inclusive a partir de comentários dos usuários. As alterações são informadas em ordem cronológica decrescente, constando o texto de aviso, data e hora das modificações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em acervos é sempre surpreendente, pois mantém-se continuamente aberto a realizarmos novos questionamentos e, conseqüentemente, obtermos novas respostas. Mesmo após onze anos de pesquisa, o sentimento é de que ainda há mais a se fazer, outras possibilidades de leituras e análises do *corpus*. No entanto, por se tratar de uma hiperedição de natureza aberta, maleável e dinâmica, existe a possibilidade de dar continuidade a pesquisa e, futuramente, integrar outros elementos que não foram contemplados neste momento devido a necessidade de conclusão dentro do prazo previsto pelo programa. Isso ratifica o potencial do ambiente digital e a ideia aqui defendida de que as edições digitais possuem vantagens sobre outras mídias.

Porém, é importante salientar que à medida que a tecnologia avança e se atualiza, também há riscos de anacronismos e incompatibilidades de arquiteturas. Diante disso, sempre haverá algo para inovar. Sendo fundamental utilizar uma tecnologia flexível com grande capacidade de adaptação e expansão. Todas as ferramentas e recursos devem apresentar meios para serem adaptadas e compartilhadas com outros sistemas. Desse modo, essa hiperedição foi pensada e desenvolvida utilizando ferramentas que atenderam a esses objetivos.

Quando decidi levar a pesquisa para o meio digital, reconheci que se tratava de um plano corajoso, isso me animava e me preocupava simultaneamente, pois teria de desenvolvê-la sem o apoio de uma equipe de especialistas da área. Por isso, a cada etapa dessa pesquisa deparei-me com significativos desafios, sendo o maior deles, a ausência de conhecimento mínimo sobre a área das Ciências da Computação quando me propus a fazê-la. Começar cursos do zero para adquirir competência prática e teórica sobre desenvolvimento de sites e as diversas linguagens de programação e marcação, paralela à realização dessa pesquisa, foi realmente muito desafiador.

Além disso, outros desafios atravessaram essa pesquisa em universo digital. Reflexões precisaram ser feitas, como a de revisitar a Crítica Textual em seus aspectos históricos e epistemológicos a fim de entender os rumos da Filologia na contemporaneidade bem como compreender a sua práxis no campo das Humanidades Digitais para edição do *corpus*; a de repensar o papel do filólogo-editor, ultrapassando a visão dos manuais de Crítica Textual e dos modelos editoriais, isto é, a Filologia não mais como campo de estudo que se preocupa exclusivamente com a restituição dos textos e a recuperação dos originais perdidos ou com os textos de última vontade do autor. Nesse sentido, editar textos que integram um conjunto documental de natureza diversa, como neste caso, reclama do filólogo, uma abordagem

interdisciplinar, que versa sobre possíveis e necessárias aproximações entre campos disciplinares diversos, atualizando e revendo sua prática editorial, e também, um redimensionamento para a noção de obra e de texto, tendo em vista que os documentos arquivados estão interligados por uma rede de sentidos.

Na construção da hiperedição do projeto editorial *Flôres e espinhos* ficou claro que o papel do filólogo transcende ao mero estabelecimento do texto. No decorrer desses anos de pesquisa, diferentes aspectos sobre os textos eulalianos foram explorados, mas até chegar na Hiperedição, algumas posturas editoriais foram revistas, amadurecidas e até mesmo modificadas. Repensei minha *práxis* filológica, atualizei os métodos e me reconheci sujeito discursivo, que produz sentidos, ao perceber os múltiplos papéis de leitor/autor do texto.

O desenvolvimento dessa hiperedição mostrou-se um caminho potencialmente valioso para explorar o acervo do escritor. principalmente, porque permitiu agregar ao texto editado diversos documentos textuais e iconográficos, elencados no dossiê arquivístico. Entende-se que as práticas editoriais contemporâneas, compreendem os arquivos de escritores como espaços em que textos e paratextos dialogam, podendo ser estudados em suas relações, já que cada obra carrega consigo uma infinidade de contextos relacionados a ela. Esses documentos, juntamente com os *tooltips*, têm a função de elucidar os códigos contextuais dos textos editados. Além disso, recursos como o zoom, as transcrições das imagens e as informações paleográficas, que descrevem a materialidade dos documentos, contribuíram significativamente para a compreensão dos códigos bibliográficos. As transcrições lineares e com *links* exploraram os códigos linguísticos que foram valorizados a partir dos recursos que deram visibilidade aos códigos contextuais e bibliográficos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Isabela Santos de. **Interfaces entre Crítica Textual e Informática na edição de textos teatrais censurados**. *Revistas A Cor das Letras*, v. 17, n.1, p. 99-114, 2016.

ALVES, Tainá Matos Lima. **Edição dos poemas do Caderno sem capa I, de Eulálio Motta**. Monografia (Graduação em Letras com língua espanhola) - Departamento de Letras. Universidade Estadual de Feira de Santana. 2015.

AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. Trad.: José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

BANDEIRA, Manuel. *Crônicas inéditas 2: 1930-1944*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BANZA, Ana Paula & GONÇALVES, Maria Filomena (coord.), **Patrimônio textual e humanidades digitais: da antiga à nova Filologia**. Évora: CIDEHUS. 2013.

BARREIROS, Patrício Nunes. **O poeta**. [on-line]. Disponível em: <<https://eulaliomotta.wordpress.com/o-escritor/o-poeta/>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

BARREIROS, Patrício Nunes. **O acervo do escritor e seu itinerário (auto)biográfico**. *Todas as Letras (Makenzie)*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 235-250, 2016.

BARREIROS, Patrício Nunes. **O Pasquineiro da Roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2015.

BARREIROS, Patrício Nunes. **Novas práticas culturais da escrita, novas perspectivas da Crítica Textual: rumo às hiperedições**. *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 31-62, jan./jun. 2014.

BARREIROS, Patrício Nunes. **O Pasquineiro da Roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta**. 386f. **Tese** (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

BARREIROS, Patrício Nunes. **Sonetos de Eulálio Motta**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

BARREIROS, Patrício Nunes. A oficina do escritor e os projetos editoriais de Eulálio de Miranda Motta. **Cadernos do CNLF (CiFEFil)**, v. 13, p. 1465-1480, 2009.

BARREIROS, Patrício Nunes. **Cantos tristes, no cemitério da ilusão: edição dos sonetos de Eulálio de Miranda Motta**. 2007. 346f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana. 2007.

BARRETO, Liberato Miranda. Carta aberta. **Jornal Mundo Novo**, Mundo Novo, p. 8, 28 ago. 1931.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica: história externa das línguas**. Vol. I. São Paulo: Edusp, 2005.

BIASI, Pierre-Marc. 2010. **A gramática dos textos**. Tradução Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDPUCRS.

BOAVENTURA, Tainá Matos Lima Alves. **Edição do livro inédito Flôres e espinhos, de Eulálio Motta**. 214f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual de Feira de Santana. 2018.

BORDINI, Maria da Glória. Os acervos de escritores sulinos e a memória literária brasileira. **Revista Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 35-54, jun. 2009.

BORGES, Rosa. A edição de textos: crítica filológica e práticas editoriais. In.: **Edição do texto teatral na contemporaneidade** [livro eletrônico]: metodologias e críticas. Salvador, BA: Memória e Arte, 2021.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de; MATOS, Eduardo Silva Dantas de; ALMEIDA, Isabela Santos de (Org.). **Edição de Texto e Crítica Filológica**. Salvador: Quarteto, 2012.

BORGES, ROSA . Experiências e descentramentos epistemológicos na prática filológica. In: Risonete Batista de Souza; Rosa Borges; Isabela Santos de Almeida; Débora de Souza. (Org.). **Filologia em diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos**. 1ed.Salvador: Memória & Arte, 2020, v. , p. 15-47.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASTRO, Ivo. **O Retorno à Filologia**. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. *Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

CERQUIGLINI, Bernard. “Une nouvelle philologie?” Communication au Colloque international “**Philologie a l’ère de l’Internet**.” Budapest, 2000. Disponível em: <http://magyar-irodalom.elte.hu/colloquia/>.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Ed. UNESP, 2014

CHARTIER, Roger. **Un humanista entre dos mundos: Don McKenzie**. [Prólogo]. In: MCKENZIE, D. F. *Bibliografía y sociología de los textos*. Tradução Fernando Bouza. Madrid: Akal, 2005. p. 5-18.

CHARTIER, Roger. **Escutar os mortos com os olhos**. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol.24, n.69, p.7-30, 2010.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CORREIA, Fabiana Prudente. **Filologia e Humanidades digitais no estudo da dramaturgia censurada de Roberto Athayde**: acervo e edição de Os Desinibidos. 2018. 362f. + volume

digital. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29614>. Acesso em: 25 nov. 2023.

COSTA, Sely M. S. de. Mudanças no processo de comunicação científica: o impacto do uso de novas tecnologias. In: MUELLER, Suzana P. M.; PASSOS, Edilenice (Org.). **Comunicação científica**. Brasília: UnB, 2000. p. 85-106. (Estudos avançados em Ciência da Informação, 1).

COSTA, S.M.S. **Mudanças no processo de comunicação científica**: o impacto do uso de novas tecnologias. In: MUELLER, S.P.M.; PASSOS, E.J.L., (Org.). Comunicação científica. Brasília: UnB/CID, 2000. p.85-106.

CUNHA, Celso. **O ofício de filólogo**: sob a pele das palavras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs - Capitalismo e Esquizofrenia - v. 1**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DUARTE, Luiz Fagundes. **Glossário de Crítica Textual**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1997. Disponível em: <<http://www2fcsh.unl.pt/invest/glossario.htm#114>>. Acesso em: 09 set. 2021.

EMILIANO, António **Tipo Medieval para Computador**: uma ferramenta informática para linguistas, historiadores da língua e paleógrafo. Signo. Revista de História de la Cultura Escrita (Universidade de Alcalá de Henares), 15 (2005): 139 -176.

FINNERAN, R. J. (Org.). **The literary text in the digital age**. Estados Unidos: University of Michigan. 1996.

GERMÁN ORDUNA. **Fundamentos de crítica textual**. Madrid: Arco Libros. 2005.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Los poderes de la filología**: dinámicas de una práctica académica del texto. Tradução Aldo Mazzucchelli. México: Universidad Iberoamericana, 2007.

HAY, Louis. **Literatura dos escritores**: questões de crítica genética. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

LACHMANN, K. **Lucretius**: De rerum natura (L's edition and commentary). New York; London: Garland, 1979 [1850].

LANDOW George P. **Hypertext**: the convergence of contemporary critical theory and technology. Baltimore: The Johns Hopkins, 1992.

LEÃO, Lucia. **O Labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. Rio de Janeiro: Editora34, 2017.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora34, 1995.

LOSE, Alícia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento de; BARREIROS, Patrício Nunes; DUARTE, Rosinêsde Jesus. Filologia, cultura escrita e estudos culturais em diálogo. In: LOSE, Alícia Duhá et al., (Org.). **Filologia, cultura escrita e estudos culturais**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2018.

LOSE, Alícia Duhá. **Reflexões sobre edições digitais**: fazendo filologia no século XXI. *Revistas A Cor das Letras*, v. 17, n.1, p. 115-126, 2016.

LOSE, Alícia Duhá et al. **Edições digitais de manuscritos**: do século XVI ao século XXI. In: CIRILLO, José; PASSOS, Marie- Hélène Paret (Org.). *Materialidade e virtualidade no processo criativo*. Vinhedo, SP: Horizontep. p. 77-99, 2011.

LOURENÇO, Isabel Maria Graça. **The William Blake Archive**: da gravura iluminada à edição eletrônica. 490f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. 2007. **Hacia nuevos paradigmas textuales** (edición y difusión de los textos literarios en el siglo XXI). Madrid: Universidad Complutense de Madrid.

LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. **Reflexiones en torno a las plataformas de edición digital**: el ejemplo de la Celestina. In: POALINI, Devid. (Coord.). *De ninguna cosa es alegre posesión sin compañía, estudios celestinescos y medievales en honor del professor Joseph Thomas Snow*. Tomo I. New York: Seminário Hispánico de Estudios Medievales, p. 226-251, 2010.

MARQUES, Reinaldo. O arquivamento do escritor. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Org.). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 141-156.

MARQUILHAS Rita. **Filologia oitocentista e crítica textual**. Fernanda Mota Alves et al., organizadores. In: *Filologia, Memória e Esquecimento*. Act. 20. Lisboa: Húmus;2010. p. 355-367.

MCGANN, Jerome J. **A Critique of Modern Textual Criticism**. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

_____. **The rationale of hypertext**. In: SUTHERLAND, K. *Electronic text, investigations in method and theory*. Oxford: Clarendon Press, 1997. p. 19-46.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e a sociologia dos textos**. Tradução de Fernanda Veríssimo. São Paulo: Edusp, 2018.

MONTE, V. M.; Paixão de Sousa, M. C. **Por uma filologia virtual**: O caso das atas da câmara de São Paulo (1562-1596). *REVISTA DA ABRALIN*, v. 16, p. 239-264, 2017.

MOREIRA, M. **Crítica Textualis in Caelum Revocata?**: uma proposta para edição e estudo da tradição de Gregório de Matos e Guerra. São Paulo: EDUSP, 2011.

MOTTA, Eulálio. **Canções do meu caminho**. 2. ed. [s.l.], [s.e.], [1983].

MOTTA, Eulálio de Miranda. O telefone. **Panfleto**. *Mundo novo*, 28 de mar. 1977.

- MOTTA, Eulálio de Miranda. **Alma enferma**. Salvador: Imprensa Vitória, 1933.
- MOTTA, Eulálio de Miranda. **Ilusões que passaram**. Salvador: Oficina Gráfica d'A luva. 1931.
- MOTTA, Eulálio de Miranda. **Caderno sem capa 1**. Manuscrito: EA2.1.CV1.01.001.
- MOTTA, Eulálio de Miranda. **Crepúsculo**. Caderno sem capa 1. 25 de agosto de 1926. f.2r [manuscrito].
- PAIXÃO DE SOUZA, Maria Clara. A Filologia Digital em Língua Portuguesa: alguns caminhos. In: Maria Filomena Gonçalves e Ana Paula Banza (coord.), **Património Textual e Humanidades Digitais**: da antiga à nova Filologia, Évora: CIDEHUS, 2013, p. 120.
- PETERLE, Patrícia: **Leituras, anotações, marcações**: o “canteiro de obras” de Giorgio Caproni. Manuscrita, Revista de Crítica Genética, São Paulo, n. 31, p. 83-87, 2016. Disponível em: www.revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/download/2597/2336. Acesso em: 10 de jun. de 2023.
- QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. **Da necessidade de edição crítica de autores baianos**. Cadernos de Letras da UFF: Dossiê Patrimônio Cultural e Latinidade, Rio de Janeiro, n. 35, p. 83-95, 2008. Disponível em: <https://eulaliomotta.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/04/da-necessidade-de-edicao-critica-de-autores-baianos.pdf>. Acesso em: 5 de dez. de 2023.
- RETTENMAIER, M. **Pesquisa literária e acervo**: a maldição dos manuscritos. Revista Desenredo, v. 4, n. 2, 27 out. 2009.
- ROCHA, Juliana Pereira. **Hiperedição das trovas de Eulálio Motta**. 152f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - PPGEL- Universidade Estadual de Feira de Santana, 2023.
- SACRAMENTO, Arivaldo; MAGALHAES, L. B. S. **Ciborgues textuais: posturas e decisões para a produção de edições digitais**. In: BORGES, Rosa; ALMEIDA, Isabela; BARREIROS, Patrício. (Org.). Filologia e humanidades digitais. 1ed.Feira de Santana: EDUEFS, 2018, v. 1, p. 27-56.
- SACRAMENTO, A.; SANTOS, L. de J. **A Filologia como ética de leitura**. Revista da ABRALIN, [S. l.], v. 16, n. 2, 2017. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/466>. Acesso em: 16 set. 2023.
- SACRAMENTO, Arivaldo; SANTOS, L. J. **A Filologia como ética de leitura**. REVISTA DA ABRALIN, v. 16, p. 129-168. 2017.
- SACRAMENTO, Arivaldo de Souza. **Algumas considerações acerca da filologia do processo**: a crítica filológica na Bahia. In: Congresso Nacional De Linguística E Filologia, 20., 2016, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF: CiFEFil, v. 20, n. 5, p. 115-124, 2016. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_05/008.pdf. Acesso em: 19 ago. 2022.

SAID, Edward W. **Humanismo e crítica democrática**. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTIAGO, Iago G. ; SANTIAGO, Stephanie C. ; BARREIROS, Liliane L. S. . **Tradição e modernidade na Bahia**: dossiê arquivístico e análise do poema “Originalidade”, de Eulálio Motta. REVISTA PHILOLOGUS, v. 26, p. 241-257, 2020.

SANTIAGO, Iago; SANTIAGO, Stephanie; BARREIROS, Patrício. **A interface rizomática do acervo: construção do dossiê arquivístico para elaboração de edições digitais**. A Cor Das Letras (UEFS), v. 18, p. 46-69, 2017.

SANTOS, Taylane Vieira dos. Edição de Canções do meu caminho de Eulálio Motta. il. **Dissertação** (Mestrado em Estudos Literários) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.

SANTOS, Lucas de Jesus. Da palavra ao mundo: retornos à filologia. **Revista Inventário**. Nº 17. Salvador/Ba. dez. 2015. p. 1-16.

SANTOS, Rosa Borges dos; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e Edição de texto. In: BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de; MATOS, Eduardo Silva Dantas de; ALMEIDA, Isabela Santos de. **Edição de Textos e Crítica Filológica**. Salvador: Quarteto, 2012.

SHILLINGSBURG, Peter L. **General principles for electronic scholarly editions**. Texto publicado em 1993. Disponível em <http://sunsite.berkeley.edu/MLA/principles.html>. Acesso em: 01 jul. 2022.

SOARES, Edna Maria Viana. **Crítica textual moderna e a Sociologia dos textos**: a materialidade dos textos e o locus para se pensar a instância colaborativa na produção textual. Manuscrita. Nº. 32. Ateliê revista de crítica genética. 2017.

SOUZA, Débora. Edições interpretativas e crítica hipermídias: diferentes orientações de leitura na contemporaneidade. In.: **Edição do texto teatral na contemporaneidade** [livro eletrônico]: metodologias e críticas. Salvador, BA: Memória e Arte, 2021.

SOUZA, Arivaldo; MAGALHÃES, Lívia. Ciborgues textuais: posturas e decisões para a produção de edições digitais. In.: **Filologia e Humanidades Digitais**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2018.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica**: crítica textual. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poetica/ EDUSP, 1994.

TAVANI, Giuseppe. Los textos del siglo XX; Teoría y metodología de la edición crítica de textos literarios contemporáneos. In: **Litterature latino-americaine et des caraibes du xx siecle**: théorie et pratique de l'édition critique. Roma: Bulzoni, (Collection Archives).1988. p. 58-59; p. 65-84.

ZILBERMAN, Regina. 2009. **Autores entre o testemunho e o arquivo**. Patrimônio e Memória, Assis, v. 4, n. 2, p. 82-107, jun. 2009.